



A PESCA — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÓGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 13 — 3.º anno)

**P**OR SUA conta creio que não, que pouco tinha a lucrar n'isso. A encommenda vinha feita do Bihé, e eram emissarios d'ella os muleques de Silva Porto. Caiumbuca tomou o papel principal, depois das instrucções recebidas dos pretos de Belmonte. O mandatario estava ao longe, muito ao longe.

A causa estava na minha missão, e na guerra que, em nome do meu Portugal, eu fazia sem treguas, ao commercio da escravatura.

Alguns exploradores africanos, e sobre todos o *Commander* Cameron e David Livingstone, tem apontado muitos factos horriveis e verdadeiros do commercio da escravatura, feito no interior d'África por sertanejos portuguezes.

Por muitas vezes, a opinião publica em Portugal tem levantado a sua voz potente, contra as asserções vilipendiosas dos accusadores estrangeiros, querendo negar factos que elles asseveraram, e em que ella não acredita, porque,

na sua indole bondosa, é incapaz de os comprehender e de os admittir.

Infelizmente elles são verdadeiros, e mais ou menos romantisados, não deixam de conter um germen de realidade.

Mas serão esses factos uma nodoa para Portugal? Não são. Affirmo-o, e sustento-o.

Os sertanejos portuguezes, que mais se aventuraram no interior do continente africano, quando o fazem, deixaram de ser portuguezes.

São condemnados, fugidos dos presidios da costa, são homens a quem a sociedade supprimiu as garantias do cidadão, são reprobos a quem a sentença infamante da justiça imprimiu um indelevel ferrete de ignominia; são os salteadores e assassinos, a quem a patria banuiu do seu seio com horror, que poderam quebrar o grilhão de ferro com que estavam acorrentados ao patibulo aviltante; e fugindo a um mundo onde só os espera o desprezo da gente civilisada,

vão ao longe buscar entre os selvagens a guarida que perderam, e continuar allí a sua vida de crimes.

Taes homens não deshonram a sua patria, porque não tem patria.

Querer tornar Portugal solidario dos crimes dos sertanejos africanos, é querer tornar a França responsavel dos actos da Communa, a America do assassino de Lincoln, a Italia dos salteadores dos Abruzos.

Ha reprobos em toda a parte, e não podem ser nodoas nos povos que os esmagam na sua justa indignação.

Dos sertanejos europeus que tem estado estabelecidos no Bihé, de dois apenas tenho noticia, que não pertencessem a tal ordem de gente. São elles Silva Porto, e Guilherme José Gonçalves; mas estes foram sempre queridos e estimados do indigena e do europeu, gozaram sempre da consideração que a sua honradez e probidade lhes grangearam, foram cidadãos prestantes, que, com um trafico legal e digno, nem chegaram a fazer fortuna, e foram muitas vezes victimas dos outros.

O nome de Silva Porto é respeitado pelo gentio, e conhecido n'uma grande parte da Africa central pela corrupção da palavra *Próto*, e mais de uma vez me servi d'elle para desfazer obstaculos.

Em Cassange, como em Tete, outras duas portas da Africa central, ha portuguezes dignos e nobres, que têm feito um grande serviço á humanidade no commercio licito com o interior; esse commercio, que é o mais seguro mensageiro da civilisação na terra dos negros.

Não confundamos pois; não confundamos, e será pouco nobre ir buscar a auctoridade do explorador, para lançar, apontando factos verdadeiros, mas nada producentes, um labeo sobre um povo nobre, o primeiro que deu mão forte á Inglaterra contra o trafico infame; sobre um povo que sacrificou os seus interesses africanos legislando a abolição da escravatura; contra um povo, o mais livre do mundo, que estendeu a sua liberdade até á Africa, mandando para lá as leis que o regem na Metropoli, chegando ao excesso de abolir allí a pena de morte, e de lhes mandar um código que por liberrimo é impossivel entre gente mais que semi-barbara.

Não precisa Portugal justificação: que o defendem os factos, as leis e a energia que emprega na grande obra da civilisação africana; mas, fallando do trafico da escravatura de que

por vezes ia sendo victima, não me pude eximir a pôr a questão nos seus verdadeiros termos.

José Alves, Coimbras e outros, esses nem ao menos são portuguezes de nascença; não se parecem com portuguezes na côr, são indigenas, sem instrucção, verdadeiros selvagens de calças e chapéus.

Affirmo tambem, que é mais difficil viajar em Africa por terras onde elles tem andado, do que nas regiões barbaras dos canibaes, que nunca viram um estranho. Aqui fazem a guerra ao explorador, quando a fazem, de armas na mão, frente a frente; allí é a traição e a covardia que o esperam. Aqui é explorar na brenha espinhosa onde o leão occulta o seu antro; allí é caminhar n'um prado relvoso, entre venenosas serpentes.

Outra cousa inconveniente ao explorador é ir ás sedes dos grandes potentados. Veja-se o que tem acontecido no Muatayanvo; veja-se o que aconteceu a Monteiro e Gamito no Muata-Casembe; veja-se o que me tem acontecido a mim com Lobossi, no Lui.

O sertanejo Biheno, na cubiça de obter o marfim, dá tudo ao regulo; chega a dar-lhe a roupa que leva vestida, e volta ao Bihé de tanga de pelles, como os seus carregadores.

No Lui, quando era muito frequentado por sertanejos Bihenos, havia o costume de elles entregarem tudo ao regulo, e esperarem que elle lhes dêsse pela factura que levavam, o que entendesse sufficiente.

O explorador que hoje chegue allí e não faça o mesmo, está perdido.

Além d'esta, outra razão deve aconselhar o explorador a evitar os grandes potentados; é ella o caso de uma aggressão, sempre de receiar.

Com os pequenos senhores que povoam a maior parte da Africa austral, poderá, em tal caso, levar a melhor; em quanto nos grandes imperios será forçosamente esmagado.

Isto pensava eu voltando ao meu campo nas montanhas de Catongo, a 17 de setembro, depois de ter comido leite coalhado e batatas em casa de Machauana

Ceguei a Catongo já noute, e soube que o meu Augusto tinha morto uma gazella, o que nos fazia optimo arranjo.

As armadilhas improvisadas continuavam a dar patos e francolins.

Nos dias seguintes, os trabalhos tomaram-me todo o tempo, podendo obter uma longitude muito approximada, e fazendo uma rigorosa de-

terminação da declinação da agulha, estudos meteorológicos, etc.

No dia 19 ainda não tinha recebido mais novas do rei Lobossi, e decidi mandar lá o Verissimo, a saber se a offerta das canôas era ou não comedia. N'esse dia appareceram alli uns pretos, que pelo typo conheci logo não serem do paiz. Diziam elles serem da Luêna, e querendo indagar onde ficava essa terra, elles mostravam-me o N. E., e por meio de nós dados em uma correia fina faziam-me comprehender que tinham andado vinte e seis dias para chegar alli. Vinham em nome do seu chefe comprimentar o rei Lobossi, e sabendo que estava um branco no paiz, vieram vêr-me, por ser animal novo para elles.

Para fallarmos, servia-me de interprete o velho chefe da aldeola, que fallava a lingua dos Machachas, lingua em que elles se exprimiam bem, dizendo ainda assim ser muito differente da sua. Disseram-me haver no seu paiz muitos elephantes, e serem caçadores, empregando para isso a azagaia, unica arma de que usam. São franzinos de corpo e de pequena estatura, com feições bastante regulares. Uns vinte que eu vi, traziam, quasi todos, na cabeça uns penachos feitos de sedas de elephante, morto pelo que o traz. Vestem pelles como os do Cuchibi, e trazem pannos de *liconde* para se cobrirem

Traziam manilhas de ferro e de cobre, fabricadas por elles. A difficuldade que havia de nos entendermos não me permittiu levar muito longe as averiguações ácerca do paiz d'elles e dos terrenos que atravessaram para chegar alli.

No dia 21, Verissimo voltou de Lialuí, dizendo que as canôas estavam promptas, e que Lobossi me mandava pedir para ir ficar na cidade no dia immediato. Enviei logo um homem ao rei, dizendo-lhe que só iria em dois dias, por estar doente; sendo o verdadeiro motivo d'essa demora, o ter de fazer observações e completar estudos meteorológicos no dia 22. Por esse mesmo enviado mandei dizer a Gambela, que me apromptasse aposento em sua casa, porque iria ser seu hospede. Eu queria fazer do ladrão fiel.

A 23 de setembro, deixei Catóngo, e caminhei para Lialuí, onde cheguei ás duas horas e meia da tarde. Gambela esperava-me com pompa, e foi conduzir-me ao alojamento que me tinha preparado. A marcha por um sol abrazador prostrou-me de fadiga, e só á noite pude ir visitar Lobossi. Elle recebeu-me muito bem, di-

zendo-me, que estava convencido de que fôra illudido por Caimbuca e pelos muleques do Silva Porto; que acreditava ser eu um enviado do governo do Mueneputo, e que me queria dar todas as satisfações pelos transtornos que eu tinha soffrido nos seus estados, de que elle dizia não ter tido a menor culpa.

Aproveitei tão boas disposições, para renovar o meu pedido de gente e auxilio, para seguir pelo paiz do Chuculumbe até Caiuca, e descer depois o Loengue embarcado, e ir ao Zumbo pelo Zambeze. Respondeu-me, que isso não podia ser, porque esse projecto encontrava uma grande opposição nos velhos do seu conselho. Que o Munari (Livingstone, no tempo de Chicreto, já tinha feito aquella viagem com gente do Lui, e que nenhum dos que com elle foram para leste voltará mais ao paiz.

Os velhos, fallando elle n'isso disseram-lhe, que me perguntasse o que era feito dos seus irmãos Mbía, Caniata e Scuêbu, e muitos outros que foram e não voltaram. Diziam elles que, ao partir, Livingstone prometteu que os tornaria a trazer alli; e ainda hoje as mulheres e os filhos esperam por maridos e pelos paes.

Afirmou-me, que se podêsse, me daria gente, mas a resistencia do povo era grande e não lhe convinha ir contra ella. Os três barcos estavam ás minhas ordens para descer o Zambeze, e nada mais podia fazer por mim.

A 24 de setembro, logo de manhã, recebi a visita de Lobossi que se vinha despedir de mim, e apresentar-me os seus escravos que deviam tripular as canôas até umas povoações do Zambeze, onde o chefe me deveria dar novos barcos e novas tripulações. Deu-me uma pequena ponta de marfim, para eu offerecer ao chefe das povoações onde arranjaría os barcos, e trazia tambem um boi para a matolotagem. Agradecei-lhe muito, e separámo-nos nos melhores termos de amizade. Segui a S. O., e depois de uma hora de caminho, encontrava o braço do rio a que chamam pequeno Liambai, e pouco depois, tres pequenas canôas largavam a margem, levando a minha bagagem, a mim, a Verissimo, Camutombo e Pépéca.

O Augusto, Moero e Catraio, com as duas mulheres, seguiram por terra, acompanhados do caçador Jasse e do chefe Mutiquetêra, mandados por Lobossi, para seguirem commigo, e irem dando as suas ordens aos chefes, afim de ter o caminho livre.

Mais dois entes, de que me tenho descurado

de fallar, dois entes que representavam duas dedicações inquebráveis, aquelles que desde a minha sahida não me haviam dado um unico dis-sabor, estavam alli commigo, sempre promptos a seguir quando eu marchava, a pararem quando acampava, a dispensarem-me mil caricias quando me viam triste, a divertirem-me quando alegre estava. Eram Córa e Calungo, a minha cabri-nha e o meu papagaio

A viagem do rio ia separar-me todos os dias de Córa, que não podia ir sempre embarcada pela exiguidade de espaço nas canôas, mas Calungo voando sem medo para o meu hombro, seguiu embarcado.

Depois de termos navegado ao sul por um quarto de milha, deixamos o pequeno Liambai, e mettemos a S. O. por um canaete, por onde o braço oeste do rio deita um pequeno veio de agua, de lagôa em lagôa para o braço leste.

No intervallo entre as lagôas, ás vezes de mais de cem metros, o navegar é difficil, porque é difficil navegar onde não ha agua. Foi preciso muitas vezes descarregar os barcos e arrastal-os sobre um fundo de lodo. Nas lagôas o caniçal espesso embaraçava tambem a navegação.

Depois de um trabalho violento e aturado, paramos ás seis horas na margem de uma lagôa, em planicie recentemente queimada, onde não havia com que construir o mais pequeno abrigo.

Tinha havido o cuidado de levar lenha, e com ella podêmos assar carne, que eu comi com appetite voraz, por não ter ainda n'esse dia tomado alimento. Estendi depois a minha cama de pelles sobre a terra humida e deitei-me ao relento.

Os remadores estiveram toda a noute assando carne e comendo, fazendo assim desaparecer a maior parte do boi dado por Lobossi, e mostrando que a capacidade estomachica dos subditos do rei do Lui era verdadeiramente incommensuravel.

Depois de uma pessima noite, parti ao alvorecer do dia 25, e naveguei em uma lagôa por meia hora, entrando em seguida no braço principal do Liambai. Aparecia nas margens uma tal quantidade de caça, que fiz parar a flotilha, e entrar em serviço a Carabina d'El-Rei, que, na sua estreia, me forneceu logo viveres que calculei chegariam para dois dias, apesar da veracidade dos Luinas.

O Liambai tinha alli uns 200 metros, e muito fundo. A corrente era pequena, e essa mesma

não aproveitada pelos remadores, que receando os hippopotamos, que sem cessar vinham resfolgar no pego, iam sempre encostados ás margens, onde a agua pouco funda não permittia o accesso aos enormes pachidermes. Tinhamos de parar de instante a instante, para tirarmos agua das canôas velhas e fendidas.

Parei junto a Nariere, para calafetar o meu barco, e em quanto os pretos faziam trabalho comervas e barro, medi a velocidade da corrente, que achei ser de 24 metros por minuto. O meu rumo medio era S. E., mas o rio dá alli voltas curtas em grande zig-zag; tendo eu em uma d'ellas navegado por 20 minutos a N. O. Acampeei na margem esquerda pelas cinco da tarde nas mesmas condições da vespera, sem abrigo e ao relento.

Muitas vezes, n'aquelle dia, quando fugiamos aos hippopotamos de um lado, appareciam elles no outro, e corremos perigo grave.

Eu não lhes quiz atirar, para não gastar as munições. Só quem se vê no centro d'Africa com pouca polvora sabe o valor de um tiro.

Os barqueiros, que eram escravos do rei Lobossi, quizeram ser insolentes commigo, mas eu metti-os na ordem a pau, segundo instrucções recebidas do proprio Lobossi, que prevenira o caso.

O Verissimo, que desde Quillengues resistira á febre, cahiu com um violento accesso, e eu mesmo não estava sem ella.

No dia immediato naveguei apenas por espaço de uma hora, parando junto á povoação de Nalôlo, governada por uma mulher, irmã de Lobossi. Mandeí pedir-lhe desculpa de a não ir visitar, allegando a minha doença e a febre do meu interprete Verissimo. Ella acceitou a desculpa, e enviou-me um pequenó presente de massamballa; apesar de doente fui caçar, para fazer nova provisão de viveres, e consegui matar dois antilopes (Pallahs). As pelles, como as da ante-vespera, foram seccas com cuidado e guardadas.

Pude trocar uma perna de carne de Pallah por um pequeno cesto de feijão fradinho.

Verissimo peiorou muito n'esse dia, e eu á noute ardia em febre tambem, tendo, apesar d'isso, de dormir ao relento n'um terreno humido. Accordei completamente encharcado do orvalho, e muito doente. Segui viagem, e depois de seis horas uteis de navegação, com o rumo medio de S. S. E., acampeei, sempre na margem esquerda.

Apesar de outra noite pessima, a febre ia cedendo a fortes doses de quinino, e no dia 28 naveguei por hora e meia para alcançar a povoação de Moangana, cujo chefe me devia fornecer um barco por ordem de Lobossi.

O velho Moangana era um Luina de cabellos grisalhos, muito respeitoso, que me recebeu muito bem, dizendo-me que no dia immediato me levaria elle mesmo á povoação da Itufa, onde eu devia pernoitar, um barco e algum presente que me podésse arranjar.

O vento era fortissimo de leste, e encrespava as aguas do rio, que não tinha menos de uma milha de largo. Havia perigo para canôas tão pequenas como as nossas, mas, apesar d'isso, seguimos, e em hora e meia chegamos a Itufa, grande aldeia, na margem esquerda.

Mais de uma vez estivemos em grande risco de sossobrar, e declaro que é triste perspectiva a de cahir a um rio coalhado de crocodilos.

O Verissimo ia um pouco melhor e eu mesmo, apesar da febre quasi constante que me minava, sentia-me com mais forças.

Já me esperavam na aldeia, prevenidos pelos meus muleques que journadearam por terra, e que, com o caçador Jasse e com o chefe Mutequetera, haviam chegado n'essa manhã.

O chefe recebeu-me bem, dando-me logo uma casa, e offerecendo-me uma panella de leite coalhado e uma cesta de farinha de milho; mas começou por dizer-me que tinham enganado Lobossi, e que elle não tinha barco.

Comi um pouco de leite e farinha, e os meus muleques n'um momento fizeram desaparecer o resto do presente do chefe, declarando-me que tinham fome, depois de terem comido tudo. Instei com o chefe para me obter alguns viveres mais; mas elle respondeu-me, que só a trôco de fazendas m'os dariam, e como eu não as tinha, nada se poderia fazer.

Dei aos muleques as pelles dos antilopes que tinha morto, e a trôco d'ellas sempre arranjaram farinha, ginguba e tabaco.

Á noite, quando me fui deitar, vi que estava rodeado de aranhas enormes, muito chatas e negras, que desciam das paredes em vagaroso caminhar; e fugi da casa, indo deitar-me no pateo, ao relento. Estava escripto, que durante a minha viagem no Zambeze, nem uma só noite um tecto abrigaria o meu somno.

No dia 29, logo de manhã, chegou o velho Moangana com o promettido barco.

Veio renovar os seus protestos de amizade,

e retirou-se, dizendo-me que tinha cumprido as ordens do seu rei Lobossi, e esperava que eu estivesse satisfeito, porque elle queria a amizade dos brancos.

Na Itufa continuavam as difficuldades para a outra canôa; o chefe só fazia repetir-me que a não tinha, e lastimar que houvessem enganado Lobossi e a mim.

Os Luinas e Macalacas tem por habito esconder as canôas em lagôas interiores cobertas de caniçal, que communicam com o rio por pequenos canalêtes disfarçados pela vegetação e só d'elles conhecidos. Quando não querem que as vejam, difficil é encontral-as.

O caçador Jasse e o chefe Mutequetera, conhecidos das manhas dos Luinas, tanto buscaram entre os caniçaes das lagôas, que encontraram uma canôa, fazendo o chefe da Itufa mil protestos, de que ignorava que ella estivesse alli.

As casas da Itufa são, como todas as dos Luinas, de tres fôrmas differentes, e taes como já descrevi fallando das povoações de Canhete e da Tapa; mas aquellas que tem a fôrma tronco-conica são de muito grandes dimensões. A que me foi offerecida pelo chefe, a casa das aranhas, media, no quarto interior, 6 metros de diametro, e no exterior 10.

N'estas dimensões, não podem como as outras ser construidas só de caniços, e umas fortes estacas verticaes sustentam o tecto, cuja armação é de longas varas de madeira.

Ha ainda na Itufa outro typo de casas, que é original d'alli.

São compostas estas de uma casa ogival, a que addicionam uma semi-cilindrica deitada no sentido do eixo, formando assim dois compartimentos distinctos. Estas casas são grosseiramente construidas, ao passo que a casa tronco-conica, verdadeiro typo da casa Luina, é edificada com cuidado, e muito resguardada.

Pela primeira vez, depois de ter deixado o Bihé, vi gatos em Africa, que os ha em abundancia na povoação da Itufa. Ha tambem alli muitos cães de boa raça, que empregam com vantagem na caça dos antilopes.

Continuava a difficuldade de obter viveres, mas a carabina suppria a falta de fazendas para permutações, e sempre iam obtendo alguma farinha de massambala a troco de carne e pelles.

As tripulações estavam promptas, e os dois barcos em acção de seguir, quando uma nova difficuldade veio retardar a viagem.

Os remadores declararam que não embarca-

vam, em quanto eu não depozesse nas sepulturas das mulheres dos antigos chefes da Itufa, alguns massos de missanga branca.

Sem ser cumprido esse preceito, afirmavam elles estarmos sujeitos a innumerous perigos durante a viagem; porque as almas das mulheres dos chefes, desassocegadas e irritadas, nos perseguiriam sem tréguas. Eu, que não tinha missanga, nem branca nem preta, chamei o chefe e mostrei-lhe a absoluta impossibilidade de socgar as almas das fidalgas da Itufa. Elle a muito custo pôde resolver as tripulações a seguir, mas foi só no primeiro de outubro que largamos d'alli.

O meu novo barco era uma piroga, cavada em um comprido tronco de Mucusse, e media 10 metros de longo por 44 centímetros de bocca, e 40 centímetros de pontal.

As duas arvores empregadas no alto Zambeze para a fabricação das almadias, são o *Cuchibi* e o *Mucussi*, enormes leguminosas das florestas, da região das cataractas. A madeira d'estas arvores gigantes, é de extrema dureza, e de maior densidade do que a agua.

A minha piroga era tripulada por quatro homens, um á prôa e tres á ré.

Eu ia sentado na frente, a um terço do comprimento do barco, sobre a minha mala pequena, que continha os meus trabalhos. O duplicado do meu diario, observações iniciaes, etc., levava eu amarrados ao corpo com uma cinta de lã. As minhas armas iam ao meu lado, e as pelles do meu leito completavam a carga.

Na outra canôa, Verissimo, Camutombo e Pépêca, as malas da roupa e instrumentos, e a caça que ia matando. Os remadores remam sempre de pé, para equilibrarem as canôas, que se voltariam sem isso. O remar em taes barcos é verdadeiro exercicio acrobatico.

Uma piroga do alto Zambeze é como um patim gigantesco, em que o remador tem de fazer todos os prodigios de equilibrio do patinador sobre o gelo, para sustentar a posição estavel. Foi em taes condições que eu, no dia 1 de outubro, deixei a Itufa, e me aventurei sobre o rio gigante, cujas ondas levantadas por um forte vendaval de leste, ameaçavam a cada momento submergir as estreitas almadias.

Depois de quatro horas de viagem, parei na margem esquerda, em uma pequena enseada, onde a gente que vinha por terra tinha dado ponto de reunião aos barqueiros. As minhas novas tripulações eram mais comedidas do que os

muleques do rei que me trouxeram a Itufa, mas começavam já com pedidos e exigencias.

Não encontrei caça no matto, mas tendo chegado alguns bandos de patos a uma lagôa proxima, fui ao barco buscar a espigarda de caça miuda, de que só tinha 25 cartuxos, e consegui matar 17 patos, de 6 tiros.

O ponto onde eu estava, era o extremo sul da grande planicie do Lui. As duas nervuras de montanhas, que no paralelo 15 estão distanciadas de 30 milhas, convergem alli, só parando para dar um leito de dois kilometros ao Zambeze. Á planicie monótona e nua succede o paiz accidentado e coberto de luxuosa vegetação. Ás margens de areia branca e finissima, uma areia que, comprimida sob os passos do homem, solta vagidos como os de uma criança, produzindo uma impressão inexplicavel, porque, estando muito secca, imita um fraco grito humano. A essas margens de areia tão extraordinarias, succede, em transição rapida, o terreno vulcanico; e são blocos de basalto que marginam o rio.

Foi com o maior sentimento de prazer que os meus olhos se fixaram sobre esses penedos denegridos, vomitados em ondas de fogo nas epochas primitivas do mundo. Desde o Bihé, que não via uma pedra, e com satisfação olhava para aquellas que via alli.

Quando o meu cozinheiro Camutombo tratava de accender fogo para cozinhar os patos, o lume communicou-se á herva alta e secca que cobria o solo, e logo, assoprado por um vento forte, voou por sobre a terra em ondas de chamas.

O atear do incendio foi tão rapido, que por um momento estivemos envolvidos n'elle, tendo de nos precipitar nas canôas para lhe escapar.

No dia immediato parti, sempre a S. S. E., e depois de quatro horas de navegação, comecei a encontrar grandes filões basalticos, atravessando o rio no sentido E. O. Alguns vem tanto á flôr d'agua, que tornam difficil a navegação, e ainda que a corrente é inapreciavel, foi preciso diminuir a velocidade dos barcos para evitar choques perigosos, n'aquelles paredões naturaes.

O rio começa, na região basaltica, a ser povoado de ilhas cobertas de vegetação pomposa. Pela tarde, avistamos um bando de *ongiris* (*Strepsiceros kudu*) que pastavam na margem direita.

Desembarquei um pouco a montante, e consegui matar um dos soberbos antilopes.

Mandei seguir o barco, e eu caminhei por terra por espaço de uma hora.

Levantei bandos de francolíns, codornizes e pintadas (*Numida meleagris*), que nunca tantos vi em Africa. A terrível mosca zê-zê também é abundantíssima alli; incommodou-me muito na floresta com as suas picadas dolorosas, mas inofensivas para o homem; e tantas havia e tanto me perseguiram, que até depois de estar no barco ainda por muito tempo estive coberto d'ellas.

Fui acampar n'uma ilha muito extensa, de um aspecto lindissimo, depois de seis horas uteis de navegação a rumo de S. S. E.

O Verissimo estava completamente restabelecido, mas eu era devorado por uma febre lenta e continua, que me minava a existencia.

No dia 3 de outubro segui viagem, sempre por entre ilhas fofoquissimas, cobertas de vegetação luxuriante. Navegavamos havia duas horas quando vimos dois leões que na margem direita bebiam agua do rio. Apesar de eu ter estabelecido como regra não me entremetter com feras, sem a isso ser forçado, e apesar ainda do valor que então tinham para mim os cartuxos, os instinctos do caçador venceram a razão, e mandei abicar a canôa á margem, direita aos bichos.

Os leões, percebendo-nos, deixaram o rio e foram postar-se em uma eminencia a duzentos metros. Saltei em terra e caminhei para elles.

Deixaram-me approximar a uns cem metros, e depois pozeram-se lentamente a caminho para montante do rio, parando de novo depois de curto espaço. D'essa vez acerquei-me a cincoenta metros, mas elles caminharam de novo e embrenharam-se em um pequeno massiço de arbustos. Eram dois leões machos de grandeza desigual, tendo um quasi o dobro da corpulencia do outro.

Cheguei junto do matagal, e perscrutando a brenha, vi a cabeça de um dos magestosos animaes, por entre os arbustos, a vinte metros de mim. Preparei a carabina, e ao apontar, senti um tremor convulso percorrendo todos os membros. Lembrei-me de que estava fraco e debilitado pela febre, e receei que o pulso tremesse ao dar ao gatilho. Tive uma sensação singular que até então não havia experimentado, e que provavelmente era a do susto. Por um esforço de vontade o tremor parou, a carabina tomou firme a direcção que eu lentamente lhe dava, e como ao atirar a um alvo, quasi fui surpreendido pelo meu proprio tiro. Passou rapida a nuvem de fumo, e nada vi no sitio onde segundos

antes se mostrava a cabeça da soberba fera. Carreguei novamente o cano vasio, e com dois tiros promptos, dei volta ao massiço. Para o lado do Norte seguiam as pégadas de um leão, mas de um só. O outro estava ainda alli. Aventurei-me no cerrado de arbustos, e entre um tufo d'hervas vi o corpo inerte do rei das florestas africanas. A bala *express* esmigalhando-lhe o craneo, cortara-lhe de golpe a vida. Chamei gente, e n'um momento a pelle e garras foram-lhe arrancadas.

Na massa encephalica foi encontrada a bala que produziu a morte <sup>1</sup>.

Ao largar a margem, principiamos a sentir, mal distincto, um ruido longiquo, semelhante ao do mar revolto quebrando nas rochas das praias. Devia ser uma cataracta, e essa ideia, que logo me occorreu, foi confirmada pelos remadores. Pouco depois os filões basalticos multiplicavam-se, formando paredões naturaes, sempre no sentido E. O.; mas, ao contrario do que tinha acontecido até alli, o rio já levava uma corrente rapida que tornava perigosissimo o navegar. Um bando de Malancas que vimos na margem direita, obrigou-me de novo a parar, e conseguindo eu matar uma, proseguindo na viagem depois de nova interrupção de uma hora.

Pela tarde, fomos acampar junto das aldeias da Sioma, estabelecendo o meu campo sob uma gigante Figueira-Sycomoro, perto do rio.

A viagem d'esse dia foi de cinco horas e meia, sempre a rumo S. S. E.

N'essa noite o meu somno foi acalentado pelo ruido da cataracta de Gonha, que a jusante dos rapidos da Situmba, interrompe a navegação do Zambeze.

No dia 4, logo de manhã, depois de ter comido um prato enorme de ginguba, presente do chefe das povoações, tomei um guia e dirigi-me para as cataractas. O braço de Liambai cuja margem esquerda eu descia, correndo a principio a S. E., vai vergando para O., até que chega a correr perfeitamente E. O.; e n'essa posição recebe dois outros braços do rio, que formam tres ilhas cobertas de vegetação esplendida. No sitio onde o rio começa a curvar para O., ha um desnivelamento de tres metros em 120, formando os rapidos da Situmba.

<sup>1</sup> Esta bala e algumas garras da enorme fera, foram oferecidas a Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. Luiz I.

## AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO

POR

M. EDUARDO DE LAVELEY

(Continuação da folha 14 — 3.º anno)

TRES linhas ha construidas na cidade; uma na margem do Hudson; outra ao centro da península na septima avenida; a terceira junto do rio d'Este, na terceira avenida. As duas ultimas entroncam em Castel-Garden, na extremidade da cidade. Quando começou a exploração dos caminhos de ferro aereos, o publico tinha receio de viajar n'uma via de apparencia tão fragil e perigosa; hoje já ninguem hesita em subir as escadas que dão accesso a estações collocadas a quatro metros acima do solo. Desastre algum veio ainda abalar a confiança dos passageiros e, facto ainda mais singular, até á minha estada em New-York ainda não se dera desgraça alguma nos vehiculos ordinarios que tivesse por causa o comboio que por cima d'elles corre.

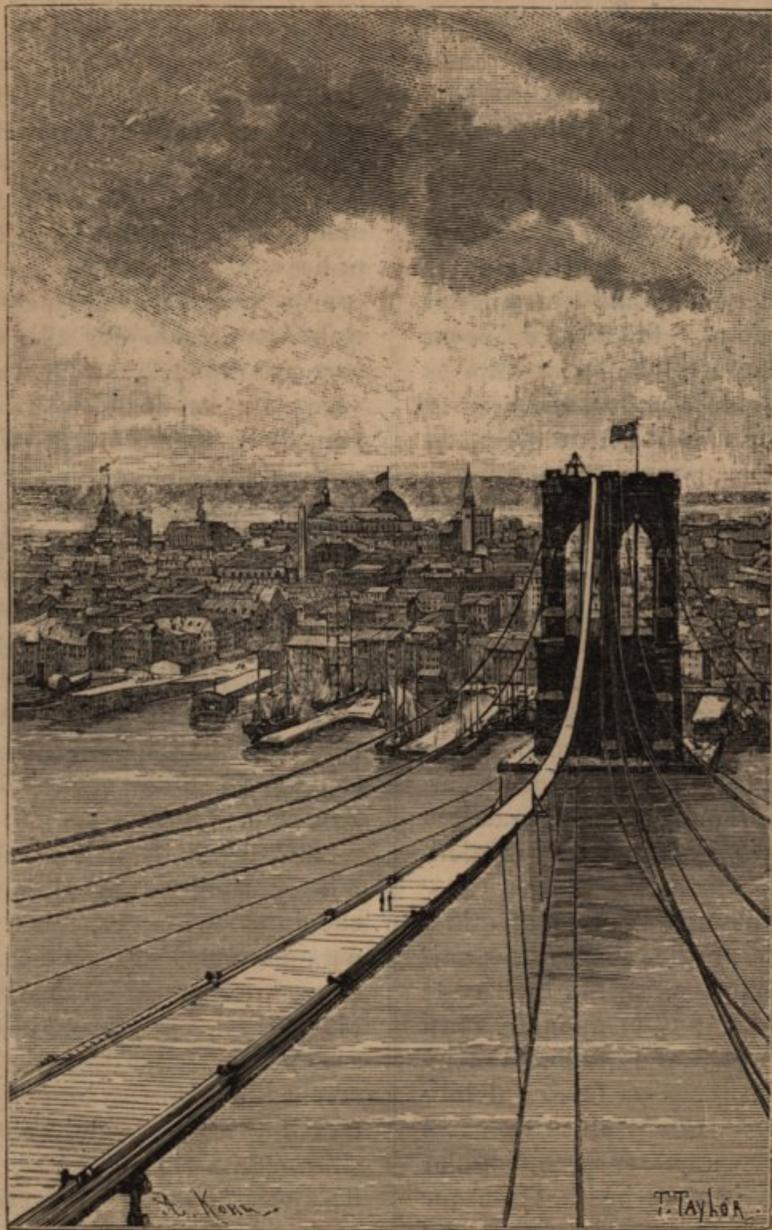
Se os caminhos de ferro aereos são uma prova do espirito emprehendedor do povo americano, a ponte pensil que deve ligar New-York, a cidade mãe, a Brooklyn, sua filha mais velha, quasi sua irmã, mostrou-nos até onde pôde chegar a sua temeridade.

Ainda aqui foram necessarias condições topographicas especiaes para tornar exequivel o problema de lançar uma ponte sobre um braço de mar de novecentos metros de largura, per-

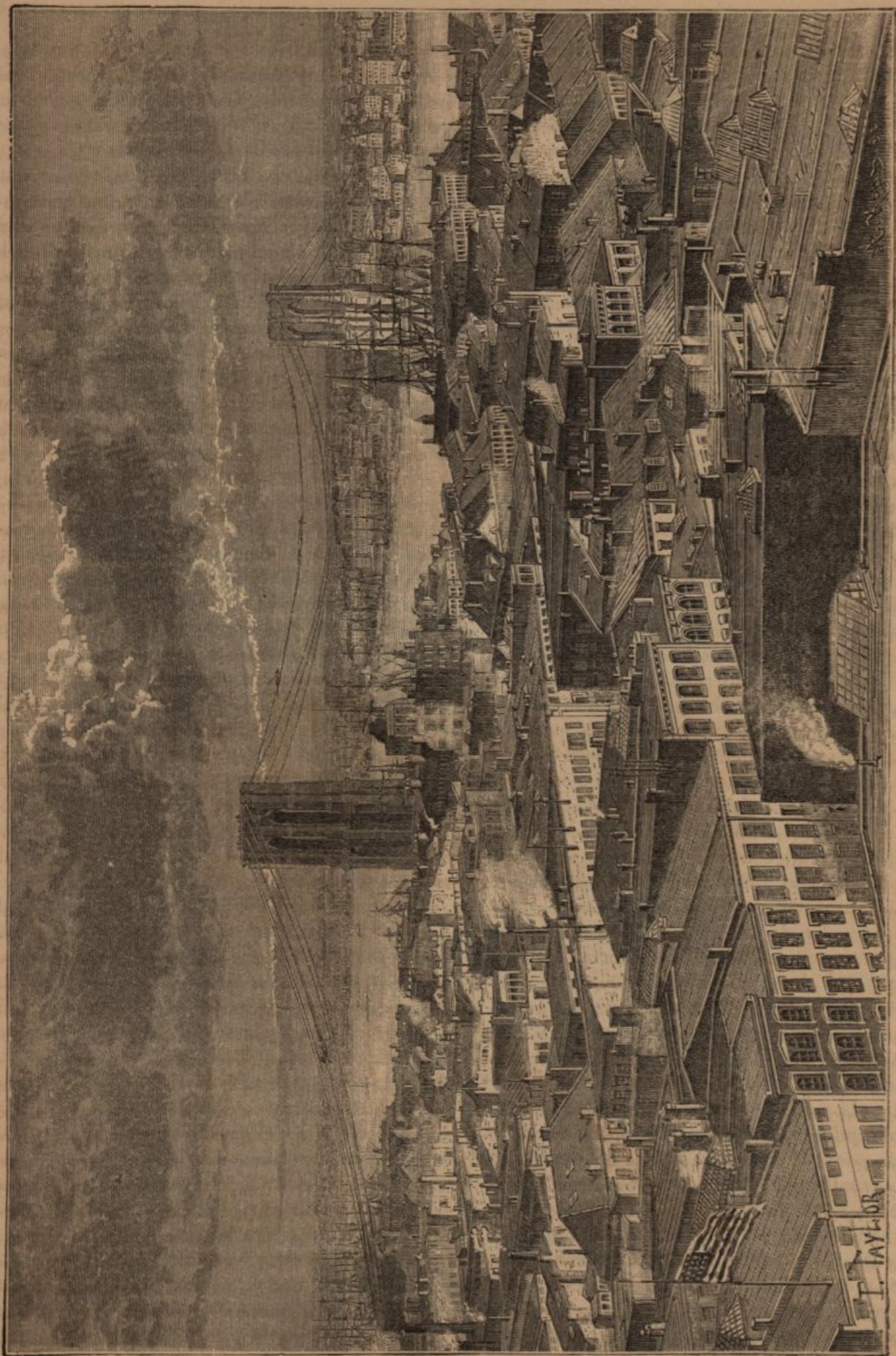
mittindo que por debaixo passem os navios de maior lotação. A península de Manhattan em que está edificada New-York tem a forma d'um dorso. A partir d'aresta central o terreno desce suavemente até ao mar e Brooklyn está tambem edificada no declive d'uma collina marginal ao rio d'Este. Esta disposição especial faz com que se possa chegar ao nivel do ponto mais elevado sem rampas muito longas e excessivamente violentas.

Tornava-se indispensavel estabelecer communições facéis com Brooklyn que actualmente conta trezentos mil habitantes e que na realidade é um bairro de New-York. Muitas das pessoas que têm escriptorios em New-York habitam Brooklyn. Entre as duas cidades ha tão gran-

de movimento que existem sessenta companhias de vapores unicamente destinados a esta viação e que ainda assim não são de mais.



PASSAGEM PROVISORIA NA PONTE BROOKLYN. — Desenho de Taylor, segundo uma photographia



A PONTE DE BROOKLYN — Desenho de Taylor, segundo uma photographia

Estes *ferry-boats* estão em constante movimento. Chegados a uma margem partem passados cinco minutos para a outra. Um dia de nevoeiro, uma tempestade ou congelação das aguas interrompe todo este movimento, torna as communicações difficéis e algumas vezes impossíveis. Imaginem todas as pontes do Sena repentinamente obstruidas e Paris da margem esquerda separada da Bolsa e dos *boulevards* e isto em condições que os costumes americanos tornam duplamente insupportaveis.

A ponta pensil de Brooklin ainda não estava concluida quando estive em New-York e só o estará nos fins de 1882, se os calculos dos engenheiros forem exactos. A ponte será de dois taboleiros. No segundo haverá duas vias para caminhos de ferro; por baixo circularão os *trams-ways* e as carruagens, tendo ao lado um espaço reservado para piões. O primeiro taboleiro será collocado a vinte e cinco metros acima das aguas mais vivas.

Para sustentar este enorme peso estabeleceram quatro cabos de fio d'aço, cada um quasi tão grosso como o tronco d'um homem.

Alguns algarismos são necessarios para dar uma ideia do poder de resistencia d'estes sustentaculos gigantes; cada cabo é formado por dezanne fios não torcidos como os das cordas ordinarias, mas unicamente juxtapostos a fim de diminuir as probabilidades de rotura e compondo-se de cinco mil e duzentos e noventa e seis fios d'aço d'alguns millimetros d'espessura. Para proteger o metal contra a humidade enrola-se em volta do cabo um outro fio d'aço e cobre-se com uma camada de tinta impermeavel. Duas torres de pedra de cem metros d'altura dividem a ponte em tres partes. O vão central tem um comprimento de quatrocentos e noventa e nove metros, os dois outros cento e vinte um metro cada um. Assim é a ponte mais gigantesca e arrojada que os proprios americanos ousaram apprehender.

De cada lado do rio Este erguem-se os dois enormes pilares destinados a supportar todo o pezo da ponte; são construidos de enormes massas de granito e com dois arcos em ogiva semelhantes aos das cathedraes gothicas. Dos lados estão escadas em espiral dando accesso á parte mais elevada do edificio. Os quatro cabos destinados a suspender o taboleiro estão já collocados e a sua curva graciosa traçada a preto no azul celeste destaca-se por sobre o abysmo. Um taboleiro provisório, construido para serviço dos

artistas, permite que se passe d'um lado para o outro do rio. Andaimos leves moveis estão suspensos dos quatro grossos cabos que os artistas estão pintando com a substancia impermeavel destinada a preservá-lo da oxidação.

Muitas cordas verticaes que devem sustentar o taboleiro cahem já dos cabos e entrecruzam-se no espaço com os fios sustentadores do taboleiro provisório e obstem a que este, impellido pelo vento, soffra violentas oscillações. Parece vêr-se uma teia de gigante aranha, cujos fios mais afastados se perdem no infinito.

O ponto de vista do alto das torres é esplendido. D'um lado estende-se New-York com o seu oceano de telhados d'onde, aqui e alli, surgem, como recifes, monumentos mais elevados do que os demais. Aqui o palacio do jornal *New-York Tribune* com os seus sete andares, com o seu torreão pontegudo; mais longe a massa imponente do *Post-Office* e os seus dois zimbórios, onde fluctuam as bandeiras da *Union*; adeante o palacio do *New-York Herald*; acolá a torre vermelha da igreja da Trindade; mais longe ainda o palacio da *Western Union Telegraph Company* bem em evidencia com o seu zimbório terminado por aguda flecha. O Hudson aperta a cidade com um cinto resplandecente ao sol, adeante avista-se a mastreação dos navios fundeados em Jersey-City e a propria Jersey-City com o seu amphitheatro de collinas escondidas pela nevoa. Por debaixo estendem-se os caes de New-York no rio Este, onde os mastros dos navios se nős afiguram espigas de uma ceara de trigo.

A agua scintilla a cem metros por baixo da Torre; do outro lado do braço de mar a torre, irmã d'aquella em que estou, e os quatro cabos negros, grossos como troncos d'arvore, parecem á vista, na outra extremidade, da grossura de fios apenas bastante resistentes para segurar um papagaio.

Os artistas que trabalham nos andaimes parecem moscas em equilibrio sobre fios de teias d'aranha. Na margem Brooklyn com as casas vermelhas de persianas verdes perde-se por entre a verdura dos parques e do cemiterio Green-Wood. O taboleiro provisório é formado de pequenas taboas com a largura d'alguns centimetros, deixando entre si um espaço approximadamente de dois dedos, presas em duas cordas de fio d'aço da grossura do punho d'uma creança. É necessario estar muito habituado para reagir contra a sensação de vertigem de que se é assal-

tado no meio da ponte, quando nos vemos rodeados e attrahidos pelo vacuo.

Vi trabalhadores habituados por uma longa pratica passear perfeitamente sobre o cabo em que trabalhavam e para evitar uma demora de dois minutos, ou talvez tambem pro bravata, darem enormes saltos d'um ponto para outro, quer fossem buscar um instrumento da sua ferramenta ou beber um trago de *whisky* com algum dos companheiros. Entre nós é provavel que um regulamento pozesse cobro a estas loucuras, mas nos Estados-Unidos a divisa é: «Cada um por si e Deus por todos» e a palavra da ordem: «liberdade». Não é Blondin quem quer e eu, devo confessal-o, agarrava-me convulsivamente ao corrimão quasi invisivel, que me separava do abysmo, quando a brisa imprimia aos cabos oscillações um pouco maiores.

O montanhez mais habituado ás ascenções vertiginosas dos Alpes experimentaria tambem provavelmente uma sensação pouco agradável ao sentir-se baloiçado a sessenta metros d'altura por cima d'um abysmo em que as aguas arrastadas pela maré ainda tornam mais terrivel o sentimento d'instabilidade e da falta de ponto d'apoiio produzido pelas oscillações. É quasi o vacuo absoluto. Por baixo de si, vêem-se, a uma grande profundidade, passar as ondas scintillantes e moveis do rio e, sem a acção directa da vontade, a mão crispa-se com convulsões febris e os pés procuram incrustar-se nas taboas atravez das quaes se avista o medonho abysmo. Só depois de estarmos em terra firme é que apreciamos a grandeza de tão notavel obra, o arrojo temerario de quem ousou delinear-a e o poder da vontade e do talento de quem a levar a fim.

Uma outra novidade de New-York no momento da minha chegada era o telephone. Inumeras sociedades se formavam para tirar partido d'essa maravilhosa invenção. Já grande quantidade de fios se cruzavam por cima dos telhados e se reuniam em enorme feixe nas circumvisinhanças das estações. O leão da occasião ou, para empregar a metaphora americana que melhor empregada não podia ser, a *estrella*, de quem toda a cidade de New-York n'este momento se occupava, era Edison. Acabava, diziam, de resolver o problema ha tanto tempo e tão ardentemente estudado da luz electrica applicada á illuminação das ruas. Naturalmente tive o desejo de conhecer Edison, mas como chegar até elle? Edison não recebia ninguem; não só para se livrar dos *interviewers* e dos *re-*

*porters* dos jornaes americanos de quem conhecia as insistencias, mas tambem para não ser cumplice, mesmo involuntario, das especulações na bolsa, pois que a palavra sahida da sua bocca, «inventei» bastaria para reduzir a zero o valor das acções das companhias do gaz de todo o mundo. Felizmente eu fôra recebido o mais amigavelmente possivel por M. Jorge Walker, economista financeiro hoje muito conhecido, consul geral dos Estados-Unidos em Paris. Como administrador d'uma companhia de telephones explorando a patente d'invenção d'Edison tinha precisamente n'essa occasião uma carta a dirigir-lhe, e offereceu-me o ser eu d'ella o portador. N'essa occasião vi pela primeira vez a applicação pratica do telephone. M. Walker communicou a sua esposa que iriamos jantar á noite. Parti immediatamente para Menlo-Park, perto de Jersey-City, onde Edison vivia.

Esta viagem de tres horas por um frio de quinze graus entre nós teria sido pouco agradável; mas para mim foi uma nova occasião de apreciar o conforto das carruagens americanas. O grande calorifero collocado em cada extremidade dos compartimentos, as duplas portas e duplas janellas, emfim o tubo d'agua quente circulando por baixo dos assentos conserva, embora haja o mais forte frio, uma temperatura sempre egual e agradável e d'este modo um trajecto mesmo longo, em vez de ser um supplicio, como entre nós, consente-nos uma leitura interessante, vendo ao mesmo tempo passar deante dos nossos olhos os aspectos severos das paysagens d'inverno. Em Jersey-City como na maior parte das cidades dos Estados-Unidos a via-ferrea passa pelas ruas da cidade. Assim succede não só nas pequenas localidades, mas mesmo nas cidades as mais povoadas e activas, como Chicago, S. Luiz, Philadelphia, Nova Orleans. Isto é ainda um contraste frisante entre a civilização europêa e os costumes americanos. Entre nós o perigo é talvez menor, mas fica-se preso desde que se compra um bilhete n'uma estação até á hora da partida d'um comboio, tendo-nos feito esperar muitas vezes mais de meia hora antes que se possa entrar para um vagão. Na America é exactamente o contrario, liberdade completa, absoluta, mas tambem extraordinaria facilidade em ser-se esmagado. Um aviso collocado em todas as carruagens de *tramways* em New-York previne os passageiros que é perigoso saltar d'uma carruagem indo esta em movimento: lê-se — «as pessoas que desejem muito arriscar a sua vida (*who wish very*

*much to risk their life*) farão melhor se saltarem da carruagem d'este ou d'aquelle modo.» É este um exemplo frisante do modo como a auctoridade n'este paiz intervem nos negocios particulares. Menlo-Park é uma pequena aldeia sem importancia, onde Edison se refugiou para se livrar dos curiosos. Os capitalistas que o sustentam concorreram tambem para a construcção d'um laboratorio modelo, onde se encontram todos os instrumentos necessarios ás experiencias do inventor. O edificio está isolado no campo; junto d'uma encosta contornada por uma estrada que leva ás habitações edificadas um pouco

mais acima. Nada mais simples, de menos imponente que o laboratorio d'Edison, d'onde tantas maravilhosas descobertas já têm sahido. É um edificio de fôrma rectangular com um unico pavimento construido de madeira, como geralmente são as casas de campo aqui: o edificio tem uma serie d'aberturas regularmente espaçadas, mas sem ornato d'especie alguma. Toda a ideia de luxo foi evidentemente sacrificada á utilidade pratica, pois necessario era que a luz penetrasse por toda a parte sem encontrar obstaculos. Deante da casa um pequeno jardim e pelo lado de traz um pateo, onde sob um alpen-



O NIAGARA NO TEMPO DOS GELOS — Queda d'agua americana — Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia

dre se vêem as caldeiras a vapor necessarias á producção da força. A casa onde o inventor habita com sua mulher e com seus filhos está a alguns minutos do laboratorio e é tambem uma construcção de madeira d'uma grande singularidade.

Edison trabalha no seu laboratorio com dois ou tres ajudantes que compartilham de toda a sua gloria e são os seus discipulos mais trabalhadores. Foi por um d'elles que eu fui recebido n'uma casa mobilada á americana, confortavelmente, mas sem luxo. Entreguei-lhe a carta de que era portador e esperei a resposta. Voltou immediatamente a dizer-me que Edison estava n'aquella occasião occupado, mas que elle estava á minha disposição para me mostrar o laboratorio até que o mestre chegasse.

Uma escada de madeira construida a um dos

lados do pateo d'entrada conduz directamente á sala d'experiencia que occupa todo o andar superior. Entre as janellas estão grandes armarios onde se vêem expostos todos os instrumentos que têm servido a Edison para as suas invenções. Ficarão celebres como o ficaram as primeiras tentativas de Volta, de Galvani ou d'Amperè emquanto no mundo houver culto pelas sciencias. Pude vêr o primeiro phonographo, construido todo elle por Edison, instrumento incompleto, quasi grosseiro e que não logrou até hoje chegar a uma completa perfeição, mais longe estava uma série de pennas electricas, desde os primeiros esboços da invenção até á sua ultima fôrma; em seguida estavam os instrumentos pelos quaes Edison conseguiu passar simultaneamente quatro despachos telegraphicos pelo mesmo fio; emfim a sua ultima obra, o te-

lephone Edison, baseado n'um principio completamente differente do de Ball. Não fallo das machinas electricas de todos os generos, das pilhas disseminadas por aqui e alli, dos cadinhos e dos alambiques indispensaveis a todo o laboratorio que se respeita.

O meu guia fez-me a historia de todas as descobertas do seu mestre, mas mostrou a maior descripção a respeito da luz electrica, cujos re-

sultados eram esperados n'este momento com febril impaciencia. Soube comtudo que Edison procurava um metal assaz infusivel para resistir à temperatura extremamente elevada de todas as lampadas electricas por incandescencia. As suas investigações eram feitas sobre a platina e mais metaes do mesmo grupo, o iridio e o rhodio, cujo grau d'infusibilidade é ainda superior ao da platina. Emquanto aos resultados obtidos



BLOCOS DE GELO AO PÉ DA QUEDA D'AGUA — Desenho de Tb. Weber, segundo uma photographia

e ás probabilidades d'exitto não pude obter indicação alguma e é claro que não insisti.

Pouco depois vi chegar Edison com o seu passo gymnastico e ligeiro. N'estes ultimos tempos os retratos d'este homem notavel têm sido espalhados por toda a parte e todos conhecem melhor, ou peor, o seu rosto imberbe, a sua larga fronte arqueada e os seus cabellos cortados á escovinha; mas, de que se não pôde fazer ideia sem que se tenha visto e o que dá toda a originalidade á sua physionomia, é o grande poder intellectual que ella revela. Foi o unico homem que á primeira vista me causou essa impres-

são de extraordinario talento, exceptuando talvez mr. Gladstone, mas este n'um genero completamente differente. Edison tem um ar de muita mocidade, a sua fronte não tem uma unica ruga, vestigio algum do trabalho absorvente a que ha annos se entrega. Tem trinta e cinco annos e apenas parece ter vinte e cinco. Não tem o que convencionalmente se chama um ar distincto, faz lembrar um pouco o antigo artista; mas percebe-se immediatamente que está defronte de nós uma força intellectual de primeira ordem. E todavia nada mais simples, mais alegre, mais ameno que o seu convivio. (Continúa.)

# MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES  
COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1593-1631

TERRAS E MINAS AFRICANAS

SEGUNDO

BALTHAZAR REBELLO DE ARAGÃO

(Continuação da folha 14—3.º anno)

II

1621

Minas de Benguella—Sua exploração

**P**ARA SE poderem lavrar as minas de Benguella é necessario estar a terra segura do gentio que hoje vive n'ella, para o que se haverá mister cento e cincoenta soldados de pé e seis de cavallo que assistam em dois ou tres presidios circumvizinhos ás ditas minas, os quaes sem Sua Magestade fazer de novo gasto algum os pôde ter e sustentar sobre as ditas minas.

Assim Sua Magestade sustenta hoje cento e vinte soldados na bahia das Vaccas<sup>1</sup>, com Manuel da Silveira, e sustenta em Angola, alem dos soldados obrigados aos presidios, duas companhias de sessenta soldados cada uma, e dez homens de cavallo, e pois Sua Magestade ha por bem se não prosiga a dita conquista, pôde mandar ao governador de Angola que do sobejo d'esta gente sustente estes presidios e assim sem Sua Magestade metter de novo gente nem fazer novo gasto, assegura Sua Magestade e povôa estas minas; farão de gasto estes cento e cincoenta soldados a rasão de 1:600 cada mez 7:500 cruzados, que esses gasta Sua Magestade hoje com esta gente, quer haja minas quer não, sem serem de nenhum proveito.

E como os soldados sómente são para guarda e segurança da terra ha-se mister ter escravos para trabalhar nas minas, cortar madeiras, moer os metaes e fazer carvão, e outros serviços necessarios á dita fabrica, de que será um terço

de femeas e os dois de machos, e se poder ser que sejam de S. Thomé, serão melhores porque estes escravos hão de ser seguros e que saibam trabalhar, e não boçaes, que esses fogem e morrem. Custarão estes cem escravos, em Angola ou S. Thomé, 5:000 cruzados, emprego d'este reino,

Hão-se mister mais dez carros com seus bois. Custarão 500 cruzados, de emprego para ferramentas, folles e machados outros 500, e são 1:000 cruzados

Farão de gasto estes escravos, o primeiro anno, em vestir e comer, 2:000 cruzados de emprego d'este reino, porque ao segundo anno já terão feito sementeiras e será o gasto pouco ou nenhum: de maneira que com 8:000 cruzados empregados n'este reino se podem beneficiar estas minas, ou com 16 em Angola, fóra o pagamento dos soldados, que esse quer Sua Magestade os mande assistir n'estas minas, quer não, faz o mesmo gasto com elles sem proveito nenhum, o que será ao contrario se Sua Magestade os occupar na segurança d'estas minas, que começando-se a lavrar serão de tanto rendimento e proveito que haja muita ganancia.

E assim o gasto d'estas minas, como o dos soldados se pôde fazer pelo tempo em diante, dos rendimentos dos sovas de Angola, tombando-os e pondo-lhes um tributo moderado em fructos da terra, como pagavam a El-Rei de Angola, que elles pagarão facilmente por não pagarem escravos nem serem molestados pelos governadores e capitães dos presidios, como hoje são, e com o que renderem, que passará de 30:000 cruzados, se poderá fazer o dito gasto.

Tambem pôde Sua Magestade mandar que os navios que forem ao reino de Angola, da corôa de Castella, paguem direitos da entrada das

<sup>1</sup> A bahia das Vaccas, é a que depois foi chamada de Santo Antonio e se chama hoje de Benguella.

fazendas que levarem, que renderá cada anno este direito 6:000 ou 7:000 cruzados, como pagam os navios em Lisboa que vão para Angola.

Póde mandar pôr nos vinhos que entram no dito reino outra imposição, como se paga no Brazil, para fortificar a terra, que renderá outro tanto, e com estas rendas e o que o sertão render, não sómente sobra para o gasto das minas e dos soldados, mas haverá para gasto da conquista de Angola, de maneira que se fique forrando todo o rendimento do contrato.

E povoando-se estas minas não ha para que sustentar a bahia das Vaccas, e parecendo bem se poderá largar, e povoar as ditas minas, e para que não falte gente, póde Sua Magestade mandar prover com desterrados, cada anno de que a terra se povoe.

Ha-se mister uma barca e um bergantim para provimento d'esta gente e fabrica, que lá se comprará ou fretará.

Ha-se mister dois mineiros e dois fundidores que Sua Magestade mandará d'este reino e em resolução o principal é cento e cincoenta soldados vivos que se morrerem alguns mettam logo outros em seu logar, os quaes, sem fazerem novo gasto, nem serem necessarios ir d'este reino, pois estão já lá vivos e pagos, mandar Sua Magestade que assim como assistem em a bahia das Vaccas e nos presidios de Angola, vão assistir sobre as minas, que estando a terra quieta facilmente se poderão lavrar as ditas minas.

O mais gasto não é de muita consideração, porque tirado o primeiro anno, que, como povoação nova, é forçado que Sua Magestade faça algum gasto, e ao segundo anno já não haverá tanto gasto, e quando haja se fará do rendimento de Angola, como se tem apontado, e os escravos terão feito suas sementeiras de que se sustentem, e sobretudo permittirá Deus que se tire tanto cobre que se não sintam gastos nenhuns, antes sejam de muito rendimento á fazenda de Sua Magestade alem do beneficio que se recebe de haver o dito cobre em seus reinos.

E todo o beneficio e administração d'estas minas se póde fazer melhor de Angola que de Benguella, assim por ser terra já feita como por ficar tão perto d'ellas como da bahia das Vaccas, e como todas as cousas hão de ir de Angola, fica mais facil á dita povoação o soccorro e provimento de Loanda que da bahia das Vaccas, onde hoje está Manuel da Sirveira. — *Balthazar Rebello de Aragão.*

III

1623

Minas de Pemba (Congo) — Sua exploração

Balthazar Rebello de Aragão, capitão mór que fui na conquista de Angola:

Digo que em a cidade de Lisboa se me mandou pedir informação do cobre que ha no reino de Congo, e juntamente se me tratou se queria ir lavrar as ditas minas que me faria Sua Magestade muitas honras e mercês.

E dando eu, como experimentado, rasão d'ellas e dos inconvenientes que ha para se poderem lavrar, que o maior é a despeza e cabedal que para isso se ha mister, se me respondeu que Sua Magestade não estava em tempo de gastar dinheiro, que se eu quizesse fazer á minha custa, a dita fabrica e gasto, Sua Magestade me fariaas mercês e honras sobreditas e pagaria o cobre que lhe dêsse, posto em a cidade de Loanda, por um certo preço, e assim não tratei mais d'este negocio, porque eu pretendo servir a Sua Magestade e não enganar-o, pelo que direi n'este apontamento o que sei e me parece das ditas minas.

El-rei de Congo, em cujas terras estão estas minas, que chamam de Pemba, as mandou offerrecer a Sua Magestade por serem mui boas, de muito e fino cobre e de muito rendimento, pela experiencia que eu d'ellas vi fazer, pelo que não ha que duvidar que serão de muita importancia mandando-as Sua Magestade lavrar.

Chamam-se vulgarmente de Pemba pelas serras em que estão, e por outro nome de Oombo por passar perto d'ellas o rio Embrize, 5 leguas distante, pouco mais ou menos, por onde póde vir o cobre que n'ellas se lavrar até o porto de Loanda, e d'ahi póde vir por lastro dos navios que lá vão carregar de escravos, sem nenhum gasto da fazenda de Sua Magestade, e póde vir em tanta quantidade que se escuse mandal-o trazer de outra parte <sup>1</sup>.

Toda a difficuldade que ha consiste em principiar esta obra, porque ha mister cabedal, e

<sup>1</sup> Entende-se geralmente que esta Pemba é o Bembe de hoje, onde se fez o presidio d'este nome ou de D. Pedro v, e cujas minas em 1855, se bem nos lembramos, foram mandadas explorar.

Oondo de Balthasar é o Oando das cartas e narrações modernas, como o seu Embrizé é o nosso Ambriz. (Ambri-che na lingua da terra, diz Pimentel.)

como no reino de Angola não ha homens tão ricos que o possam ter bastante, nem mercados que dêem dinheiro a responder, é forçado que Sua Magestade entre com ajuda de seu braço, ajudando com fazenda a pessoa que Sua Magestade quizer occupar.

Pelo que, julgo por atrevido quem tomar este negocio á sua conta sem ajuda de Sua Magestade, e que não cumprirá com o que prometter, porque sendo eu dos mais ricos e experimentados do dito reino me não atrevo, sabendo o grande gasto por ser a terra mui cara e estarem estas minas 50 leguas por ella a dentro.

A primeira cousa que é necessaria para beneficio d'ellas é a navegação do rio Embrize, o qual até agora não consentiu se navegasse El-Rei do Congo, porque lhe atravessa todo o seu reino, pelo que é necessario pedir-lhe que, supposto que dá as minas, dê a navegação para ellas, o que fará facilmente.

E porque os naturaes da terra não são para trabalho nem ganham jornaes, é necessario metter escravos nossos e mantimentos e muita fabrica de ferramentas, carros e embarcações para cujo principio serão necessarios 30:000 cruzados, pouco mais ou menos.

E porque muita parte d'estas cousas tenho eu, como é escravos, carros e embarcações, como e notorio, me parece poderei servir a Sua Magestade com as condições seguintes, sem risco de sua real fazenda.

A primeira é que Sua Magestade me mandará emprestar o primeiro anno 15:000 cruzados em Angola, sobre fianças e bens de raiz que para isso lhe darei no dito reino, os quaes n'elle mesmo lhe pagarei em cobre, por preço de réis 120000 o quintal, e sendo-me necessario mais dinheiro se me dará até a quantia de 30:000 cruzados, dando para tudo fianças, e assim me fica Sua Magestade ajudando, sem damno de sua fazenda e com esperança de muito proveito.

Item me mandará dar Sua Magestade tres fundidores que entendam d'esta arte e algumas cousas necessarias que lá não ha, nem pôde haver por dinheiro, como são ferramentas, folles e outras cousas necessarias, o que tudo pôde ir de Lisboa com pouco custo, e com o favor divino, e a mais fabrica que eu lá metter, de gente, carros e embarcações, terá bom fim.

As condições em que acceitarei arriscar-me n'esta empreza, por ser a terra mui enferma e a gente mui traidora, são as seguintes:

A primeira, que sendo caso que por ordem

de el-rei de Congo, ou guerras civis que no dito reino haja, se perca a fabrica e cabedal que eu tenha mettido no tal reino, e não possa lavrar as ditas minas, se perca por conta de Sua Magestade, o que se me houver emprestado, e assim como eu perco o mais cabedal que houver mettido, visto não ser falta minha, pois não é justiça que meus filhos fiquem pobres por ir eu servir a Sua Magestade.

E para que eu possa com melhor commodo lavrar as ditas minas, me fará Sua Magestade mercê de capitão de Congo, o qual cargo tinha Antonio Gonçalves Pitta, com o mesmo ordenado que elle gosava, o qual quero se me não pague se eu não houver pago o que se me emprestar, e tendo-o, se me pagará o que houver vendido.

As mercês que eu peço a Sua Magestade, pelo ir servir com tanto risco da pessoa e fazenda, são as seguintes:

Que tanto que eu tiver entregue a seus officiaes no porto de Loanda 1:000 quintaes de cobre, me faça Sua Magestade mercê do fôro de fidalgo de sua casa e de uma commenda de réis 400000, e de dois habitos de Christo para casamento de duas filhas legitimas que tenho.

Item mais não pagar eu nem meus descendentes, quintos, nem direitos, de todo o cobre e outros metaes que nas ditas minas lavrarmos, e Sua Magestade será obrigado a tomar-me todo o cobre que lhe der pelo preço que assentarmos, e não o querendo Sua Magestade, o poderei eu mandar por minha conta e risco aos reinos e senhorios de Portugal e Castella, sem impedimento algum.

E como a terra em que estão estas minas é despavoadada, e para beneficio d'ellas é necessario que haja povoação de negros e alguns brancos e porque eu a tenho de fazer e povoar mettendo gente e gado, me ha Sua Magestade de fazer mercê de juro e herdade, para mim e meus descendentes, do senhorio e jurisdicção da dita povoação e rendimentos d'ella, posto que a dita povoação seja em reino estranho, porque eu haverei a mesma graça de el-rei de Congo, mas no que tocar a Sua Magestade de rendimento e jurisdicção me ha de fazer livre mercê porque é justo alcançar este premio quem por povoar arisca a vida e fazenda.

(Continua.)



PARTIDA DA CARAVANA — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÓGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 15 — 3.º anno)

POIS da junção dos tres braços do Zambeze, toma elle uma largura de seiscentos metros apenas, e logo alli deita um pequeno braço a S. O., pouco fundo e obstruido. O resto das aguas encontram um córte transversal de basalto, com um desnivelamento rapido de 13 metros, e n'elle se precipitam com fragôr immenso.

O córte é N. N. O., e fôrma tres grandes quedas, duas aos lados, e uma no meio. Por entre as rochas que separam as tres grandes massas de agua, cahem um sem numero de cascatas de maravilhoso effeito. Ao Norte, um terceiro braço do rio continúa a correr no mesmo nivel superior da cataracta, e despenha-se no ramo

principal em cinco cascatas lindissimas, a ultima das quaes fica qnatrocentos metros a jusante da grande queda. Ahi o rio encurva de novo a a S. S. E., estreia a 45 metros, e conserva uma corrente de 150 metros por minuto.

Os diversos pontos de vista que se gosam da borda sobre todo o espaço das quedas são surprehendentes, e nunca vi em paiz algum dos que tenho visitado paisagem mais bella.

Gonha não tem a imponencia das grandes cataractas. Alli a paisagem é suave, variada e attrahente. A mistura da floresta pomposa, com a rocha e com a agua, estão harmonisadas como por mão de artista habil em tela primorosa. Mesmo o despenhar da agua no abysmo, não

causa ruído pavoroso, e é de certo amortecido pela vegetação enorme que a rodeia.

Alli não se elevam vapores, que convertidos em chuva alaguem as visinhanças; alli o acesso é livre a toda a parte, parecendo que a natureza se comprazeu a tornar facil a visita à sua bella obra. Gonha é como a casquilha que se mostra, que se deixa contemplar, para que a admirem.

Depois de levantar a planta da grandiosa cataracta, demorei-me alli até à noute, não cançando os olhos de vêr tão esplendido quadro, em que a cada momento descobria uma nova belleza.

Voltei ao meu campo, saudoso pela lembrança de que não veria mais em minha vida o espectáculo sublime que deixava para sempre.

No dia 5 fui vêr o caminho por onde deveriam passar os barcos para jusante da cataracta, e era elle por floresta espessa, e não inferior em extensão a cinco kilometros, porque em toda essa extensão o Zambeze, apertado em margens de rocha apenas distanciadas de 40 a 50 metros, conserva uma velocidade de 150 metros por minuto, e é tal o referver das aguas, que é impossivel navegar n'elle.

Este espaço estreito a jusante da cataracta de Gonha, chama-se o Nanguari, e termina por uma pequena queda do mesmo nome.

O ponto onde recomeça a ser navegavel chama-se o Mamungo.

A passagem dos barcos por terra foi feita por gente das povoações da Sioma, povoações de Calacas ou escravos, governados por um chefe Luina, mandados estabelecer alli pelo governo do Lui, expressamente para o serviço de carregarem os barcos por terra; serviço a que são obrigados sem terem direito a retribuição alguma.

Foi fatigante aquelle trabalho, e eu fiquei verdadeiramente penalizado de não ter nada que desse áquelles desgraçados, que tão humildemente se prestam a trabalho tão rude.

O Zambeze em Mamungo alarga a duzentos metros, mas continúa apertado em cinta de rocha, onde estão marcadas as cheias por traços horisontaes provenientes dos depositos das aguas lodosas. Por esses traços vi que as aguas se elevam alli a 10 metros, nas maximas cheias, acima do nivel de então, que deveria ser o minimo proximamente.

Logo que sobre as rochas basalticas começa a haver terra vegetal, principia uma vegetação frondosa. O aspecto do Zambeze n'aquelle ponto

assemelha o do Douro no seu terço medio, com a differença apenas de que n'aquelle o granito é substituido por basalto.

Depois de ter navegado por espaço de hora e meia, encontrei a Foz do rio Lumbé, onde parei. Este rio vem do N., e tem, proximo da embocadura, 20 metros de largo por um e meio de fundo. Cem metros antes de entrar no Liambai, é-lhe superior de trinta metros, e por isso despenha-se em cascatas, que seriam talvez lindissimas se alli perto não ficasse Gonha.

Segui, depois de ter visitado a foz do Lumbé, mas n'esse dia apenas naveguei por mais duas horas; porque, tendo visto uns ongrís, acampeí, e fui caçar. Consegui matar dois antilopes, que nos demoramos a preparar, decidindo não navegar mais n'aquelle dia.

No dia 7 deixei o acampamento, e tendo navegado uma hora, encontrei a cataracta Cale.

Alli o rio corre a S. E., e toma uma largura de novecentos metros. Tres ilhas o dividem em quatro ramos. O segundo, de oeste, é o que contém maior volume d'aguas, mas é tambem aquelle em que o desnivelamento é mais rapido.

Nos outros braços o desnivelamento, que é de tres metros, produz-se em cem de extensão, emquanto n'este não se estende a mais de quarenta. Todos os canaes são obstruidos com rochedos desencontrados, onde as aguas ressaltam com fragôr immenso.

Descarregamos os barcos, que foram arrastados por um canalête junto à margem direita, e logo a jusante da queda reembarcamos e seguimos viagem. Meia hora depois, passavamos uns rapidos, onde só pequenos canaes são praticaveis, e por onde os remadores governaram as pirogas com prodigiosa destreza.

Pouco depois, outros rapidos foram passados com egual felicidade, sendo o resto da navegação d'esse dia por entre pontas de rochas açoutadas por violenta corrente d'agua, sem que outros desnivelamentos rapidos apparecessem.

Ao acampar eu sentia-me gravemente doente. A febre havia recrescido, e a falta de alimentação vegetal era sensivel. O dormir sempre ao relento, e o nenhum resguardo que era forçado a ter, tendo de sustentar a minha gente pela carabina, faziam peiorar o meu padecer constante. N'essa noute rebentou sobre nós uma violenta trovoadá, e com ella cahiram as primeiras gotas d'agua d'aquella nova epocha das chuvas.

O dia 8 de outubro veio encontrar-me mais doente, mais abatido de corpo, mas não mais

fraco de espirito. Segui viagem, e meia hora depois encontrava os grandes rapidos de Bombue.

O rio fórma um grande rapido central, onde o desnivelamento é de 2 metros. Do lado de Este tres canalêtes obstruidos por innumeradas rochas, e de Oeste um canal mais largo, onde o desnivelamento é mais rapido.

A montante dos primeiros desnivelamentos, uma ilha coberta de vegetação divide o rio em dois braços eguaes. Bombue tem mais dois desnivelamentos, sendo o segundo trezentos metros a jusante do primeiro, e o terceiro duzentos metros a jusante d'este. Todos estes rapidos são cheios de pontas de rochas desencontradas, tornando impossivel a navegação.

Os barcos descarregados foram lascados junto a terra, operação fadigosa, que levou muito tempo.

Pozemos os barcos a caminho, encontrando um rapido que sem querer passamos embarcados com inaudita felicidade; e depois de 4 horas de viagem paramos junto á confluencia do rio Jôco. Viajei n'esse dia por entre ilhas d'uma belleza admiravel, que apresentavam os panoramas mais pittorescos á minha vista, fatigada da monotonia do planalto africano.

N'essa tarde, estando a repousar, fui acordado em sobresalto por os negros, que tinham visto perto alguns elephantes. Apesar do meu mau estado de saude, tomei a carabina e segui-os.

Na margem do Jôco avistei eu os enormes pachidermes, que se enlodavam no paul.

Tomei-lhe o vento e approximei-me cauteloso. Eram sete soberbos animaes.

A floresta espessa que descia até junto ao paul, permittiu-me approximar-me sem ser visto.

Por um momento contemplei aquelles gigantes da fauna africana, e não posso occultar que tinha remorsos prematuros de lhes fazer mal. A necessidade venceu o escrupulo, e atirei ao mais proximo, dirigindo-lhe a bala ao frontal. O colosso oscillou um momento, sem mover as patas, e dobrando os joelhos, foi cahindo de vagar sobre elles — posição que conservou um momento, tombando depois para o lado, e fazendo tremer a terra com o baque enorme.

Os outros seis atravessaram o rio Jôco em apressado trotar, e desapareceram na floresta.

Acerquei-me do inoffensivo quadrupede, e ao contemplar a minha obra de destruição, não pude deixar de olhar para mim, depois de olhar

para elle, e de me achar bem pequeno. O meu estado era tão melindroso, que já não pude voltar por meu pé, e tive de ser amparado pelos negros para chegar ao acampamento.

No dia immediato estava peor, e sobreveio-me uma grande inflammação do figado. Deitei causticos, que pulverisei de quinino depois de cortados.

A doença não me permittia partir n'aquelle dia, e resolvi ficar alli até experimentar melhoras. N'esse dia aconteceu ao meu Augusto a mais extraordinaria aventura de que tenho tido conhecimento. Atirou a um bufalo que feriu, e que correu rapido sobre elle. Augusto tirou o machado, e no momento em que a fera baixava a cabeça para lhe marrar, atirou-lhe um golpe á frente, com a sua força herculea.

Homem e bufalo rolaram por terra. A gente que estava perto do meu valente negro, julgára este morto, quando vira o feroz ruminante levantar-se e fugir. Augusto levantou-se, e além do abalo do choque, não tinha soffrido nada.

Os negros acercaram-se d'elle, quando o meu muleque se abaixou, e depois de apanhar o machado, apanhou, tão admirado como os que o viam, um corno do animal, cortado cerce pelo golpe vigoroso.

Nas mattas da região das cataractas ha o Cuchibi, o Mapole, o Opumbulume e a Lorcha, fructos que mais ou menos se encontram no planalto, e além d'esses, dois fructos privativos d'alli, a Mocha-mocha e o Muchenche. Este ultimo é muito sacharino, e d'elle fiz eu um refresco muito agradável.

Os causticos pulverisados de quinino, e tres grammas d'elle que introduzi no organismo, em tres injeções hypodermicas a curtos intervallos, acalmaram o meu estado febril, e no dia 10 levantei-me com sensiveis melhoras. A primeira noticia que me deram foi que o meu Augusto desapparecera desde a vespera, e não tinha sido encontrado por alguns homens que o foram procurar ao matto.

Esta noticia deu-me grande cuidado, porque o Augusto é de um atrevimento louco, e fez-me recear uma desgraça. Mandei gente em todas as direcções a buscal-o, e eu mesmo fui com alguns homens, apesar do meu estado, e do muito que me faziam soffrer os causticos. Foram infructuosas as nossas pesquisas, e da excursão apenas trouxemos dois seb-seb (*Rubalis lunatos*) que eu matei, e muitas varas de madeiras, que os Luinas colheram, proprias para hastes de aza-

gaias, e que são do mesmo pau de que fazem os remos. Chamam-lhe Minana.

De volta ao campo, seccamos ao fogo muita carne dos antilopes.

Esta região, a que chamam o paiz de Mute-ma, é abundantissima de caça da floresta, e desde o elephante até á codorniz, ha milhares de animaes de todas as familias, generos e especies do planalto africano. No Zambeze, ao contrario, escaceia a caça d'agua, abundantissima na região das planicies.

Pala tarde appareceu o meu Augusto, dizendo que se tinha perdido na floresta, e que encontrara uma povoação de Calacas, onde lhe tinham furtado tudo o que elle trazia, excepto a espingarda. Os Luinas, ouvindo isto, declararam que iam desforçar o Augusto, e por mais esforços que empreguei não consegui contel-os.

Alta noute voltaram os marinheiros, carregados com os despojos do saque, e entre elles vinha o casaco do meu muleque.

É costume d'elles, logo que encontram povoações de Calacas na região das cataractas, saqueal-as e destruil-as. N'essa noute o meu estado de saude aggravou-se bastante, mas apesar de me sentir gravemente doente, dei ordem de partir no dia immediato.

Uma hora depois de ter deixado a foz do rio Jôco, encontrei os grandes rapidos de Lusso.

Desembarquei e segui por terra, fazendo tres kilometros em tres horas.

O rio em Lusso toma uma grande largura e divide-se em muitos ramos, formando ilhas cobertas de vegetação esplendida.

Depois do bello panorama de Gonha, nada vi mais bello do que os rapidos de Lusso.

Embarquei de novo por baixo dos rapidos, e tendo navegado por duas horas, parei a montante da cataracta de Nambue.

As ilhas, com a sua vegetação pomposa, continuavam a apresentar os mais attrahentes aspectos.

Decidi passar a cataracta n'esse dia, e houve grande trabalho, com a pouca gente de que dispunha, para arrastar os barcos por terra. Levou quatro horas aquelle fadigoso lidar, mas consegui dormir a jusante da queda.

A cataracta de Nambue tem quatro desnive-lamentos: o primeiro é de meio metro, o segundo, 150 metros a jusante, é de dois metros, e perfeitamente vertical, o terceiro, 60 metros abaixo, é de um metro, e o ultimo, tambem de 1 metro, fica a 100 metros d'este.

Occupam por isso as quedas uma extensão de 310 metros. O Zambeze corre alli N. S., mas logo abaixo verga a S. O. para tornar a tomar o seu curso regular a S. S. E.

Durante a noute estive á morte. A febre intensa devorava-me, e nunca pensei chegar a vèr nascer o dia 12 de outubro, dia sempre festivo para mim, por ser o anniversario de minha mulher. As repetidas injeções hypodermicas de sulphato de quinino em alta dose, conseguiram dominar a febre. Eu chamei o Verissimo e Augusto, e entreguei-lhes os meus trabalhos, recommendando-lhes, que, se eu morresse, prosseguissem na viagem até encontrar o missionario, e lh'os entregassem.

Fiz-lhes vèr, que o Mueneputo os recompensaria bem se elles salvassem aquelles papeis, e os entregassem em mão segura, que os fizesse chegar a Portugal.

As 6 horas da manhã do dia 12, senti um grande allivio e decidi seguir viagem.

Parti ás 6 e meia, e ás 7 e 15 minutos, passei uns pequenos rapidos, e logo abaixo outros, mais desnivelados, extensos e perigosos. Entestamos ao unico canal praticavel, e logo que o barco se achou envolvido na corrente, um hippopotamo veio resfolgar a jusante. Estavamos entre Scylla e Charybdis, ou a fera ou o abysmo. Tornamos a entestar com a corrente e subindo o rio, por uma habil manobra, pozem-nos a coberto do perigo junto a um rochedo quasi em secco.

O barco da carga, receando o cavallo-marinho, desviou-se do canal, e foi impellido com velocidade enorme de encontro ás rochas de um canalête obstruido. Nunca pensamos que se salvasse, mas elle derivou por entre as fragas e passou o perigo, tendo recebido apenas um golpe de agua que quasi o encheu.

As 7 e 50, outros rapidos, e ás 8, uns muito desnivelados e extensos. Quizemos sahir em terra, porque sentiamos a jusante um ruido enorme, semelhante ao rebombar dos trovões pelos alcantis das serras, que nos fez recear grandes rapidos, ou uma cataracta impossivel de transpôr. Foi baldado esforço. A margem mais proxima, a esquerda, ficava-nos a 600 metros, e a corrente rapida, quebrando-se entre os cabeços basalticos, e resaltando em ondas de espuma, tornava impossivel o abeirar á margem. São momentos indescriptiveis estes.

Levado por uma corrente vertiginosa, tendo diante de si o desconhecido, presentindo o pe-

rigo imminente a cada desnivelamento do rio que se lhe mostra, arrastado de voragem em voragem pelos turbilhões da agua revolta, o homem experimenta a cada momento sensações novas, e cem vezes soffre a agonia da morte, para sentir outras tantas o prazer da vida. Das 8 horas e 5 minutos ás 8 e 40, passamos seis rapidos de pequeno desnivelamento; mas a essa hora, uma queda desnivelada de um metro se nos apresentou na frente. Semelhante ao homem que, em corrida, estaca por um movimento instinctivo, ao vêr o abysmo aberto sob o seu caminho, o meu barco, como se fosse animado, parou, por um impulso dos remos, machinal e inconsciente nos tripulantes. Esse momento de hesitação produziu o desgoverno, e a comprida piroga atravessou na corrente, e saltou ao abysmo, na corôa de espuma de uma onda enorme. Foi um segundo, mas foi o peor momento da minha vida. Era a Providencia que nos salvava. Se o barco tivesse atestado de prôa com a voragem, seria submergido, e estaríamos perdidos. O desgoverno d'elle foi-nos a salvação. Logo abaixo d'estes, outros rapidos menores; e então fizemos força de remos para uns rochedos que a meio rio estavam collocados em ponto onde a corrente era mais fraca. Abeiramos a elles e estivemos a tirar agua e a arrumar as cargas, desarranjadas pelo abalo dos rapidos. Segui ás 8 e 55 minutos, e logo, ás 9 e 15, encontramos novas cachoeiras. Ás 9 e 25, os grandes rapidos da Manhicana. Ás 9 e 30, outros; e d'ahi aos grandes rapidos da Lucanda, que passamos ás 11 e 8 minutos, saltamos em sete cachoeiras mais. Depois de passarmos um pequeno rapido, encontramos a cataracta de Catima-moriro (*apaga o fogo*) ao meio dia.

É Catima-moriro o ultimo desnivelamento da região superior das cataractas do alto Zambeze. D'alli até á nova região de rapidos, que precede a grande cataracta de Mozi-oa-tunia, o rio é perfeitamente navegavel.

O espirito tambem se fatiga como o corpo, e foi verdadeiramente fatigado de espirito que eu cheguei ao termo d'essa perigosa jornada do dia 12, jornada que não posso relembrar sem terror. As commoções d'aquelle dia tinham sarado o corpo, e achava-me sem febre, mas muito fraco. Apareceu muita caça, mas a minha fraqueza e as dores que me produziam os causticos ainda abertos, não me permittiram caçar.

O curso do rio foi sempre a S. S. E.

D'ahi em deante o rio torna a ter o mesmo

aspecto do Barôze, planicies enormes, fundo de areia, e nem mais um rochedo. As margens são formadas por camadas sobrepostas de argila esverdeada. O vento lêste era de novo fortissimo, e encrespava a superficie das aguas, levantando ondas bastante grandes. Apesar d'isso segui a 13, e fui acampar junto da povoação de Catongo. De novo tinha peorado, e era prostrado pela febre que me mettia no barco para seguir.

Alli em Catongo encontrei a minha gente, que tinha deixado na foz do Jôco, e que chegou n'essa noute.

Soube que na vespera tinham corrido um imminente perigo, sendo atacados por um bando de leões. Subindo para cima de arvores poderam escapar-lhe, mas estiveram muito tempo cercados por elles. A minha cabrinha Côra foi içada por um panno que lhe ataram aos cornos, e esteve amarrada a um tronco junto de Augusto. O Augusto matou um dos leões, atirando-lhe de cima da arvore, e trocou em Catongo a pelle d'elle por uma grande porção de tabaco.

No dia 14 naveguei a lêste, direcção que toma o Zambeze, e fui acampar, pela tarde, já perto da povoação do Quisqueque.

O rio continua a dividir-se, formando grandes ilhas, mas não como as da região das cataractas. São canaviaes monotonos que cançam a vista.

Tivemos n'esse dia pescadores que nos forneceram abundante peixe. Foram os Uanhis, como lhes chamam os Luinas, e que não são mais do que *pygargos* gigantescos que povoam as margens do rio. Foram perseguidos alguns, que abandonaram o peixe que levavam.

Uma d'essas Aguias aquaticas tinha nas garras poderosas um peixe mais corpulento do que uma pescada, e levou-o fugindo dos meus remadores, sem que mostrasse esforço ao voar.

Todavia, a maior parte abandonavam a presa, para fugir mais rapidamente.

Estes pygargos do Zambeze, que não vi acima da região das cataractas, teem a cabeça, o peito e a cauda completamente brancos, e as azas e costas de um negro de ebano.

São exactamente como a especie americana descripta com o nome de *pygargo de cabeça branca*, mas menos corpulenta do que a ave que serve de emblema ao pavilhão dos Estados Unidos.

No dia 15 de outubro cheguei de manhã ao Quisqueque, tendo navegado por uma hora a lêste.

Não quiz ir para a povoação, já desconfiado do gentio, e fui acampar no meio do caniçal de uma ilha fronteira. Mandeí prevenir o chefe de que estava alli, e deitei-me abrasado em febre, que de novo reaparecera intensa.

Pouco depois da minha chegada appareceu na ilha um homem trajando á europea, que pela côr de café com leite da pelle, eu reconheci ser um filho das margens do Orange.

Disse-me, por intermedio do Verissimo, usando da lingua Sesuto, que era criado do missionario, e estava alli esperando a resposta do rei Lobossi a respeito de seu amo. Por elle soube que o missionario era francez, o que sobremodo me fez admirar. Este homem, que se chamava Eliazar, vendo-me muito doente, mostrou por mim carinhos que nunca vi em negro.

Dizendo-lhe eu que vinha de proposito procurar seu amo, elle manifestou-me o seu contentamento, e assegurou-me que o missionario era o melhor homem do mundo.

Eu não sei explicar porque tive um prazer enorme sabendo que o meu homem era francez, mas é facto que o tive.

Estava eu conversando com Eliazar, quando chegou o chefe, cujo nome é Carimuque, mas que tambem é conhecido pelo de Moranziani, nome de guerra dos chefes do Quisseque.

Disse-lhe que queria seguir viagem no dia immediato, porque estava muito doente, e precisava encontrar o missionario, para elle me dar remedios.

Preveni-o de que não tinha viveres, nem com que os comprar, e elle prometeu-me mandar n'esse dia mesmo comida para mim e para os meus.

N'essa tarde os meus remadores começaram a gritar que não deixariam o Quisseque sem serem pagos. Eu chamei-os e fiz-lhes vêr que não tinha nada que lhes dar. Que o marfim só poderia ser convertido em fazendas logo que eu chegasse ao missionario que as deveria ter, e por isso para serem pagos era preciso seguir ávante.

Elles pareceram convencer-se com o meu argumento. Passei uma noite horrivel no caniçal da ilha. Eram cobras que perseguiam ratos, e ratos a fugir de cobras, os companheiros que tive em torno de mim. A febre augmentou. Carimuque veio vêr-me na manhã de 16, e trouxe-me um presente de massamballa e uma pequena porção de farinha de mandioca.

Declarou-me elle que os marinheiros se recusavam a seguir sem serem pagos, e que por

isso mandasse eu recado ao missionario para elle me mandar as fazendas, e esperasse alli os enviados.

Recusei terminantemente fazel-o, e declarei-lhe que lhes não pagava se elles não seguissem no dia immediato. Depois de grandes debates, em que fiz prova de enorme paciencia, e em que Eliazar pleiteava por mim, repetindo cem vezes, que seu amo, logo que me visse, pagaria tudo o que elles quizessem, ficou resolvido que no dia 17 nos poriamos de novo em viagem.

N'esse dia chegaram alli os enviados que Carimuque mandara ao Lui com a mensagem do missionario.

Como se sabe, e eu já narrei no começo d'este capitulo, Matagja oppozera-se formalmente ao ingresso do missionario no paiz do Lui. A resposta do rei Lobossi, dada por Gambela, vinha cheia de hypocrisia, e não era uma negativa formal.

Mandavam dizer-lhe que muito estimariam que elle fosse para alli; mas que n'aquelle momento, as guerras e a falta de commodidade que poderiam offerecer-lhe em Liului, cidade novamente construida, fazia com que elles lhe pedissem que se fosse embora e voltasse no anno seguinte. Para Carimuque vinha uma ordem positiva para não lhe dar meios d'elle seguir para o Norte. Eliazar, que ficou muito triste com a mensagem do rei Lobossi, continuou fazendo-me companhia, e fallando-me sempre de seu amo a quem tecia verdadeiros panegyricos.

N'esse dia, ás 4 horas da tarde, desencadeou sobre nós uma horrivel trovoada que despejou copiosa chuva até ás 6 horas. Carimuque veio vêr-me de novo, e trouxe-me duas gallinhas.

Parti ás 9 horas do dia 17, e depois de navegar por duas horas e meia encontrei a foz do rio Machila. Naveguei a E. S. E.

O rio Machila tem alli quarenta metros de largo por seis de fundo, mas de certo influe n'esta altura a agua do Zambeze que o represa.

Corre em uma planicie enorme, onde pastam milhares de bufalos, zebras e grande variedade de antilopes. Vi alli muitos coroanes, e presenciei um effeito de miragem surprehendente, apresentando-me toda aquella manada heterogenea de patas para o ar.

Nunca vi tanta caça junta como alli, é ella muita esquiva e não deixa approximar a menos de duzentos metros.

Pude matar uma zebra, que nos forneceu optima carne, muito melhor do que a de qual-

quer antilope. Depois de duas horas de demora alli, segui viagem e naveguei por duas horas e meia mais, parando, ás 5 da tarde, por vermos na margem uma arvore velha trazida pela corrente, onde fomos fazer provisão de lenha para a noite. Foi um verdadeiro beneficio aquella arvore, sem a qual não teriamos lenha para cosinhar em campinas despidas de arvoredos.

Quando iamos a seguir, appareceu um preto gritando que os outros barcos tinham amarrado muito acima e acampado alli a gente. Tivemos que voltar atraz, por não termos provisões no meu barco, e ir a carne no barco da carga.

Só ás 6 e 30 minutos, já noite, juntei a minha gente, e acampei com elles.

N'essa occasião já iam todos embarcados, porque Carimuque tinha posto dois barcos grandes á minha disposição, e n'elles eu havia accommodado Augusto, as mulheres, os pequenos e a minha cabrinha.

Calungo, o papagaio, esse viajou sempre comigo.

Carimuque tinha-me feito um presente valioso, n'uma porção de farinha mandioca, o melhor alimento que alli podia ter, para mim tão doente e tão debilitado.

N'essa noite quiz comer uma pouca de farinha, e fui encontrar o saquinho que a continha completamente vazio.

Entrando em averiguações do caso, soube que fôra o meu muleque Catraio que a furtara e comera.

N'essa noite, um drama terrivel passou-se junto do meu campo, no meio das trevas.

Foi o combate cruento entre um bufalo e um leão, que terminou pela morte d'aquelle em arrancos de agonia, ao passo que o seu vencedor dava prolongados rugidos, acompanhados por um côro de hyenas. De manhã, a 106 metros do acampamento, fomos encontrar os despojos do bufalo, cuja cabeça estava intacta, e do qual existiam apenas ossos e farrapos de carne deixados pelas hyenas.

Segui viagem, e depois de cinco horas de navegação, entre ilhas divididas por canelêtes, formando um systema complicado, aportei sobre um rapido desnivelado de um metro, primeiro elo da cadeia de cachoeiras que vae terminar pela grande cataracta de Mozi-oa-tunia.

Com o basalto reaparece a floresta lindissima, onde entre outras arvores, sobresaem já os baobabs, esses gigantes da flora africana, que eu não via desde Quillengues.

Desembarquei e fui deitar-me á sombra de um d'esses colossos vegetaes.

Tinha terminado a minha navegação no alto Zambeze, e d'alli até encontrar o missionario o meu caminhar era de novo a pé.

A povoação de Embarira distava seis milhas do ponto onde eu estava, e para lá partiram os marinheiros com as cargas.

Eu adormeci, e só acordei por noite escura. Só o Verissimo, Camutombo e Pépéca estavam junto de mim. Perguntei-lhes porque estavam ainda alli? respondendo-me o Verissimo, que não tinha querido interromper o meu somno. Apesar do escuro da noite, ia pôr-me a caminho, quando reparei que não tinhamos uma só arma. O Verissimo, que de vez em quando fazia asneira, deixara levar as minhas armas para Embarira. Não fiquei socegado, vendo-me sem armas no meio de uma floresta infestada de feras. Mandei-os logo juntar lenha para fazer uma fogueira, mas ás escuras elles nenhuma encontravam que servisse.

Pépéca lembrou-se então de ter visto perto de nós um barco velho, que effectivamente encontramos, mas a dura madeira do Mucusse resistia ao côrte da minha faca de matto.

Lembrei-me de o jogar como ariete contra o tronco do baobab, e logo nós tres dando-lhe o movimento de vai-vem, o lançamos com a maxima força. A canôa fez-se em rachas na parte que soffreu o choque. Esta operação, repetida algumas vezes, forneceu lenha e com ella uma boa fogueira.

Estavamos dispondo-nos a dormir alli, quando sentimos gente, e logo appareceu o Augusto com alguns homens, que vinham procurar-me.

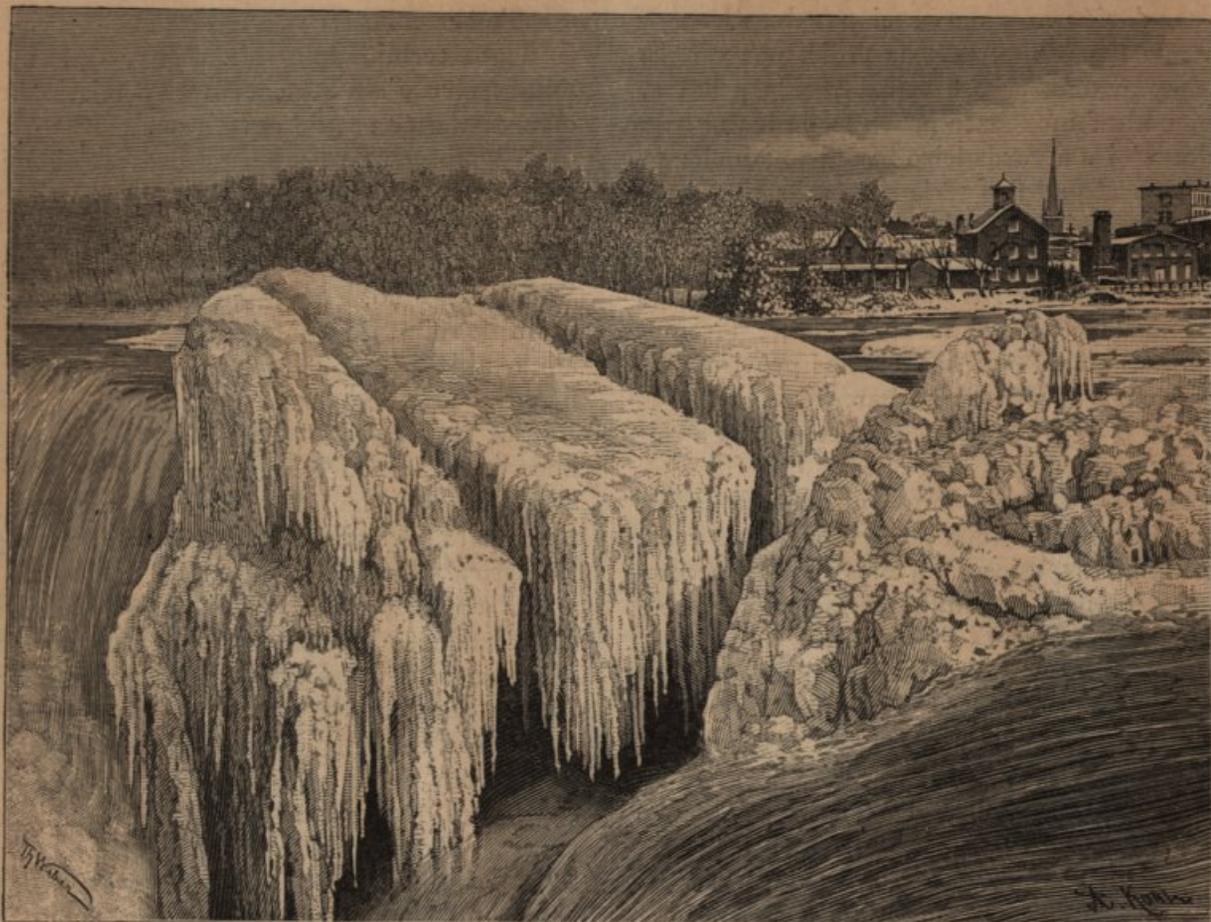
Parti com elles, e cheguei a Embarira pela meia noite. O chefe da povoação tinha-me preparado uma casa, onde me recolhi cheio de febre e fadiga.

Estava em Embarira, na margem esquerda do rio Cuando, cujas nascentes havia descoberto e determinado tres mezes antes.

Estava proximo a alcançar o missionario, de quem esperava auxilio para poder continuar a minha viagem, e estava em vespera de novas aventuras, que não calculava ainda.

O estado da minha saude muito melindroso, a duvida no futuro, as apprehensões do presente e milhares de persevejos, que tinha a casa onde me recolhi, fizeram-me passar uma noite attrbulada.

(Continúa.)



ILHAS DE GELO NO MEIO DA QUEDA D'AGUA—Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia

## AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO

POR

M. EDUARDO DE LAVELEY

(Continuação da folha 15—3.º anno)

**F**HEGOU-SE a mim sorrindo e recebeu-me com um cordeal *shak-hands*, em seguida fez-me perguntas a respeito da minha viagem pelos Estados-Unidos sobre o que eu vira e o que mais me surpreendera. Fallou-me n'uma viagem que fizera ao Courstok-Iode. Descreveu-me as suas impressões da maneira mais espirituosa e natural.

Era o *humour* americano, simultaneamente suave e picante.

Perguntei-lhe francamente se o que se dizia a respeito da luz electrica era verdade e se o problema estava resolvido? «theoricamente, disse-me elle, sim. Praticamente, não. Tenho dentro do meu cerebro o systema completo; o que me falta é o que é indispensavel para tornar o

processo accessivel á industria; mas hei de chegar a encontrar; tenho a certeza!» Certamente n'este momento não previa a quantas pesquisas se entregaria ainda e não sabia que o bom resultado estava no caminho paralelo que percorria, mas que o deveria obrigar a mudar o ponto de partida das suas experiencias. Só mais tarde é que pensou em substituir o metal infusivel que procurava pelo carbone levado ao rubro ou ao branco no vacuo. Em seguida mostrou-me um cadinho que mandara vir d'Inglaterra e insistiu sobre o facto, de que para todas as cousas especiaes ainda era preciso recorrer ao «velho paiz» (*the old coutry*). Depois dando-me lembranças para M. Walker, apertou-me a mão e desejou-me boa viagem.



O NIAGARA, a Gruta dos Ventos — Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia

## II

## O NIAGARA

Deixei New-York no fim de dezembro e parti para o Niagara por entre neves e gelos. Alguns dias antes da minha partida desencadeou-se uma tempestade de neve de extraordinária violencia, a ponto de tornar quasi inacessíveis as ruas de New-York, e assim pude fazer uma ideia do que será um inverno rigoroso na America. O ceu chega a tomar tons singulares e aspectos que a todo o momento se transformam como nas *dissolving views*. Ha momentos d'uma grande serenidade em que nem uma unica nuvem mancha o ceruleo horisonte. De repente cahem alguns flocos de neve sem que seja possivel descortinar d'onde venham. Dentro de alguns minutos o sol desaparece e o ceu cobre-se com um veu pardacento, uniforme, semelhante a um nevoeiro, d'onde cahe uma neve fina, leve, impalpavel.

Está-se em pleão mez de novembro. Instantaneamente um raio de luz rompe o plumbeo veu; absorve-o, evapora-o em alguns instantes e, como n'uma magica as transformações de scena, o sol volta a brilhar n'um ceu azul de notavel pureza. Toda a campina levemente accidentada cobre-se d'um tapete resplandecente d'onde, aqui e alli, desponta uma arvore, cujos ramos seccos se projectam no fundo branco das collinas. A neve arremessada por um vento muito violento amontoou-se em camadas enormes por toda a parte. Nas trincheiras foi necessaria desobstruir a linha a pancadas de picareta e o comboio passa por entre paredes de gelo d'altura dos vagões. Quando o trem passa por cima d'um aterro o lado protegido pelo vento desce suavemente até ao nivel da planicie e das arvores plantadas junto do talude apenas estão descobertos os ramos mais elevados. Nos campos os caminhos apenas se conhecem pelo cimo das paredes ou das sebes. Por toda a parte foi necessario abrir communicações. Nada mais curioso do que ouvir os guisos d'uma carruagem que em vão se procura n'uma planicie em apparencia perfeitamente unida. De repente, e de longe em longe, descortinam-se as orelhas d'um cavallo, o boné de pelles do cocheiro e a extremidade do chicote.

Nas estações não se sente ruido algum de rodas de vehiculos. Trenós d'um, de dois cavallos, grandes *caleches* puchados a tres ou a quatro cavallos, todos deslisam por sobre o gelo; as rodas

foram condemnadas por inuteis. Os omnibus dos hoteis e a maior parte dos vehiculos são apenas as caixas ordinarias a que se tiraram as rodas e que foram assentes sobre um systema igual ao dos trenós. Ausencia completa de *bruhaha*, de choque, de qualquer ruido. Os trenós deslisam silenciosamente, como n'um mundo encantado, ao som das campainhas suspensas dos arreios dos cavallos. Este som é muito mais agradável do que o dos guisos; faz lembrar ao pôr do sol o som das campainhas trazidas pelos rebanhos dos Alpes.

Rapazes e raparigas aproveitam as ferias do Natal para se dedicarem ao seu prazer favorito. Descem com rapidez vertiginosa os planos inclinados cobertos de neve. O rapaz assentado adiante dirige com os pés o trenó, a rapariga abraça-se a este que deixa voar o vehiculo. Outros sobem arrastando o vehiculo e conversam alegremente. Á noite vêem-se chammas d'archotes cruzarem-se phantasticamente. É a grande diversão do inverno appetecida e gosada pelos americanos.

Mais longe encontra-se a civilização e os negocios. N'uma grande superficie d'agua gelada vêem-se cavallos cortando a superficie do gelo. Puxam a machinas, semelhantes ás ceifeiras mechanicas, que cortam o gelo em longas tiras paralelas. A agua, rodeada por uma cercadura d'um branco brilhante, parece tão negra como tinta. Encontramos um comboio composto de cincoenta vagões destinados a transportar para as grandes cidades este complemento indispensavel de toda a bebida americana. Em cada vagão está com grandes letras escripto—*Refrigerator cars*. Cruzamo-nos com uma duzia d'estes comboios.

A exploração do gelo é uma industria florescente nos Estados-Unidos. Inventaram-se as mais perfeitas machinas para o cortar. Um homem marcha deante d'um cavallo que puxa a uma pequena serra a qual apenas, como um diamante ataca o vidro, corta a superficie do gelo. Depois uma outra machina serra toda a espessura da camada. Outros homens com uns ganchos pucham para a margem a tira de gelo e cortam-a em blocos de tamanho conveniente ao transporte. O uso do gelo diffunde-se cada vez mais e provavelmente encontrarei os blocos que aqui vi cortar na dispensa do paquete que me transportar á Europa. Estendidas sobre uma d'estas camadas frigidissimas vêem-se perfeitamente conservadas as differentes peças de carne e peixe

que nos são servidos em fresco durante toda a viagem.

A estação onde parei, *Suspension-Bridge*, não é mesmo na cataracta: é afastada aproximadamente tres kilometros e é situada á entrada da famosa ponte pensil do Niagara. Os grandes hotéis de *Niagara-Falls*, estão fechados no inverno e por isso fui obrigado a ir-me hospedar n'uma pequena hospedaria da aldeia de *Suspension-Bridge*. Não se está longe da garganta no fundo da qual corre o S. Lourenço e, posto que o rio n'este sitio tenha mais de duzentos metros de largura, é impossivel suppôr a proximidade d'um golfo. A vista pôde espriar-se pela planicie que se alastra ininterrompidamente até ao horisonte. Unicamente se vê junto de nós erguerem-se as grandes pilastras e a rede de cabos metallicos que sustentam a ponte sem que se possa adivinhar a que sejam destinados.

Poucos passos bastam para nos levar á beira do abysmo e explicar-nos o phenomeno magestoso e sombrio; o S. Lourenço corre lá no fundo do precipicio cujas paredes se erguem a pique n'uma altura de oitenta metros. As aguas d'um verde escuro parecem immoveis, estagnadas. Arrastam numerosos pedaços de gelo que caminham lenta, silenciosamente, unico indicio do movimento das aguas. A parede de rochedo é absolutamente vertical n'uma altura de trinta metros; inferiormente n'um talude crescem alguns pinheiros, cuja verdura sombria e severa dá ao rio o tom que lhe convem. A pedra par-dacenta, de pontos a pontos, está cortada por linhas prateadas que descem do vertice e que se vão perder no talude. Em todos os pontos em que uma fenda deixa passar uma penna d'agua está agora uma estalactite de gelo deslumbrante pelos reflexos da luz solar.

Tomei um pequeno trenó para visitar as quedas e comecei a minha inspecção pelo lado canadiano. Atravessei a ponte pensil d'onde do Niagara apenas se avistam dois pennachos de vapor d'agua. Em virtude da acção do vento inclinam-se um pouco para o lado americano. Percorro a margem canadiana. O meu trenó deslisa suavemente por sobre o gelo endurecido, dando-me toda a liberdade d'admirar o magico espectáculo impossivel de descrever.

A constituição do terreno que provocou a translação da cataracta pôde ser facilmente apreciada. A parede que me está na frente mostra-me uma massa de granito duro, abaixo uma rocha mais macia, friavel, que a agua vae cor-

roendo, e pouco a pouco vae destruindo, o que produz o esboroamento da parte superior. Cada seculo faz inclinar a queda para o lago Erié. Na minha frente a rocha está tambem em diversos pontos cortada por pequenas cascatas d'agua congelada. Logo que se atravessa a ponte pensil descobre-se o Niagara e á maneira que nos aproximamos o espectáculo torna-se mais grandioso e surprehendente.

O S. Lourenço fica completamente detido abaixo das quedas e apresenta o aspecto d'uma geleira de superficie rugosa e brilhante. A massa liquida espumante ainda do salto gigantesco que acaba de dar, desaparece sob uma camada de gelo brilhante que a cobre como uma ponte, para reaparecer mais abaixo, socegada, sombria e quasi immovel.

Do outro lado a queda americana, semelhante a uma massa d'espuma completamente branca, cahe d'um salto sobre os rochedos, onde se quebra ressaltando em pó impalpavel, em nuvem pulverulenta depositando-se sobre os pinaculos dos rochedos que mergulham a base no rio. Este pó congelado fôrma figuras phantasticas que muitas vezes se erguem até ao nivel superior do rio.

A ilha das Cabras divide S. Lourenço em dois braços de differente aspecto. Junto das margens a massa liquida é menos consideravel, dividindo-se em muitos riachos separados por rochedos. Entre cada pequena cascata ergue-se um immenso *serac* de gelo. A margem americana está inteiramente coberta por pó d'agua solidificado pelo frio; as casas, as arvores, tudo é d'um branco deslumbrante e absoluto. A ilha das Cabras é uma immensa penedia cortada a pique. D'ella descem massas de estalactites que cahem como pregas de mantos até ao fundo do abysmo. É uma confusão indiscriptivel, um montão de massas geladas que se entrecruzam, encanagram e se agglomeram em excrescencias monstruosas ou se abrem em crateras profundas. No centro as massas geladas são menores e poderiam ser comparadas a uma rede ou a uma serie d'escadas de corda lançadas ao flanco do precipicio. Na ilha a vegetação desaparece completamente sob esta manta de gelo. De longe parecem immensos folhos de rendas ou, antes, as crystallisações encantadoras e delicadas, n'este caso desmedidamente augmentadas, que nos maravilham n'um floco de neve.

A cascata canadiana, em fôrma de ferradura *Horse shoe fall*, é ainda mais imponente do que

a outra. Do lado americano as espessuras da massa liquida são apenas d'um ou dois metros; n'esta tem seis a sete. A differença é facil de notar. Do lado americano a agua, no momento de cahir, perde a côr escura e torna-se branca; do lado canadiano conserva a sua côr esverdeada durante dez metros de queda e o contraste dos tons junta a variedade ao grandioso.

Quando se está perto do leito superior do rio, vê-se este, immenso como um mar, chegar á queda por uma serie de rapidos onde se encapella arrastado por incalculavel força. Até tão longe quanto a vista pôde alcançar, a agua em cachão vae quebrar-se d'encontro aos rochedos á flôr d'agua. N'uns sitios contorce-se espumante, em outros conserva a sua primitiva côr esverdeada e principalmente na cataracta, onde se precipita como attrahido pelo vacuo. Emfim faltando-lhe o ponto d'appoiio d'um salto immenso cahe no abysmo, d'onde se levanta uma espessa nuvem de vapor d'agua que impede de lhe vêr o fundo branco d'espuma; o rio reaparece um momento para se introduzir sob a abobada de gelo d'onde sahe socegado e tranquillo, fatigado com tantos choques e luctas. No centro da ferradura a nuvem de vapor d'agua é mais espessa e intercepta a vista. Algumas vezes batida por uma rajada de vento inclina-se e deixa apparecer o centro da curva, onde um banco de granito paralelo á margem produz um rasgão no lençol d'agua, que a pouca distancia novamente reunindo-se fórma um cahos indiscriptivel. É a visão d'um momento e a nuvem novamente cobre o banco.

Visitei a gruta dos Ventos, então transformada em gruta de gelo. Desce-se a uma torre de madeira com aberturas a differentes niveis por onde se vê a cataracta sob todos os seus aspectos. Na base, em terra introduzem-se os pés em apparatus proprios para poder caminhar por sobre a camada de gelo que agora cobre o solo. Está-se ao pé da queda e aqui bem se vê como ella se fórma.

O espectáculo extraordinariamente sublime está superior a qualquer descripção. D'um lado a parede de rocha que se ergue e recurva em voluta parece prestes a esmagar o audacioso que se aventure sob este tecto gigante. A meus pés estende-se uma superficie ondulada como as vagas do Oceano irisiadas por cambiantes de luz formosissimos, quando o sol as fere. Na minha frente, a massa terrivel d'uma força infinita parece arremeçar-se a mim para me envolver no

seu furioso turbilhão, rugindo sem cessar como horrivel trovoadas.

No verão pôde-se estar entre o rochedo e o lençol d'agua que se despenha, mas no inverno não correm aqui mais do que dois pequenos filetes d'agua e a muralha liquida é substituida por innumeradas columnatas, roupagens, estalactites de fórmas variadas e d'aspecto deslumbrante. Uma vez é amplo manto de pregas ondulantes que cahe do tecto da caverna até ao solo; mais longe são immensas caneluras, columnas potentes, onduladas, espheroidaes das quaes estão suspensas estalactites de todos os tamanhos, desde o mais delgado fuso até ao mais grosso tubo dos orgãos das nossas cathedraes. Roupagens parecem envolver troncos d'arvores giganteas, onde patenteam as elegancias das suas franjas pendentes. O ceu azul reflete-se nas paredes espeelhadas e projecta reflexos ceruleos, em quanto que o sol produz cambiantes incandescentes e faz brilhar as pregas das roupagens como couraças d'aço polido. Os reflexos da luz solar produzem irisiações d'opala, tons d'esmeraldas. Ficariam horas contemplando estes esplendores que nos transportam a um mundo de fadas, mas o frio invade-nos e o guia está aqui ao nosso lado apressando-nos para nos mostrar a pequena nascente d'agua sulphurosa que escorre atravez do rochedo e o logar onde um homem atravessou n'este mesmo dia e n'este anno pela primeira vez os gelos que cobrem o rio.

Anoiteceu e eu metti-me no trenó que rapidamente me levou á hospedaria onde passei solitariamente a ultima noite do anno, pensando melancolicamente nas festas de familia.

No dia seguinte voltei a vêr mais minuciosamente a margem americana. Do outro lado tinha sido o ultimo visitante do anno de 1878; d'este lado era o primeiro visitante no anno de 1879. Penetro n'um parque e o meu trenó para em frente d'uma cabana d'onde me convidam a entrar. Encontro um plano inclinado descendo á base da rocha, onde está uma outra cabana de madeira. Um guia toma conta de mim e leva-me para um pequeno pavilhão construido sobre um rochedo, o mais proximo do ponto d'onde a agua se precipita. No verão tudo isto deve estar escorrendo agua; n'este momento tudo está sepultado sob uma camada de gelo com a espessura d'um metro. O vento do norte impelle para aqui uma nuvem de pó liquido que se precipita sobre todos os pontos. O frio intenso actuando instantaneamente congela estas tenuissimas got-

tas d'água e congela-as. Primeiro vejo a cataracta por uma janella feita especialmente para este fim, á qual para conservar a abertura desembaraçada todos os dias se parte o gelo que a tapa, como fazem as phocas no oceano Artico para vir respirar á superficie das aguas congeladas. A muralha de gelo tem uma espessura de muitos pés e diminue o campo visual, augmentando assim o effeito do quadro que temos sob os olhos. Pela abertura reduzida a alguns centímetros vê-se o ponto preciso em que a agua abandona o rochedo para começar a queda; vê-se a ultima vaga projectada da borda do precipicio como por uma catapulta; vê-se a massa enorme saltar,

lançada no espaço, depois infletir-se e precipitar-se no abysmo com a velocidade do raio.

Sahimos do pavilhão, e encontramos sobre o S. Loureneo congelado. Subimos não sem custo a um dos *seracs* de gelo que se erguiam em frente de nós e então vi o Niagara que eu pude contemplar em todo o seu esplendor. A massa gigantesca cahe a alguns metros adiante de mim; no seu incomparavel poder, vindo cahir aos pés semi-escondida em nuvens de vapor que se erguem até ao nivel superior da queda onde reflectem as côres do espectro solar quando feridas pelo sol, domina-me, esmaga-me. A massa cahe, cahe sempre, eternamente, terrivel. Cobre-nos



O NIAGARA, vista da Ilha das Cabras — Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia

com a sua humida respiração que se deposita em crystaes gelados sobre as massas dos gelos que a todos os instantes augmentam. O meu guia convida-me a atravessar o S. Lourenço na ponte que o inverno allí acaba de construir e acceito sem hesitar. É uma expedição semelhante á feita aos Alpes com os seus precipicios e com todas as sensações de perigo imminente. Às vezes um surdo ruido ou um estalido sinistro annuncia uma fractura interior na camada que pisamos, mas eu, tanto me captiva a vista do Niagara, nem n'isso penso. Passando assim revista á cataracta, comtemplando-a de perto e de frente, eu não sei que mais admirar, se a queda americana que rugue cahindo aos meus pés quasi tocando-me e atrahindo-me com a sua velocidade vertiginosa, se no meio do rio o quadro desenrolan-

do-se em toda a sua magestade, se a massa colossal da queda canadiana, com as suas proporções tão grandiosas que a queda americana apenas parece uma cortina de *musselina* franjada de espuma.

Voltando á margem subi o plano inclinado para visitar a ilha das Cabras. Está ligada ao continente americano por uma ponte onde circulam carruagens. Na ilha ha avenidas ladeadas d'arvoredo e pequenos caminhos ahi serpeiam, devendo no verão ser encantadores, mas sem que todavia possam offerecer então um espectáculo tão notavel e tão phantastico como hoje, n'esta clara manhã d'inverno.

Todos os troncos d'arvores estão revestidos por uma segunda casca d'humidade congelada, todos os ramos desde o mais grosso até ao mais

delgado vergam sob o pezo d'uma couraça de gelo que completamente os envolve.

A mais fina folha d'uma graminea tem o seu vestido de resplandecente alvura. Dir-se-hia uma floresta encantada tocada pela vara magica do Deus do inverno.

Aqui é um macisso d'arvores suspendendo por cima do abysmo os seus ramos carregados de estalactites; mais longe um pequeno arco de verdura desaparece sob uma tunica resplandecente. As pontes, os rochedos, o proprio solo está coberto d'um manto d'arminho. Cada aresta reflete até ao infinito raios prateados. O proprio sol n'este manto de gelo perde a sua côr dourada. A sua luz tem tons frios e azulados como se fôra uma lua com luz propria. Dir-se-hia um sol electrico. Os olhos ficam deslumbrados e quando se fecham por um momento continuam a vêr-se um sem numero de faiscas prateadas.

Nos diversos rochedos que subdividem a queda d'agua construíram pequenas pontes que homens desembaraçam a golpes de machado do seu envolucro de gelo. Pude assim vêr a espessura do gelo e pontos ha em que tinha attingido a espessura de pé e meio.

Chegado ás pequenas ilhotas fiquei completamente cercado pela cataracta. Cahe-me aos pés, rola na minha frente, por de traz de mim levanta os seus cachões, por cima da minha cabeça envolve-me com os seus rugidos ensurdecedores; sinto-me attrahido pelo movimento impetuoso de que tudo em volta de mim está animado. Parece-me ser arrastado pelo turbilhão das vagas enormes, precipitado no abysmo e envolto no enorme cylindro d'agua que cahe e se esmaga.

Que penna poderia descrever os esplendores do Niagara? Trollope analysa-a, discute-a e põe em relevo todas as suas bellezas. Dickens descreve-a em algumas palavras n'um accesso d'enthusiasmo. Chateaubriand vê-a talvez com olhos d'inspirado, mas as suas palavras e as suas imagens não podem desenhar estes prodigios, principalmente com os mil contrastes que a mão do inverno lhe prodigalisa.

Eu só encontro a palavra ingleza *unearthly* que pôde traduzir a impressão com que fiquei. Sim, na verdade, aquillo é um espectáculo que não é do nosso mundo.

FIM

## MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1593-1631

TERRAS E MINAS AFRICANAS

SEGUNDO

BALTHAZAR REBELLO DE ARAGÃO

(Continuação da folha 16 — 3.º anno)

**F** SENDO caso que seja Deus servido de me levar para si, sem haver dado cumprimento ao que digo, se a pessoa que eu nomear o cumprir, dando satisfação ao que dever á fazenda de Sua Magestade, será o dito senhor obrigado a lhe fazer as ditas mercês como a mim em pessoa, se vivo fôra, e não querendo elle seguir a dita fabrica, não será mais obrigado que a pagar por mim o que eu dever á fazenda de Sua Magestade, e a fabrica que mais houver a

poderá vender, ou retirar, como lhe parecer melhor.

E para satisfação do que digo se pôde Sua Magestade mandar informar de mim, se darei cumprimento a este negocio com muita satisfação e zêlo de seu serviço, do presidente da camara João Furtado de Mendonça, que foi governador de Angola, de Bento Banha Cardoso, do dr. André Velho da Fonseca que foi lá por desembargador, pessoas de muito credito e ex-

perencia, a qual em mim não falta, hor haver trinta annos que resido n'aquellas partes, nem posse e qualidade para poder servir Sua Magestade como até agora tenho feito.

IV

1631

Serviços de Balthasar Rebello

Balthasar Rebello de Aragão, capitão mór que foi na conquista de Angola, que mandando Sua Magestade, que Deus tem, El-Rei D. Philippe por governador do dito reino a D. Francisco de Almeida no anno de 93, mandou o dito Senhor pregoar uma provisão que toda a pessoa que o fosse servir ao dito reino lhe faria honras e mercês e havia os ditos serviços por qualificados, como se foram feitos em Africa, pela qual rasão elle supplicante assentou praça n'este reino e foi servir a Sua Magestade no anno de 93, onde serviu de soldado, capitão e capitão mór da gente de cavallo e capitão mór do campo mui pontualmente, como se verá pelo decreto de seus serviços.

It. e indo por governador do dito reino João Rodrigues Coutinho, Sua Magestade, que Deus tem El-Rei Philippe II, concedeu de novo as ditas mercês e seus habitos de Christo, para dar às pessoas que bem servissem na dita conquista, o que elle supplicante fez, servindo com quatro cavallos á sua custa, assustentando muitos cavallos que corriam por conta de Vossa Magestade, dando mesa a muitos soldados pobres, no que gastou muita fazenda em serviço de Vossa Magestade, para com isso merecer as honras e mercês que Vossa Magestade promette a quem bem o servir nas ditas partes, donde fez a fortaleza de Mochima á sua custa e ajudou a fazer a de Cambe, carregando a pedra ás costas, e a defendeu no cerco que teve com muito gasto de sua fazenda e morte de muitos escravos de preço.

Entendendo elle supplicante ter bem servido a Vossa Magestade e ser fidalgo de geração e de bons procedimentos, pediu a Vossa Magestade lhe fizesse mercê de o honrar com o fôro de fidalgo e uma commenda, e alcaide mór de Loanda e fortaleza de Cambambe, para casamento de uma filha sua legitima, e o cargo de provedor da fazenda para casamento de outra, não se lhe defferiu a coisa alguma que o possa honrar

mais que o cargo de provedor da fazenda de Angola por tempo de tres annos, navegante dos providos, no que se lhe fez notavel agravo, pois o dito cargo o não honra, por haver servido a Vossa Magestade em outros maiores, nem lhe é de proveito, pois no dito reino não ha fazenda de Vossa Magestade que elle haja de administrar, que está o rendimento d'ella por contrato, e se alguma honra houver ha de ser com muito trabalho e risco d'elle supplicante, porque os governadores não soffrem no dito reino o tal cargo, e quando vier a haver rendimento se lhe acabará o tempo de tres annos de serventia do dito cargo.

Pelo que Vossa Magestade lhe não paga seus serviços, antes o manda servir de novo e arriscar sua pessoa e fazenda sobre cobrar e empadrear o rendimento dos sovas, e quintos, e fisco real e outras muitas cousas que pertencem á fazenda de Vossa Magestade que não estão postas em rasão e as cobram e possuem os governadores do dito reino e outras pessoas.

E não parece justiça se lhe dê a serventia de um cargo de tanto trabalho e pouco proveito por tempo de tres annos em satisfação de trinta e oito annos de serviços tão honrados, e de tanto gasto de sua fazenda, como se verá do decreto d'elles.

E porque elle supplicante é de geração de fidalgos e tem bons procedimentos, não estimando a fazenda no serviço de Vossa Magestade, pessoa onde cabem e estão bem empregadas as honras e mercês que Vossa Magestade lhe fizer, não acceita a dita mercê, antes de novo pede humildemente a Vossa Magestade lhe faça mercê de o honrar com o fôro de moço fidalgo e o habito de Christo com 50000 réis de tença pagos em Angola.

Trazendo, por exemplo, haver Vossa Magestade feito mercê a João Vitoria, pelos serviços de Angola, do habito de Christo, com 20000 réis de tença e fôro de cavalleiro fidalgo e marcador dos escravos, que rende mais de 1:000 cruzados cada anno, para casamento de uma filha sua, e a D. Pedro Rezoles, que foi soldado d'elle supplicante, fez Vossa Magestade mercê do habito de Christo, com 50000 réis de tença e a fortaleza de Cambambe, sendo ambos estrangeiros.

E a Silvestre Landim fez Vossa Magestade mercê do habito com 40000 réis de tença n'este reino, não sendo os serviços, nem qualidades, d'estas pessoas môres que as d'elle supplicante.

E não lhe fazendo Vossa Magestade mercê como elle merece e Vossa Magestade promette por suas provisões que vão acostadas a seus serviços, que foi a causa que o obrigou a vir a este reino de tão remotas partes, com tanto gasto e despeza de sua fazenda, para com mercês de Vossa Magestade ser honrado como espera, elle não acceta o cargo de provedor.

Em satisfação de seus serviços e porque mais

é serviço que elle de novo vae fazer a Vossa Magestade, que mercê que n'isso receba, em satisfação de tantos serviços e gasto de sua fazenda que Vossa Magestade em consciencia lhe deve mandar pagar e dar satisfação no que

R. M.

FIM

## OS DOZE DE INGLATERRA

### ESTUDO CRITICO-HISTORICO

(Continuação da folha 8—2.º anno)

«**F**A COUSA de maior espanto, e em que de-seja de gastar muitas mãos de papel, é, que essa nossa gente a maior d'ella, ou quasi toda eram soldados, d'entre Douro e Minho, da Beira e de Traz-os-Montes, homens não conhecidos, nem de appellidos usurpados, senão creados pobres, e rusticamente mal vestidos, e peor atados. Mas por certo que por elles se podia dizer, o que se já disse por Cesar, que se guardassem d'aquelle mancebo mal cingido. Assim d'estes nossos portuguezes, a quem a falta de sangue encobriu o grande valor do espirito, se podia dizer: «Guardae-vos d'aquelles esfarrapados, e d'aquellas espadas ferrugentas, porque alli vão outros Cesares». E assim vieis um d'estes posto de barba a barba contra muitos dos inimigos, e cortal-os com tanto valor, e esforço, que vos mettia medo, e causava grandissimo espanto, e endireitar com um elephante bravo, que poderia fazer recuar todo um exercito, e fazel-o virar para traz, como se fôra outra alimaria mais brava, e mais feroz que ella. E estes de que fallo são os que acabaram na India os mais dos feitos arriscados, que n'esta se commetteram; e os que n'esta ilha de Ceylão sustentaram este e outros cercos, de que se puderam fazer muitas escripturas, se o tempo e o descuido lhe não tivera sepultados os nomes, e com elles os feitos.

(Couto, Dec. 7, Liv. 10, Cap. 14, pag. 553 da edição de 1778).

#### II

Tomando a narrativa de Mariz como a mais fiel expressão da relação primitiva, vemos que ella apenas menciona Alvaro d'Almada, Alvaro Gonçalves Magriço, Pacheco e Pedro Homem.

Quatro nomes apenas!

Esta quasi anonymia é, como vimos, uma das feições características de relações semelhantes, e por isso uma prova importantissima da sua authenticidade.

O catalogo dos *Doze* apparece em nota marginal na edição dos *Diologos de Mariz* de 1758, mas de tal sorte contrasta com o texto, que o temos por apocripho, e mesmo só pela primeira vez apposto a elle n'aquella edição.

A primeira vez que o catalogo completo appareceu em publico foi no opusculo de Ignacio Rodrigues Védouro — *Desafio dos doze de Inglaterra*, em 1732.

Já em 1724 havia sido accusada a existencia d'este catalogo em uma *Miscellanea ms.*, existente na livraria do conde de Vimeiro desde os fins do seculo anterior.

Quem seria o auctor?

Védouro aponta como fontes do seu opusculo os *Luziadas*, com os commentarios de Manuel Correia e de Faria e Sousa; cita mais o 2.º conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, 1614-1693.

Ora, não se encontrando o catalogo nos *Luziadas*, nem nos commentadores citados, resta, por exclusão de partes, attribuil-o a D. Fernando de Menezes.

A celebridade do caso, principalmente depois do episodio dos *Luziadas*, devia excitar a vaidade nacional e aristocratica, a completar o catalogo dos *Doze*, de que apenas quatro eram os nomeados.

(Continua.)



A CARAVANA NA PARTE LEGUMINOSA DA FLORESTA — Desenho de Y. Frankenkoff, segundo o texto

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 17 — 3.º anno)

**P**EPOIS, uma outra ideia, não me sahia da mente. Ao chegar alli, soube, que um branco (Macua), que não era missionario nem commerciante, estava acampado de frente de mim, na outra margem do Cuando.

Quem seria o meu companheiro n'aquellas remotas paragens?

Ardia em curiosidade, e contava os instantes para o alvorecer do dia seguinte.

### CAPITULO SUPPLEMENTAR

A paginas 184, em capitulo analogo a este, tratei por modo succinto dos paizes comprehendidos no meu caminho entre a costa de Oeste e o Bihé.

N'este capitulo buscarei epitomar o que nos meus trabalhos escolhi de mais interessante, relativo ao vasto territorio que medeia do Bihé ao curso superior do rio Zambeze, até onde termina a narrativa da minha viagem na pagina antecedente.

Apresentando um resumo das minhas determinações astronomicas, dos meus estudos meteorologicos, etc., sem pedantismo o faço, e creio apenas n'isso cumprir um dever, tornando publicos um certo numero de estudos e trabalhos de que fui encarregado, e que, se não interessam a alguns leitores, podem merecer attenção de outros.

Sem querer alcunhar-me de sabio, declarar-me ignaro seria affectação.

Além da carta geral d'Africa tropical do sul, quiz eu apresentar algumas cartas parciaes dos paizes que mais mereceram a minha attenção no caminho que segui, por poder dar a estas um desenvolvimento de detalhes que a pequena escala d'aquella não comportaria.

Vou tratar d'esse enorme tracto de territorio,

debaixo do ponto de vista geographico, com tanto mais interesse, quanto elle é desconhecido aos geographos, que nas suas cartas o tem preenchido até hoje com linhas mal seguras, traçadas pela mão tremula da duvida, colhida nas informações pouco idoneas e contradictorias de gente ignara.

Um europeu, Silva Porto, atravessou aquella parte da planura africana, antes de mim, e em grande parte muito mais ao sul do caminho que segui; mas Silva Porto nunca publicou as suas interessantissimas notas, que agora anda pondo em ordem; e é preciso dizer, que, se essas notas dão um valioso subsidio ao estudo da ethnographia africana, pelo muito que a sua vista observadora perscrutou dos costumes e do viver dos negros, dão ellas um fraco auxilio ás sciencias geographicas, em que elle, por falta de elementos, não pôde fazer um trabalho serio.

São paizes completamente novos á geographia aquelles que apresentei nos antecedentes capitulos, e de que vou tractar n'este.

As coordenadas geographicas dos principaes pontos do meu itinerario foram calculadas dos elementos que adiante publico.

Começarei por descrever o systema fluvial d'esta parte da planura africana.

As ultimas aguas que correm á costa de Oeste nascem em torno do Bihé, dentro de um V enorme formado por dois rios, o Cubando e o Cúito, que, depois de se unirem em Darico, vão correr a S. E. no deserto do Calaari.

O systema fluvial da Costa Oeste, entre a foz do Cuanza e a do Cunene, termina quasi alli, recebendo ainda o Cuanza alguns affluentes de Leste, que vão buscar as suas aguas ao meridiano 18 E. Greenw.; taes são: o rio Onda, que ainda nasce dentro do angulo formado pelo Cubango e Cúito, e o Cuiba e o Cuime, que entrelaçam as suas nascentes com as do Cúito e

as de outro rio, o Lungo-é-ungo, que pelo Zambeze vai lançar no mar Indico aguas bebidas nos charcos de Cangala, por 18 de longitude, e que percorrem a enorme distancia de mil quatrocentas e quarenta milhas, para attingirem a meta que a natureza lhes marcou. A latitude d'estas nascentes, que, em amigavel convivio, partilham as suas aguas para pontos da terra tão distantes, é proximamente de 12° e 30°, isto é, está n'essa faixa, comprehendida entre os parallellos 11 e 13, onde nascem os dois rios gigantes da Africa Austral, o Zaire e o Zambeze, e seus principaes affluentes.

Entre o Equador e o paralelo 20 austral e esses dois rios formam dois systemas d'aguas perfeitamente definidos, mas que tem um traço commum de união no paralelo 12 e na faixa que borda esse paralelo 60 milhas ao sul e ao norte, entrelaçando alli as suas origens muitos dos grandes affluentes dos dois colossos, e formando de per si cada um d'elles um systema d'aguas que vai engrossar as duas arterias principaes.

Assim pois, entre os meridianos 18 e 35 a leste de Greenwich, e os parallellos 8 e 15 austraes, toda a agua que corre ao Norte vai entrar no Atlantico por 6°, 8', com o nome de Zaire; toda a que corre ao sul entra no Oceano Indico por 18°, 50', com o nome de Zambeze.

Caminhando a E. S. E. affastava-me da bem pronunciada linha divisoria das aguas dos dois grandes rios, e ao passo que os meus ex-companheiros se entregavam ao estudo de um d'esses systemas d'aguas filial do Zaire, eu seguia passo a passo outro filial do Zambeze, e á medida que avançava do interior do continente, esse systema ia-se apresentando firmemente definido e claro.

Os paizes de que fallei nos anteriores capitulos, os mesmos de que estou tratando aqui, são a sêde de um systema fluvial, que fórma um dos principaes, se não o principal, affluentes do Zambeze. O rio Cuando, arteria principal d'este systema, nasce por 18°, 57' de longitude, 12°, 50' latitude, n'um pequeno charco apaulado, superior ao nivel do mar em 1362 metros.

A sua foz, na confluencia com o Zambeze, está collocada em 17°, 49' de latitude, 25°, 23' de longitude, na altura de 940 metros do nivel do mar. A extensão do seu curso é de 540 milhas geographicas, ou proximamente mil kilometros. O seu desnivelamento da nascente á foz é de 422 metros, ou de um metro em cada 2369 metros de curso.

Os affluentes do rio Cuando, pela maior parte navegaveis, representam uma extensão de vias fluviaes não inferior a mil milhas geographicas, ou proximamente mil e oitocentos kilometros, que com o curso d'aquelle rio perfaz um total superior a 1600 milhas, ou perto de tres mil kilometros. Estes algarismos enormes representam a importancia d'aquelle parte do planalto africano.

Forçando a minha marcha, entre mil difficuldades, pude seguir a linha das nascentes do grande rio e seus principaes affluentes, que ficaram perfeitamente determinados nos seus cursos superiores.

Aos traçados hypotheticos, a que a maior parte dos geographos preferiam deixar na carta d'aquelle parte d' Africa um branco enorme, pude substituir um traçado firme e seguro do paiz ignoto.

O rio Queimbo, o Cubangi, o Cuchibi e o Chicului, são todos rios navegaveis, banhando ferteis paizes e promettendo um futuro áquelle parte do continente negro, livre do zê-zê, a mosca terrivel, que corta cerce o porvir de muitos outros terrenos africanos.

Agora, que em breves traços apresentei o grande e principal systema d'aguas das terras comprehendidas entre o Bihé e o Zambeze, vou succintamente fallar da sua orographia.

Para isso preciso antes dizer duas palavras da constituição geologica do solo, que facilmente explica os pequenos accidentes d'elle.

O solo africano austral é rocha das epochas primitivas. Se junto ás costas, nos terrenos baixos observamos os depositos sedimentares, e o trabalho da agua, elles acabam alli, para não deixar perceber mais do que a acção do fogo.

Os calcareos terminam nas escarpas oeste das montanhas que formam os primeiros degraus do planalto. Succede-lhes immediatamente o terreno plutonico, e encontramos até ao Bihé o granito primitivo, profusamente distribuido. Do Bihé para leste o granito vae desapparecendo, e além Cuanza é substituido pelos xistos argilosos e micaxistos.

É sempre o terreno eruptivo, mas debaixo da acção do metamorphismo. Effectivamente, do Cuanza ao Zambeze o solo é metamorphico.

São xistos e mecaxistos, tornados de tal modo plasticos, pela acção das grandes aguas, que do Bihé ao Zambeze, se algum viajante tencionar um dia alli atirar alguma pedrada, eu recomendo-lhe que leve pedras do Bihé e d'onde

termina a região granítica, porque em todo o caminho que segui não encontra uma só.

A natureza do terreno explica por si mesma o seu pouco accidentado, e a falta de cataractas e rápidos nos rios d'esta região africana. Em todo o caminho que segui ha uma depressão constante no terreno até ao leito do Zambeze, formando uma inclinação suave. Esta depressão é de 292 metros, em 720 kilometros, que medeiam da margem do rio Cuanza á planicie do Nhengo.

A orographia d'aquella região é produzida pela acção da agua, e perfeitamente marcada pelas depressões dos leitos dos rios.

30 a 40 metros acima do nivel das aguas correntes, se elevam systemas de montes de cumiadas arredondadas e uniformes, acompanhando sempre sem excepção o curso das aguas.

A flora que se nos apresenta no Bihé, e onde a planura attinge a sua maior elevação, mais pobre em arvores, mas riquissima em arbustos e plantas herbaceas, na parte leste do paiz do Bihé, e sobre tudo além Cuanza, já recupera, com a menor elevação do solo, toda a sua riqueza tropical.

A caça, que escaceia desde o paiz do Huambo até proximo da nascente do Cuando, reaparece abundante d'alli até ao Alto Zambeze. Seis raças perfeitamente distinctas, e que os sertanejos da costa confundem debaixo do nome generico de Ganguelas, assentam as suas povoações do Cuanza ao Nhengo.

O paiz a leste do Cuanza, na parte que é cortado pelos rios Cuime, Ouda e Varea, e seus pequenos affluentes, é habitado pelos Quimbandes.

Do Cuito á nascente do Cuando, assentam as suas povoações os Luchazes. Os affluentes de E. do Cuando, este mesmo rio, são povoados de gentes de raça Ambuela.

Como disse na minha narrativa, o paiz dos Luchazes está sendo invadido por uma emigração enorme de Quiôcos ou Quibôcos, que tendem a estabelecer-se nas margens do rio Cuito. Entre este rio e o Cuando e muito para o sul, o paiz, sem povoações fixas, é com tudo occupado por uma grande população nomada, os Mucassequeres.

A margem sul do rio Lungo-é-ungo e seus pequenos affluentes, são habitados por os Lobares. Tres d'estas raças, os Quimbandes, Luchazes e Ambuelas, fallam a mesma lingua, o Ganguela, com pequenas modificações.

Os Quiôcos e Lobares fallam dialectos differentes, e os Mucassequeres uma lingua original, tão diversa das outras, que é impossivel serem comprehendidos de povos estranhos.

Os Quimbandes são indolentos e pouco guerreiros, pouco agricultores e pobres em gados, occupando um paiz fertilissimo, em todas as condições de dar a riqueza aos seus possuidores.

Formando federação, não deixam de andar em questões continuadas com os vizinhos da mesma raça.

Não são bravos, mas são ladrões, e atacam sempre as comitivas do Bihé que vão negociar cera mais ao interior, logo que essas comitivas são fracas e elles conhecem que podem vencer.

É certo, logo que desfila uma comitiva no paiz, estarem elles embuscados a contar as espingardas que traz, e o numero de caixas de polvora, que se distinguem pelo seu involucro de pelle de leopardo, costume adoptado pelos sertanejos Bihenos.

Se alguém entrar no paiz dos Quimbandes com 50 espingardas e seis ou oito caixas de cartuchos, pôde dormir descansado, que só terá d'elles amizade e respeito.

Os Luchazes, um pouco mais agricultores do que os Quimbandes, não possuem já rebanhos bovinos, e apenas ha aqui e além algum gado caprino de inferior especie.

Já cuidam de colher cera, e são um pouco mais industriosos do que os seus vizinhos de oeste.

Emquanto a valor e honestidade, orçam pelo mesmo. Constituidos em federação como aquelles, cada povoação tem um chefe independente, um pequeno senhor, que não se dá ares de tyranno com o seu povo.

Os Ambuelas, de muito melhor indole, não são nada guerreiros. São talvez a melhor gente indigena da Africa Austral.

Grandes cultivadores, não trabalham menos na colheita da cera. São pobres, podendo ser riquissimos se tivessem gados.

Formam federação com os outros, mas os chefes conservam um pouco mais de independencia.

Em geral, vi na Africa, que mais felizes e livres são os povos governados por pequenos senhores. Não se praticam alli as scenas de horror tão vulgares nos grandes imperios regidos por autocratas.

Se o roubo é vulgar, é desconhecido alli o assassino, ao passo que entre os grandes potentados o roubo vem depois do homicidio.

Sem pretensões a propheta, quero crer que um dia, será entre aquelles povos que se estabeleceraam os mais seguros elementos de civilização europêa na Africa.

É minha opinião, que nos paizes occupados pelas confederações africanas, regidos por pequenos regulos, de indole menos guerreira, por se reconhecerem mais fracos, é que deve entrar a civilização com mão forte, debaixo da fórma do commercio, do missionario e do explorador.

Divirjo, por tanto, da opinião do mais ousado dos exploradores, do mais energico trabalhador africano, do mais dedicado apostolo da civilização do continente negro, do meu amigo H. M. Stanley.

Diz elle, que devem os missionarios atacar a Africa pelos grandes potentados.

Não penso assim, e o estudo dos factos demonstra-me o contrario.

O Matebelle desde 25 annos que possui missionarios inglezes, e não ha alli um só christão! Se o chefe é catechisado, o seu povo obedece e finge seguir a lei de Christo.

É como a estatua de Nabuchodonosor, tem pés de barro aquella civilização.

Morra o chefe, venha outro que não queira trocar o harem onde ceva a brutal lascivia, pelo thalamo nupcial onde uma só esposa lhe acompanhe os passos na carreira da vida, e cahiu o monumento, a civilização desfez-se, e não ha amanhã um só christão na igreja que hoje regorgitava de povo.

O commercio é bem recebido pelo grande potentado, porque representa interesses immediatos, materiaes de que elle colhe o fructo.

No Matebelle, onde os missionarios inglezes não tem podido fazer escutar a doutrina de Christo, os negociantes inglezes tem introduzido com o vestuario e com outras necessidades que tem sabido crear, uma civilização relativa.

Podem apontar-me o exemplo do Banguato, mas eu respondo com o que já disse. Morra o rei Khama, e vá ao poder um sova que não queira ser christão, e todos os catechisados se esvairam como fumo. Os negociantes continuaram o seu trafico, mas o missionario terá de repetir com elle as orações do domingo, ás pessoas de familia que o rodeiam.

Digo-o sem receio de errar.

No Transwaal, entre pequenos regulos, ve-

mos muitos indigenas que seguem a lei do Evangelho. No Basuto ha christãos convictos, independente da influencia d'alguns chefes que o não são.

Se os exemplos são estes, aquelles que vêem no missionario o primeiro mensageiro da civilização africana, que ataquem os pontos fracos do reducto, e não vão perecer ingloriamente onde o cruzamento dos fogos é mais activo.

Eu sou apologista do missionario, merecem-me a maior consideração não só as missões, em si mesmo, mas os seus membros espalhados no meio dos povos barbaros do continente negro. Tenho visto em quasi todos os que conheço a tendencia para seguirem um caminho differente d'aquelle que aponto.

Todos querem um grande numero de adeptos para a cathese, sem olharem ao terreno em que semeiam.

Uma vez que incidentalmente fallei dos missionarios africanos, vou rapidamente dizer duas palavras mais sobre o assumpto, que me proponho a reatar um dia largamente em obra adequada.

Eu francamente não creio o cerebro do preto á altura de comprehender um certo numero de questões, comezinhas entre povos de raças evidentemente superiores.

As questões abstractas são sublimes e incomprehensíveis a tão inferiores organizações.

Explicar theologia a um preto equivale a expôr as sublimidades do calculo differencial a uma assembleia de camponios.

Mas, se o preto não está á altura de poder jámais comprehender as verdades da religião de Christo, tem sem duvida o sentimento do bem e do mal, e está nas condições de comprehender os principios de moral commum.

Marchem para entre os povos ignaros d' Africa Central os missionarios, sigam sem trepidar o caminho que lhes impõe a sua missão evangelica, mas desvendem os olhos.

Tomem para si o que ha de abstracto na sciencia de Deus, e não queiram ensinar aos negros o que ha de sublime n'ella para cerebros mais bem organizados. Ensinem moral e só moral com o exemplo, e com a palavra; criem necessidades aos que a ignorancia faz precindir de tudo; criem-lhes necessidades, que ellas farão nascer o trabalho, e só por elle se regenera um povo.

Quero missionarios, mas quero missionarios do christianismo e da civilização, homens que

compenetrados dos seus deveres para com Deus e para com a sociedade, saibam firmar o edificio social em solidas bases, ensinando o bem e o trabalho, e tudo o que o preto possa comprehender, esperando a occasião que o tempo, a civilisação, não deixará de trazer, se elle bem trabalhar, para ir pouco a pouco inculcando nos animos as verdades da theologia e da moral.

Busque primeiro fazer do preto um homem, que tempo terá de fazer do homem um christão. Seguir o caminho contrario é edificar na areia.

No correr d'esta obra terei ainda de fallar nas missões africanas, e fallarei desassombradamente com a consciencia de que presto um verdadeiro serviço á causa das missões e á causa da humanidade, apontando erros de que ellas estão eivadas.

O homem que mais poderia coadjuvar o missionario em Africa seria o negociante.

Infelizmente o commercio sertanejo está em mãos de bem tristes apóstolos da civilisação.

Já fallei dos portuguezes, e com bem pensar meu tenho de metter estrangeiros em linha igual. Por um lado, a invasão do commercio pelos arabes de Zamzibar não dá em civilisação e cultura o que devia dar, porque a dissolução de costumes de taes gentes destroe tudo quanto o commercio adianta.

Por outro lado, os *traders* (traficantes) inglezes, creio que deixam muito a desejar em moralidade, segundo ouvi dizer a missionarios seus conterraneos. Esta questão, do commercio sertanejo como meio civilizador, é questão que me proponho a tratar um dia, e que não é cabida aqui, onde só por incidente fallei de missões e commercio.

Volvendo a entrar em assumpto, dizia eu, que os paizes comprehendidos entre o Cuanza e o Zambeze estão em condições de receberem com mais facilidade do que os outros povos que conheço em Africa, o impulso civilizador que a Europa hoje se empenha em imprimir aos esquecidos povos do grande continente.

Deixando estes paizes, dos quaes já fallei detidamente nos anteriores capitulos, vou entrar no Alto Zambeze.

Até alli era eu o primeiro explorador a pisar aquellas paragens, o primeiro a descrevel-as, o primeiro a apresentar uma carta geographica que as representasse; alli havia sido já precedido por outro, e por outro que se tornou tão distincto na obra da civilisação africana, que ganhou um tumulo em Westminster Abbey, e re-

pousa hoje junto dos reis, dos grandes homens de Inglaterra. Vinte annos antes de mim, David Livingstone percorreu aquelle paiz.

N'esse tempo era elle governado por outra raça, e eu fui encontral-o em condições bem diferentes.

As condições de geographia physica eram as mesmas; mas os geographos que seguirem outros, terão sempre rectificações a fazer, terão sempre alguma coisa a accrescentar.

Entre a carta de Livingstone e a minha ha diferenças que já deram nas vistas a alguns geographos europeus.

Que o vulto respeitavel do celebre explorador me perdõe se eu o contradisser em alguns pontos da sua geographia do Alto Zambeze. Era a sua primeira viagem, e o missionario ousado estava longe ainda de ser o explorador geographo do futuro. Elle mesmo não se vexa de confessar que, n'esse tempo, debalde tentou medir a largura do rio por um processo trigonometrico comezinho.

Da confluencia do Liba á do Cuando, o Zambeze apenas recebe na margem direita dois afluentes, Lungo-é-ungo e o Nhengo.

Quem viaja da costa de oeste vê logo, que entre o Nhengo e o Cuando nenhum rio pôde existir. Assim pois o rio Longo, o Banienco, etc., são traços filhos de informações erroneas.

Na longitude do Zambeze, no parallelo 15, encontrei tambem diferença grande para oeste, notando-se que esta diferença envolve um erro manifesto; porque eu observava os reaparecimentos do primeiro satellite de Jupiter, e havendo erro da minha parte era esse erro prejudicial a mim, porque envolvia approximação da determinação de Livingstone.

Cada quatro segundos que eu visse mais tarde o reaparecimento, era uma milha mais a favor d'elle.

O que poderia produzir um erro que me afastasse da posição determinada, era eu ver o satellite antes do reaparecimento, o que é materialmente impossivel.

O curso do Alto Zambeze, na parte em que o visitei, isto é, do parallelo 15 á cataracta de Mozi-oa-tunia, é dividido em quatro troços perfeitamente distinctos. Do parallelo 15 (e mesmo muito mais do norte) até proximo do parallelo 17; é perfeitamente navegavel em todas as epochas do anno.

Ahi começa a apparecer o terreno vulcanico, e com elle o basalto. É a primeira região dos

rapidos e cataractas, onde fôra um serio obstaculo, a grande cataracta de Gonha; tudo mais com pequeno trabalho se tornava facilmente navegavel, abrindo um canal junto de uma das margens. Mesmo em Gonha, era de pequena difficuldade profundar um canaete que existe na margem esquerda junto do caminho que segui por terra, e que vem designado na carta, por onde se escoam aguas na epocha das cheias.

Da ultima cataracta, Catima-Moriro, até á confluencia do Cuando, torna o rio a ter uma navegabilidade facil.

D'ahi para jusante novos rapidos vão terminar na enorme cataracta de Mozi-oa-tunia, e essa região não poderá nunca ser aproveitada como via importante, porque uma serie de abysmos lhe corta de futuro um melhoramento qualquer quanto a navegação.

No valle do Alto Zambeze ha terrenos productivos e fertes. Vastas pastagens alimentam milhares de rezes nos valles, acima e abaixo da região das cataractas. Na região montanhosa ha a mosca zê-zê, e torna-se difficil passar os gados de Luialui ao Quisseque.

Comtudo, a mosca está concentrada nas florestas da região das cataractas, e para lêste do Barôze não existe, porque os povos Chuculumbes são grandes pastores.

O valle do Alto Zambeze, cheio de belleza, fertil e rico, exhala do seu seio envolto nos aromas das suas flores o miasma pestilente. Os Macololos foram dizimados pelas febres, e quando as azagaias do rei Chipopa libertaram o paiz dos ultimos conquistadores, já o clima tinha feito a sua obra de destruição.

Os Bihenos, que resistem ás febres de quasi todos os paizes africanos que visitam, são fulminados pelos miasmas do Zambeze.

No paiz entre o Bihé e o Zambeze, onde as caravanas se demoram muito tempo a permutar cera, é rarissimo haver um caso de febre no gentio Biheno; além da planicie do Nhengo, multiplicam-se as sepulturas d'elles.

Verissimo, indigena e possuindo uma organisação refractaria ao miasma, Verissimo, que nunca em sua vida estivera doente, não pôde escapar ao clima do Barôze, e vimos no capitulo antecedente ser elle prostrado pela febre. Eu mesmo, que resisto bastante ás endemias africanas, sentia respirar a morte com o ar que respirava alli.

Esta verdade, se tivera sido apregoada ha mais tempo, teria poupado a vida á familia El-

more, que só d'abeirar-se ao paiz succumbiu; porque o clima na região do Quisseque, e da confluencia do Cuando até Linianti, não tem melhores condições de salubridade do que o Barôze.

Cumpro um dever fallando bem alto a linguagem da verdade a respeito de um paiz que está merecendo a attenção da Europa.

Ahi fica ella, e salva está a minha responsabilidade de informador consciencioso, para todas as desgraças que aquella voragem ainda ha de causar aos que não crerem.

Será por isso o Lui um paiz de que se deva fugir e ao qual ninguem se deverá abeirar? Não é, e eu vou procurar demonstrar que elle deve merecer uma séria attenção, não só á Europa em geral, como muito particularmente a Portugal.

A Africa Austral, entre os parallellos 12 e 18, tem uma largura média de dois mil e seiscentos kilometros, e a partilha das aguas para as duas costas faz-se a um quinto d'esta extensão, junto á Costa de Oeste, porque se faz proximo do meridiano 18 E. Greenw., isto é, a 600 kilometros apenas da Costa Oeste.

D'ahi já se lançam dois rios, cujas aguas se juntam ao Zambeze, o Lungo-é-ungo e o Cuando.

Antes de vermos a importancia d'estes dois cursos d'agua, estudemos o proprio rio gigante, aquelle que bebe as aguas de todo o planalto africano ao sul do paralelo 12 até ao paralelo 20, e a lêste do meridiano 18.

O Zambeze divide-se naturalmente em tres grandes troços perfeitamente distinctos.

O alto curso, o curso medio, e o curso inferior.

O Alto Zambeze comprehende o rio desde as suas nascentes, ainda ignotas, até á sua grande cataracta Mozi-oa-tunia.

O curso medio estende-se desde Mozi-oa-tunia aos rapidos de Cabrabassa, e o Baixo Zambeze d'ahi ao Mar Indico.

Vejamos agora quaes são as condições de navegabilidade de cada uma d'estas partes do rio, e qual a sua importancia, e a dos seus afluentes.

Já n'este mesmo capitulo descrevi as condições do Alto Zambeze e por isso começarei por tratar do seu curso medio.

Conta elle de Mozi-oa-tunia a Cabrabassa uma extensão de 460 milhas geographicas, ou de 828 kilometros, e divide-se em duas regiões perfeitamente distinctas, a superior e a inferior,

cada uma das quaes é extensa de 230 milhas, ou 414 kilometros.

A região superior, que principia na grande cataracta, e termina nos rapidos de Cariba, não tem importancia como via navegavel, nem pelos afluentes que recebe, todos pequenos e inaproveitaveis á navegação.

Tem esta região alguns troços navegaveis, mas em pequenas extensões, e logo interrompidos com rapidos. A segunda parte do curso medio, de Cariba a Cabrabassa, está em condições bem differentes, tanto por offerecer uma facil navegabilidade como por os importantes afluentes que recebe do norte. De um d'estes afluentes me occuparei em breve.

O Baixo Zambeze, de Cabrabassa ao mar, conta uma extensão de 310 milhas geographicas, ou 560 kilometros, onde apenas poucas milhas são occupadas pelas cachoeiras de Cabrabassa, sendo o resto do curso navegavel, ainda que em más condições, por falta de agua na estação estia.

Esta parte do rio, mesmo nas más condições em que está da confluencia do Chire a Tete, é ainda uma grande via por onde se faz todo o commercio do interior com Quelimane. Recebe elle um afluente importante, o Chire, magnifico rio, que da sua foz a Chibisa, não tem cataractas, sendo perfeitamente navegavel. O Chire que vem do norte, no seu terço medio corre a S. E. quasi parallelamente ao Zambeze, e por isso de Chibisa a Tete apenas medeia uma distancia de 65 milhas geographicas, ou 117 kilometros, em terreno pouco accidentado, e que hoje, sem caminhos, se vence facilmente a pé em cinco dias.

Esta circumstancia é muito para merecer a attenção, porque, sendo o rio Zambeze pobre em profundidade da foz do Chire a Tete, não o é do Mazaro ao mar; e assim, navegando-se por elle e pelo Chire até Chibisa, chegamos a 5 dias de jornada a pé, de Tete, com toda a rapidez que nos podem proporcionar aquellas magnificas vias. Os 117 kilometros que separam Chibisa de Tete, podem ser vencidos em um dia com uma simples estrada de rodagem, e em tres horas com uma ferrovial.

Estão pouco ou nada estudados os rapidos de Cabrabassa, e não faço ideia até que ponto elles constituem um serio obstaculo á navegação, e se com pequeno ou grande trabalho se poderia remover esse obstaculo.

Sei porém, que a região que elles occupam

é pouco extensa, o que já constitue uma vantagem indiscutivel.

Voltemos ao curso medio do Zambeze.

Recebe elle pelo norte dois importantes rios, o Aruangua do norte e o Cafucué.

O primeiro, em cuja foz assentou outr'ora a importante e commercial villa do Zumbo, cujas ruinas attestam até que ponto a ousadia portugueza ia fundar os seus mercados, introduzindo a civilisação e o commercio nas mais remotas terras africanas, é um rio volumoso em aguas, mas, (dizem os sertanejos portuguezes) muito cortado de cataractas.

Seria comtudo importantissimo o seu estudo, ainda que não lhe vejo a mesma importancia que tem o outro, o Cafucué, de que vou fallar.

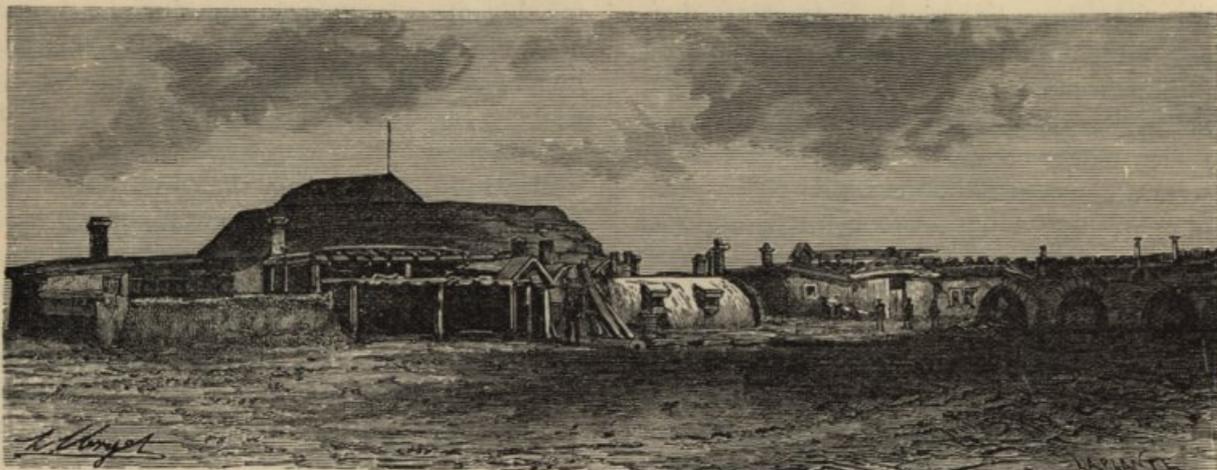
Os pombeiros Bihenos passam ao norte do Lui, atravessam o paiz das Machachas, e encontram um rio enorme a que elles chamam o Loengue. Esse rio é percorrido por elles nas suas viagens de trafico, que o sobem até ás origens, e descem até á foz, onde toma o nome de Cafucué.

Alguns dos que estavam commigo fizeram muitas vezes essa viagem, e raro é o Biheno que não tenha estado em Caiuco.

Miguel, o meu caçador de elephantes, de quem mais de uma vez fallei no correr da minha narrativa, passou dois annos n'aquelle paiz caçando elephantes, e muitas vezes percorreu o rio embarcado de Caiuco a Samalembue, isto é, uma distancia que eu calculo grosseiramente em 220 milhas geographicas, ou 400 kilometros.

De Lialui a Caiuco deve a distancia ser de 220 kilometros, porque é facilmente vencida pelos Luinas em dez dias, havendo exemplos de ter muitas vezes sido ganha em 8 e 7. Em virtude d'estes dados, lancemos um rapido golpe de vista ao estudo que temos feito do Zambeze, e reconheceremos que, n'uma extensão de 900 milhas geographicas, ou 1620 kilometros, seguindo pelo Zambeze, Chiri-Tete, Cafucué ou Loengue, a Caiuco e Lialui, temos apenas 18 dias de caminho por terra, 5 de Chibisa a Tete, 3 de Cabrabassa, e 10 de Caiuco a Lialui, representando uma extensão de 400 kilometros, e por isso sendo aproveitados 1220 kilometros de vias fluviaes perfeitamente navegaveis.

(Continúa.)



FORTE DE TAKOU (margem esquerda) — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia do doutor Morache

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

A embocadura do Pei-ho—A provincia de Tchely—A barra—No Pei-ho—Um missionario catholico e um negociante chinez—Os fortes de Takou—Os soldados chinezes.

3 de julho de 1873. — «Quem viveu em Pekin deseja lá voltar.» Talvez este rifão seja um pouco exagerado e por isso eu direi simplesmente que, depois d'uma longa estada na capital da China, desejei tornar a vel-a e dizer um ultimo adeus à «Kambalu» de Marco Polo.

Isto bastará para explicar a minha presença a bordo do vapor americano *Sinnan-tzing*, ancorado ás 9 horas da noite do dia 3 de julho de 1873 no golpho de Petcheli, á vista da ilha Chalui-tiene, da qual avistavamos o pharol do sul.

Estavamos apenas a uma hora da embocadura do Pei-ho e a uma milha da barra, que só se pôde entrar com a maré cheia. O piloto estava a bordo e só nos restava passar o melhor possivel esta noite, esperando que enchesse a maré e o dia dispontasse. O capitão P... attendendo ao grande numero de passageiros cedera-me metade da sua camara. Instalou-se junto do meu beliche fazendo paciencias sobre paciencias, depois de me ter dado um livro de que pude depois apreciar a conscienciosa exactidão e altissimo valor; quero fallar do douto trabalho de que é auctor G. Morache.

Em quanto que o capitão P... estende o trabalho de cartas antes de se deitar no sophá que

o espera, eis o que eu li a respeito da provincia de Tchely, onde desembarcaremos amanhã e sobre o golpho do mesmo nome:

«A provincia de Tchely, onde está situada a capital politica do imperio chinez faz parte do grupo norte das dezoito provincias do imperio, e o seu nome em traducção litteral: «regra direita» deve indicar que do seu seio parte o impulso governamental que dirige uma massa de duzentos ou trezentos milhões d'habitantes.

O Tchely fórma ao nordeste da China um grande quadrilatero irregular, situado entre o 110 e 117 graus de longitude este e 37 e 41 graus de latitude norte, que arremessa uma ponta de sessenta kilometros de largura até ao 31 grau de latitude norte. A sua superficie pôde ser avaliada em quinze milhões d'hectares, segundo as triangulações feitas pelos jesuitas no decimo sétimo seculo; a sua população é calculada em vinte milhões d'habitantes, o que lhe dá uma densidade de população igual á da Belgica.

«Terrenos montanhosos a envolvem: ao norte e noroeste os primeiros montes do grande planalto da Asia central que leva ramificações até Pekin; ao sul e sudoeste algumas pequenas montanhas que a separam da bacia do Huangho, ou rio Amarello.

«Assim cercada a provincia de Tchely é uma vasta planicie cuja superficie, apenas accidentada por algumas collinas, desce suavemente para o

mar que a banha a este n'uma extensão de trezentos e vinte kilometros. Affirma-se que é de recente formação. A tradição chinesa diz que não vae muito distante o tempo em que a cidade de Tien-tsin era porto de mar; agora esta cidade está a cincoenta kilometros da costa. Este retrahimento das aguas deve ser attribuido ás enormes quantidades de lodo que no golpho de Petcheli vasa o rio Amarello, o mais lodoso dos rios do mundo.

«A provincia de Tchely tem uma unica bacia hydrographica, commum ás diversas correntes que desagõam no mar, a mais importante das quaes é o Pei-ho ou rio septentrional: o Pei-ho passa em Tien-tsin, onde recebe as aguas de dois afluentes consideraveis e vae desagoar na parte dos mares da China, que constitue o golpho de Petcheli; a sua embocadura celebre na historia contemporanea, é defendida pelos fortes Takou que causaram em 1859 graves perdas á esquadra anglo-franceza e que em 1860 foram tomados pelo corpo expedicionario francez desembarcado a algumas leguas ao norte...»

Estava absorto na leitura, quando o capitão P... se levantou esfregando as mãos de contente pelo bom resultado das suas paciencias e, como eu, disposto a que o somno nos prodigalisasse sonhos completamente chinezes.

4 de julho.—Desde o romper do dia que navegavamos prõa á barra para passar o canal, manobra sempre delicada, apesar das boias que indicam a derrota. Em 1873 tentaram alargar e profundar esse canal com dragas compradas em França pelo governo chinez. Enganaram-se, os alcatruzes das dragas em vez de serem cylindricos eram quadrados; o lodo depositava-se nos cantos dos alcatruzes, e estes, que eram magnificos para um fundo areento, eram inefficazes no fundo lodoso do Pei-ho. Graças a este erro, o estado da barra é o mesmo, se não peor, que ha quinze annos. Só os vapores de quinhentas a seiscentas tonelladas podem entrar.

Pouco depois ao longe vão apparecendo por entre as neblinas da manhã, os terrenos planos e baixos da provincia imperial e começamos a distinguir os altos torreões dos fortes do norte e sul do Takou.

Mettemos prõa ao norte a uma balisa, em cuja direcção reconheço o monumento funerario sob o qual repousam os nossos soldados mortos na tomada dos fortes em 1860, ou mor-

tos durante a occupação que durou cinco annos até ao completo pagamento da indemnisação de guerra accite pela China no tratado cujas ratificações foram trocadas em Pekin a 25 de outubro de 1860.

Mudando em seguida de rumo approamos ao forte de sul e eis-nos aqui em pleno rio Pei-ho, tendo um forte á nossa esquerda e um outro á nossa direita. De repente um angulo formado pelo Pei-ho deixa-nos descobrir a oeste os vestigios d'um forte que batia de frente a entrada do rio, aquelle que a 24 d'agosto de 1860 foi tomado d'assalto pelo general Collineau. O tiroteio feito pelos francezes durou pouco tempo. Desde o principio que a guarnição d'este forte queria fugir e ir reunir-se á dos outros fortes menos violentamente atacados. O general em chefe francez, prevenido d'isto, mandou metralhar a porta da fortaleza e assaltal-a pela brigada Collineau. Quando a bandeira franceza foi içada na fortaleza, depois chamado forte Collineau, os do norte e do sul capitularam. Um alto funcionario tartaro que por essa occasião estava dentro do forte norte, no qual o paiol da polvora tinha ido pelos ares, dizia-me depois com muito orgulho:

«O paiol tinha ido pelos ares, o meu pobre vestuario estava queimado, eu era o unico dos defensores do forte que alguma coisa sabia da significação dada em tempo de guerra á bandeira branca. Fui eu quem a mandei içar. Nós contavamos que fizesseis o desembarque como em 1859; mas em vez d'isso desembarcasteis a uma legua ao norte na aldeia de Pei-Tang; torneastes-nos, estavamos perdidos.»

Attendendo á sua importancia o forte Collineau devia completamente desaparecer. O general Montauban fel-o ir pelos ares; d'elle apenas restam alguns monticulos de terra encravados no que se chama «a concessão franceza de Takou. É uma zona de vinte e cinco a trinta lotes de terreno na margem esquerda do Pei-ho, começando acima do forte Collineau e estendendo-se até proximidades do forte norte. De franceza esta concessão infelizmente só tem o nome; é uma área de terreno em que não ha uma unica construcção. Cada lote podia ser aforado mediante a annuidade de cento e cincoenta francos. A maior parte dos emphiteutas, entendendo que nada podiam fazer d'aquelles terrenos, renunciaram aos seus direitos e, segundo a nossa opinião, bem mal fizeram. A companhia *messengeries nationales françaises* é a

única que continuou pagando o foro de tres lotes que estão justamente comprehendidos no terreno que antigamente era occupado pelo forte Collineau. Talvez um dia os chinezes, melhor comprehendendo as necessidades do progresso, consintam na construcção d'uma linha de caminho de ferro entre Takou e Tien-tsin. Por esse tempo renunciar-se-ha á difficil navegação do Pei-ho e as cargas e descargas dos navios serão feitas em Takou, então emporio commercial.

Na margem direita do Pei-ho ha alguns edificios estrangeiros: são o edificio da alfandega, a casa dos pilotos, tavernas de marinheiros e duas ou tres hospedarias. Este grupo d'edificações está encostado ao forte sul que durante cinco annos foi guardado pelos inglezes sem saberem que um grande numero de peças tinha alli sido enterrado a 24 d'agosto de 1860 pela guarnição chinesa, antes que o meu amigo, de que acima fallei, tivesse içado a bandeira branca. O governo chinez teria gasto sommas fabulosas na construcção d'estes fortes tornados inuteis pelas victorias das nossas armas? Não creio e para desculpar esta incredulidade citei a seguinte anecdotica.

Um dos nossos missionarios catholicos francezes, estando na provincia de Tchely em missão apostolica, recebeu a visita d'um certo negociante, homem apresentavel. Pedia para ser feito christão. O missionario, desconfiando por experiencia e querendo conhecer aquelle que se lhe dirigia, recebeu-o a titulo de neophito. O negociante escutava com grande zelo a instrucção religiosa. Isto durou assim tres mezes; mas um dia, com ar embaraçado, o negociante abriu-se com franqueza.

«Padre, disse elle, sois subdito do grande imperio de Fa (é assim que na China se designa a França, Fa quer dizer meio, *ratio*). Deveis ser respeitado pelos vossos inferiores e nas auctoridades as vossas virtudes devem-vos ter dado uma legitima influencia; é isso para mim tão evidente como o sol que me illumina e como as palavras que articulo; deveis conhecer o consul de França em Tien-tsin; gosa, sei-o, da amizade dos nossos mais altos funcionarios. Tenho um pequeno negocio que, posto que indirectamente, deve interessar á França e é por isso que eu creio dever-vos instruir n'elle, afim de que o participeis ao representante do vosso governo.»

O missionario começava a duvidar do fervor do seu neophito.

«Tracta-se do seguinte, continuou este. O generalissimo mongol Seng-ko-line-sine, quando construiu os fortes de Takou comprou-me toda a madeira dos meus depositos; mas desde então ainda não recebi dinheiro algum. Se graças á intervenção do consul francez eu podêsse alcançar o meu dinheiro, eu depois saberia ser-vos agradecido, dividindo comvosco.»

É inutil dizer de que modo foi recebida esta proposta: tomou o mesmo caminho que o auctor que se resignou a continuar a ser pagão.

Deitando ainda um ultimo golpe de vista sobre os fortes de Takou, que por de traz de nós desapareciam, seja-me permittido manifestar a minha gratidão aos differentes officiaes francezes que durante cinco annos se succederam no commando do forte Norte, onde sempre encontrei a maior e mais affavel hospitalidade; ao commandante Butel, capitão de fragata, ao visconde de La Tour du Pin segundo tenente de marinha, emfim ao primeiro tenente Treve, hoje capitão-tenente, o mesmo que tão brilhantemente se distinguiu no segundo cerco de Paris. Que animação n'esse forte quando elle estava sob o commando de Treve! Era necessario procurar meios para entreter os nossos valentes marinheiros: incitava-os a exercicios; formou companhias a que denominou fusileiros do Pei-ho, a que mais tarde chamou os seus «bachibousouks» quando os commandou em 1866 durante a nossa infeliz campanha da Corêa. Sempre por elle aconselhados, os marinheiros construíram um theatro, onde se representou, e muito bem, entre outras comedias *l'Education d'un prince*, d'Edmond About; os nossos compatriotas faziam dez leguas a cavallo para vir de Tien-tsin assistir ás recitas do theatro francez de Takou. A bandeira triangular chinesa, com o seu dragão amarello sobre fundo azul, fluctua hoje por sobre todas essas recordações.

Um dia, em agosto de 1865, a fragata franceza *La Guerrière* ancorou a uma milha da barra de Takou. O aviso *Le Deroulède* fundeu perto do forte Norte. A bandeira franceza depois de ter recebido as salvas da artilheria chinesa foi arriada. Uma força das tropas imperiaes abrindo fileiras apresentou armas á guarnição franceza que ia embarcar. Quando a bandeira chinesa foi içada, as tropas imperiaes ajoelharam; os generaes e officiaes superiores, voltando-se para o norte, na direcção da santa magestade do seu soberano, fizeram ao pé do mastro da bandeira

a cerimonia do Ko-teou; isto é, tres vezes ajoelharam batendo nove vezes com a fronte no solo. A artilheria franceza salvou com tres tiros (a cortezia chinesa nunca vae mais longe) e a *Déroulède* desapareceu no horisonte acompanhada da *Guerrière*, que levava a seu bordo o auto da

entrega dos fortes e os ultimos representantes da força a que tivemos de recorrer para obrigar a China a sahir d'um isolamento systematico, violador de todas as leis divinas e humanas.

Os fortes estão hoje reconstruidos e mais armados do que nunca; as peças Krupp substitui-

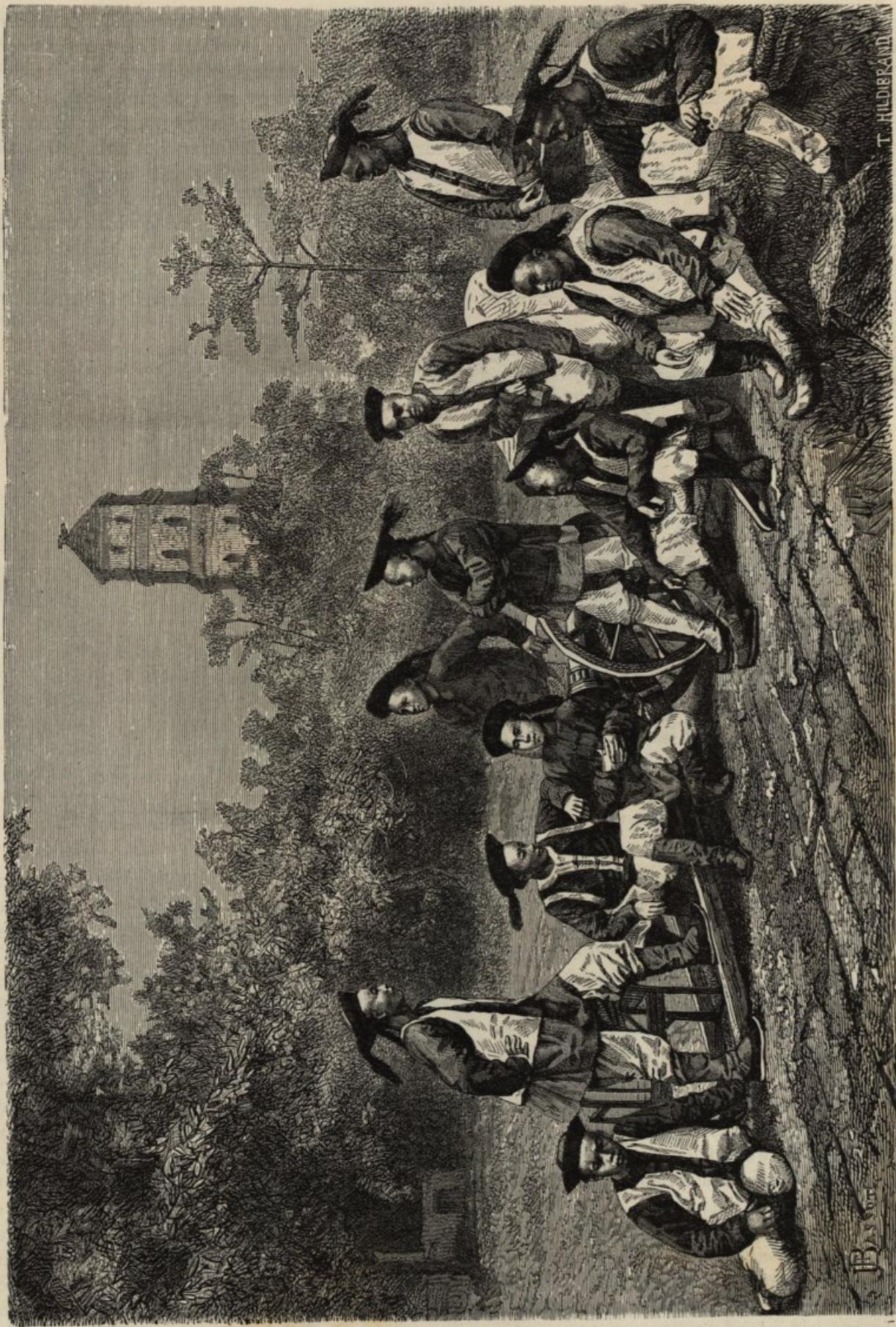


ARCHEIROS CHINEZES — Desenho de A. Marie, segundo photographias de M. Thomson

ram as peças fundidas pelos jesuitas em Pekin no seculo dezoito. O armamento foi em parte modificado; mas infelizmente para a China os seus soldados ainda são os mesmos. Sem que se tornassem mais raros os archeiros contrastam com os soldados armados com espingardas de carregar pela culatra que em parte substituiram o velho mosquete que com o arco ainda constitue o principal armamento do exercito.

O pagode do Genio do mar—Os juncos—Questões entre marinheiros—As povoações—Mau acolhimento—Uma recordação de 1867—As concessões americana e ingleza.

Emquanto que a minha penna faz estas digressões o paquete vae sempre vogando. Ahi está Si-kou, grande aldeia a dez milhas da embocadura do rio. Reconheço Hai-cheng-miao, grande pagode do Genio do mar onde os mari-



ARTILHEIROS CHINEZES (novo armamento) — Desenho de F. Bassot, seguindo uma photographia de M. Thomson

nheiros chinezes vão queimar incenso e fazer promessas.

O imperador, quando os comboios de cereas trazidos por mar teem feliz viagem, decreta acções de graça a Hai-cheng. Um alto funcionario é então designado para ir suspender com grande ceremonial das paredes do pagode uma taboa preta marcada com o sello imperial, onde está desenhada uma inscripção em caracteres d'ouro.

Milhares de juncos estão fundeados em Si-kou. Os da provincia de Fo-kien reconhecem-se

pela elegancia. Os da provincia de Cantão são mais pesados que aquelles. Estas embarcações teem algumas vezes de novecentas a mil toneladas. Estes juncos que são de fundo chato sahem a barra; mas arriscam-se muito, se tentam a passar além de Si-kou, a faltar-lhes agua para navegarem e a serem obrigados a esperarem pelas marés vivas a fim de continuar a derrota.

É em Si-kou que reside o vice-consul d'Inglaterra, em Takou; vive n'uma casa de campo d'um rico proprietario tien-tsinez. Paramos para desembarcar algumas mercadorias, entre outras



CAMELLO DO NORTE DA CHINA — Desenho de E. Boujat, segundo uma photographia do doutor Morache

seis metralhadoras de que immediatamente tomaram posse officiaes tartaros. Estes productos da nossa civilisação, provenientes do arsenal militar chinéz em Shanghai, produzem-lhe extraordinario espanto; tudo são brinquedos «ouanyeurl» para estas grandes creanças chamadas, não sei porque «os chinezes». Para evitar desembarques fraudulentos de mercadorias no Pei-ho, entre Li-kou e Tien-tsin, sellam-se os porões dos navios e para mais segura precaução entra para bordo um empregado inglez e dois empregados chinezes da alfandega imperial chinéza. Estes cavalheiros não nos largam senão depois de chegados ao nosso destino.

Foi com grande custo que o *Sinnan-tzing* conseguiu sahir d'entre esta agglomeração de immensos juncos, que apesar dos esforços tentados pelos consules estrangeiros continuam a lançar ferro em qualquer ponto em que o vento

lhe escasseie. Navegamos muito lentamente precedidos d'uma lancha cuja tripulação armada de machadas corta sem mais fórmas de processo as amarras que se oppõem á nossa passagem. Os marinheiros chinezes lançam sobre nós saraivadas d'improperios a que os nossos respondem com uma saraivada de carvão. A bomba está prompta a funcionar. O povo de cabellos negros, Li-mine (como os chinezes a si proprios se designam) tem um extraordinario medo de que lhe humedeçam os cabellos, e isto (paradoxo completamente chinéz) com receio dos insectos. A bomba podia portanto livrar-nos de toda esta algazarra. Mas sem lançarmos mão d'este recurso passamos além dos ultimos juncos, cujas pròas e popas ornamentadas com monstros phantasticos já não avistamos; depressa perdemos de vista as bandeiras multicolores, cobertas com invocações á Rainha do ceu, com desenhos in-

fernaes ou com uma simples cruz, se a tripulação é christã.

Até Tien-tsin só veremos a agua amarella do Pei-ho e nas margens fornos de tijolo e algumas povoações de somenos importancia rodeadas de planicies estereis (os chinezes dizem imberbes) aqui e alli cultivadas em pequenos tratos de sargho, de milho e milho miudo. As arvores são em diminutissimo numero e só em alguns cemiterios.

Entre Takou e Tien-tsin ha umas vinte aldeias. Todas são construidas d'uma argamassa amarellada composta de barro e palha que pa-

rece reflectir as aguas do Pei-ho; a côr do solo no inverno junta-se a esta monochromia desesperadora. No verão, como vegetação expontanea, apenas se vê uma especie de matto alternando-se com as efflorescencias brancas do natron. Na margem esquerda vemos Sui-ho, Nan-keou, Sinn-Tatona, Lang-tsine, Tsiang-tchou-aug-si; estas povoações não estão tão proximas da margem do rio como as da margem direita; algumas vezes o gurupés do nosso vapor ameaça seriamente um muro de adóbes que não lhe offereria grande resistencia.

(Continúa.)

## OS DOZE DE INGLATERRA

### ESTUDO CRITICO-HISTORICO

(Continuação da folha 18—3.º anno)

**A** ERUDIÇÃO historica de D. Fernando de Menezes era grande, mas trabalhos de tal natureza, por maior pericia que tenha seu auctor, não se constroem nunca com solidiez.

São poucos os elementos de estudo que n'este logar possuímos para uma analyse completa dos *Doze*, mesmo assim diremos bastante para prova da nossa affirmativa.

Observaremos ainda que devêram elles ser, desde a guerra com Castella em ajuda do duque de Alencastre, anterior a 1391, assás distinctos n'ella e conhecidos do duque.

#### 1.º—ALVARO DE ALMADA, o *Justador*.

José da Fonseca na sua edição dos *Luziadas*, Paris, 1846, em nota correspondente, supprimiu este nome, substituindo-o pelo de João Fernandes Pacheco.

A qualificação de *justador* encontramol-a apenas dada pelo auctor do *Mappa de Portugal*.

#### 2.º—ALVARO GONÇALVES COUTINHO, o *Magriço*.

Foi este cavalleiro filho de Gonçalo Vasques Coutinho, o primeiro marechal que houve em Portugal, feito por el-rei D. Fernando em 1382, e que ainda tomou parte na conquista de Ceuta, em agosto de 1415.

Foi seu irmão o primeiro conde de Marialva.

A condessa de Flandres, a quem dizem fizera notavel serviço em um desafio particular, por se ter deixado ficar por lá, querem alguns que fosse a nossa princeza D. Isabel, que em janeiro de 1430 se recebeu com Filippe o bom, duque de Borgonha e conde de Flandres.

Parece pouco verosimil que fosse esta senhora a condessa referida, a não se ter ali deixado ficar de vez Alvaro Gonçalves.

Por outra parte, o silencio, a tal respeito, da relação contemporanea da casa dos *Doze*, não exclue esta possibilidade.

O primeiro que sabemos refere este serviço como feito á nossa infanta, foi A. de Villasboas, na *Nobiliarchia*, artigo *continhos*.

Francisco Soares Toscano, nos *Parallelos*, diz que o desafio fôra com mr. de Lansay, e que tivera logar em Orleans, diante de el-rei de França.

#### 3.º—ALVARO MENDES CERVEIRA.

Foi á conquista de Ceuta, em 1415, e ali ficou por capitão dos escudeiros de Evora e Beja.

4.º—ALVARO VAZ D'ALMADA, 1.º conde d'Abranches, (terra de França), morto em Alfarrobeira, em 1449.

Teve por irmão Pero Vaz d'Almada, e foi fi-

lho de João Vaz d'Almada, neto de Vasco Lourenço e bisneto de João Armes de Almada, védor da fazenda de el-rei D. Fernando.

Diz Duarte Nunes (*Descrição de Portugal*, pag. 311) que João Vaz d'Almada, por differenças que tivera com Gonçalo Pires Malafaia, regedor da casa do cível, esperando-o, afrontando-o e ferindo-o á saída da Relação, se fôra para Inglaterra com estes uns filhos; que acompanharam el-rei em uma jornada que fez a França, sendo grande parte na tomada de Ruão (1431) e ganhando a ordem da cavallaria da Garrotêa.

Diz mais que João Vaz viera por embaixador a Portugal, a tratar do casamento de D. Beatriz, filha natural de D. João 1, com Thomaz, conde de Arundal (1405), e que voltára a Inglaterra, onde morrera, sendo seus ossos trazidos para o jazigo de seu pae e avô em uma capella de S. Francisco de Lisboa.

Fallando depois particularmente de Pero Vaz d'Almada, diz que na ida com el-rei á jornada de França, desbaratára os francezes que levavam o corpo do duque de Clarence, irmão de el-rei, e o restituira aos seus, «o qual feito d'armas foi mui louvado pelos inglezes, e cantado em romances seus», mas saindo mal ferido da batalha morrera em Paris, que estava pelos inglezes.

De Alvaro Vaz d'Almada diz que fôra um

dos mais insignes e famosos cavalleiros que em seu tempo houvera na Europa, de quem se pôdêra fazer grande historia, como se veria nas chronicas de D. João 1, D. Duarte e D. Affonso v, «porque em todas as cousas grandes d'aquelles tempos se achou, porque em Inglaterra ganhou a honra da cavallaria da Garrotêa, em França o condado de Abranches, e em Italia e na Turquia em serviço do imperador Sigismundo muitas honras e mercês de que em outro logar faremos menção». Duarte Nunes propunha-se a escrever um tratado sobre os varões illustres de Portugal, como em varios logares da sua discripção manifesta.

A noticia que dá Mariz de Alvaro Vaz de Almada a proposito da morte do Infante D. Pedro è digna de transcripção. Eil-a: «Foi acompanhado na morte, e sentimento de muitos fidalgos, amigos e criados, e entre todos foi mais famoso o conde de Abranches, D. Alvaro Vaz de Almada, de quem dizia o infante D. Henrique, que não sómente Portugal, mas toda a Hespanha se devia de ter por mui honrada em crear tal cavalleiro. Ao qual, andando em seu esquadrão, na maior furia do trabalho, foi dito, que o infante era morto.

(Continua.)

## HOMENAGEM Á INDUSTRIA NACIONAL

ATELIER PHOTOGRAPHICO DO EX.<sup>mo</sup> SR. CARLOS RELVAS, NA GOLLEGÃ

Quando em dezembro de 1871 publicamos n'este jornal a reproducção, em gravura, d'aquelle esplendido atelier, olvidamos um facto importante para tão bellissimo trabalho.

O trabalho do atelier do ex.<sup>mo</sup> sr. Carlos Relvas, na Gollegã, deve-se á industria nacional, e foram seus executores os honrados e briosos industriaes de Lordello do Ouro, no Porto, os srs. L. F. de Sousa Cruz & Filhos, que muitos e enormes sacrificios teem feito para elevar a sua industria á altura do que ha de melhor no estrangeiro. Isto é tanto mais louvavel quanto é certo que em Portugal a industria lucha com enormes difficuldades e sem protecção, nem do governo nem dos estabelecimentos de credito.

Toda a obra de ferro d'aquelle lindo edificio foi feita na fabrica dos srs. Cruz & Filhos, foi começada em 1872 e concluida no seu logar em

1875. Foi armada por operarios d'aquella acreditada officina e contém no todo 33:636 kilogrammas de ferro.

Honra aos artistas nacionaes os srs. Cruz & Filhos, e a todos os seus operarios que contribuíram para o acabamento de tão esplendido trabalho.

Os mesmos honrados industriaes concluíram ultimamente uma estufa para a quinta da Lavandeira, pertencente ao ex.<sup>mo</sup> sr. visconde da Silva Monteiro, nos suburbios do Porto, que é outra gloria nacional e mais um trabalho invejavel sahido das officinas do sr. Cruz.

Faremos reproduzir brevemente pela gravura aquelle bellissimo edificio, que publicaremos n'este mesmo jornal, prestando assim homenagem aos briosos e honrados industriaes encarregados da sua execução.



WAGON TRANSPONDO A RIBEIRA — Desenho de Y. Pranshnikoff, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÓGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 19 — 3.º anno)

**Y**OLTEMOS agora ao Alto Zambeze, e vejamos quaes as suas circumstancias com relação aos seus affluentes. De um sabemos nós já que é navegavel, o Cuando, mas sabemos tambem que elle desagua entre duas regiões de cataractas, o que o isola das partes importantes do curso do Zambeze.

Mas da região que está entre a sua foz e o Lui, já disse que não vejo impossibilidade de ser facilmente tornada em via aproveitavel; e logo que assim seja, e mesmo agora, poderíamos descer do Lui e subir pelo Cuando até perto do meridiano 18. Comtudo, outro rio poderia fornecer-nos o meio de attingir aquelle ponto mais directa e facilmente, se fosse navegavel.

Era elle o Lungo-é-ungo.

O Lungo-é-ungo é a grande estrada dos Bihenos para o Alto Zambeze, e por isso muito conhecido d'elles. Affirmam-me, que não tem cataractas, e não deve tel-as, correndo em terreno

igual ao do Cuando e do Ninda. O seu desnivelamento é de 400 metros em 540 kilometros de curso.

Dizem os Bihenos, e affirmaram-me os natu-raes, sempre que andei proximo d'esse rio, que elle não tem cataractas, como já disse, mas que por vezes a sua corrente é muito violenta, sendo preciso puxar as canôas á ciga. Sendo isto verdade, como supponho, chegaríamos do mar indico, quasi á Costa de Oeste d'Africa, apenas com 18 dias de caminho por terra, a pé! Isto é, em uma extensão superior a dois mil kilometros, apenas teríamos de caminhar em terra 400!

A exploração do Loengue ou Cafucué e a do rio Lungo-é-ungo são hoje das mais importantes a emprehender na Africa Austral, e são relativamente facéis e pouco custosas.

Não pude deixar de chamar a attenção para este ponto, que resolve o problema da facil comunicação entre as duas costas.

Já vão longas estas divagações, em um capítulo onde eu apenas tencionava apresentar os meus trabalhos geographicos e meteorologicos.

Nas seguintes paginas vai publicado d'esses trabalhos o que eu julguei mais interessante para alguns leitores.

As observações iniciaes de astronomia que me deram a determinação dos pontos do meu caminho, seguem-se aquellas que me permittiram fazer o relevo do continente.

Vem depois as notas meteorologicas, com interrupções inevitaveis quando se é só a fazer um trabalho tal.

Constam ellas de dois boletins, que registam as observações feitas O h. 43 m. de Greenwich, e ás 6 horas da manhã do logar em que me achava, hora a que dava corda aos chronometros. O estudo d'esses boletins mostra sempre a grande uniformidade das oscillações barometricas, e as enormes desigualdades de temperatura e de humidade do ar nos paizes a que se

referem. Vê-se tambem, que os ventos reinantes são do quadrante Este em todo o paiz do Bihé ao Zambeze.

Como já tive occasião de dizer, e bem se comprehende ao ler a minha narrativa, não pude fazer collecções naturalistas, e apenas, aproveitando muito pouco papel de que podia dispôr, levei das nascentes do rio Ninda algumas plantas, que estão em poder do snr. conde de Ficalho, para serem estudadas, e onde parece já terem apparecido algumas especies novas.

É opinião do snr. conde de Ficalho, que o cereal muito cultivado entre os Quimbandes e Luchazes, a que eu chamo *Massango*, e erradamente chamei Alpiste, é uma especie de *Penicillaria*, a que chamavam outr'ora os botanicos *Penicetum typhoideum*.

Aquelle que eu designo com o nome de *Mas-samballa* é o *Sorghum*.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

## SEGUNDA PARTE

### A FAMILIA COILLARD

#### CAPITULO I

##### EM LEXUMA

Preso em Embarira — O doutor Benjamin Frederick Bradshaw — O campo do doutor — O pão — Graves questões — Os chronometros não param — Francisco Coillard — Lexuma — As damas Coillard — Doença grave — Reccios e irresoluções — Chegada do missionario — Tomo uma decisão — Partida de Lexuma (em inglez, *Leshuma*).

Foi tormentosa a noite que passei em Embarira. Assaltado por milhares de persovejos, e por nuvens de mosquitos, tive de abandonar a casa que me offerecêra o chefe, e ir procurar ao ar livre um refugio a tão cruel tormento. Ao incommodo produzido pelo ataque dos insectos vinha juntar-se a anciedade da ideia de encontrar no dia seguinte um europeu, um homem desconhecido, mas com o qual eu contava já para sahir dos embaraços em que estava. Amanheceu finalmente o dia 19 de outubro depois de uma longa noite não dormida.

As primeiras noticias que pude colher foram de que o missionario estava a 12 ou 14 milhas d'alli, mas que do outro lado do rio Cuando via um inglez.

Pedir uma canôa ao chefe para passar o rio foi o meu primeiro impulso, mas obtive a mais formal negativa, a pretexto de que não havia canôa.

Depois de grande controversia, elle declarou-me que me não deixa sahir da sua povoação sem eu ter pago aos marinheiros uma certa porção de fazendas.

Chamei o Jasse e mostrei-lhe a impossibilidade de fazer pagamentos sem ter communicado com o inglez, e ter d'elle obtido fazendas para os fazer, porque eu nenhuma tinha.

Jasse reúne os marinheiros e o chefe, e falla-lhes n'esse sentido, mas nada obtem, e a recusa de me deixarem ir á outra margem do Cuando é formal.

Vendo que nada fazia, pedi-lhes que fizessem chegar um recado meu ao inglez, e escrevi algumas palavras n'um bilhete de visita. Foi o Verissimo o mensageiro. A má noite velada, e a febre constante prostraram-me. Deitei-me ao ar livre, esperando a resposta á minha mensagem.

Seria passada uma hora quando appareceu diante de mim um homem branco. A sensação que experimentei ao vêr um europeu é indefinivel.

O homem que eu tinha diante de mim poderia ter de 28 a 30 annos, e possuia um typo perfeitamente inglez.

Barba pouca e muito loura, olhos azues, grandes e vivos, cabello cortado rente e tão louro como a barba.

Vestia uma camisa de grossa tela, cujo collarinho desabotoado deixava vêr um peito amplo e forte, como as mangas arregaçadas expunham à vista uns braços musculosos, queimados pelo sol africano.

As calças de estofado ordinario estavam seguras por um forte cinto de couro, d'onde pendia uma faca americana.

Nos pés, sobre umas meias azues de algodão grosso, uns sapatos que pelas costuras, todas feitas por fóra, logo se via serem obra d'elle mesmo.

Disse-lhe quem era; expuz-lhe as minhas circumstancias, e pedi-lhe para me ceder a fazenda de que eu precisava, a troco de marfim que eu lhe podia dar. Mostrei-lhe a necessidade que tinha de me libertar d'aquelle encargo para escapar áquella gente e ir encontrar o missionario. Respondeu-me elle, que não tinha fazendas, que estava tambem sem recursos, e que só mandando eu a Lexuma as poderia obter.

O seu modo de fallar e a delicadeza das suas phrases mostravam-me logo que aquelle homem não era um ente vulgar. Elle dirigiu-se ao chefe, e convenceu-o a deixar-me ir á outra margem do rio, com a condição de que voltaria á noite para Embarira.

Partimos, e depois de atravessar um grande rio, aquelle Cuando cujas nascentes eu havia descoberto e determinado mezes antes, chegamos a um pequeno campo onde nos appareceu outro branco.

Era homem de elevada estatura, de longa barba e cabellos brancos, que mostravam não uma idade propecta, desmentida pela agilidade do corpo e expressão da physionomia, mas sim a velhice prematura, producto de longos soffrimentos e trabalhos.

Vestia como o primeiro, e só estava um pouco melhor calçado.

Conversamos sobre a minha posição, e vimos que elles nada podiam fazer por mim, porque estavam tambem sem recursos.

Fui bastante absoluto empregando a palavra *nada*, porque se não tinham outra cousa a dar-me, tinham um soffrivel jantar, e eu tinha fome.

Depois de saciar o meu voraz appetite, com-

binei com elles escrever ao missionario, a pedir-lhe fazendas para o pagamento aos remadores.

Expedi um portador para Lexuma e voltei a a Embarira, onde me deitei ao ar livre, com a lembrança da noite terrivel da vespera.

Dormi a noite de um somno unico e profundo. Ao amanhecer do dia 20, estavam junto de mim, vindas de Lexuma, as fazendas precisas para os pagamentos das tripulações. Paguei tudo, e obtive do chefe carregadores sufficientes para levarem as minhas cargas e o marfim a Lexuma, escrevendo por elles ao missionario, a quem pedi hospedagem, e a quem pedia para pagar alli aos carregadores.

Ao meio-dia, uma ligeira piroga, impellida pelo remar de dous pretos, corria por sobre as aguas do Cuando, levando a seu bordo tres homens brancos.

A piroga velha e rachada fazia muita agua, e por isso o homem que ia na frente descalçara os sapatos que levava na mão, em quanto o da ré, acororado, esgotava incessantemente a muita agua que colhia o fragil batel.

O do meio, magnificamente calçado á prova d'agua, contemplava distrahido o deslizar dos enormes crocodilos que fluctuavam á mercê da corrente, e pouco caso fazia da humidade da canõa.

Estes tres brancos, reunidos alli no centro d'Africa, pelos azares das explorações, eram eu, o dr. Benjamin Frederick Brahshaw, explorador zoologico, e Alexandre Walsh, zoologista tambem, preparador de exemplares e companheiro do doutor.

Chegados á margem direita, foi logo posta á minha disposição uma das tres cubatas que elles tinham.

O dr. Bradshaw, optimo cozinheiro, como é habil medico, sabio distincto, e caçador famoso, foi logo preparar um almoço de perdizes que elle tinha morto n'essa manhã. O cozinheiro do doutor, um activo Macalaca, deitado de peito no chão, contemplava a seu amo a trabalhar na cozinha, e contentava-se em o vêr trabalhar.

O appetite, guardado desde vespera, fazia dilatar as fossas nasaes ao sentirem o cheiro delicioso que sahia em condensado vapor das caçarolas do dr. Bradshaw.

Os condimentos de que eu estava privado havia tantos mezes, exhalavam aromas deliciosos ao olfato de um faminto.

A cozinha estava feita, iam para a meza, onde havia uma grande panella de milho cozido

em grão, e um alentado prato de caril de perdizes. Tínhamos dado a primeira garfada nos pratos, quando na barraca entrou um preto com um objecto envolvido em alva toalha de linho.

Vinha da parte do missionario francez. Desdobrei a toalha, que continha um corpo bastante pesado, e fiquei commovido diante de um enorme pão de trigo, que tinha nas mãos.

Pão! pão, que eu já não via ha um anno; pão, que era para mim sempre a cada comida em que o não tinha, uma recordação saudosa; que era um sonho constante das noites de fome, do qual cheguei muitas vezes a ter um desejo immoderado, e pelo qual comprehendí que se possa commetter em crime para o haver, quando privado d'elle por muito tempo.

As lagrimas vieram humedecer as minhas palpebras resequidas, e creio que foi aquella uma das mais violentas commoções que senti na minha viagem.

Esqueci um pouco as perdizes do doutor, para comer com voracidade d'aquelle pão, que saboreava com delicias nunca experimentadas em gastronomia.

Foi Benjamin Bradshaw quem suspendeu o meu furor voraz, que me poderia ser fatal, e que me fez tomar uma optima chavena de cacau, em seguida á qual um somno profundo dormido n'uma barraca, livre do sereno da noite, veio restaurar as forças.

Toda a minha gente e as cargas haviam partido para Lexuma, ficando commigo apenas Augusto e Catraio e a mala dos instrumentos.

Amanheceu alegre o dia seguinte, que deveria ser um dos mais attribulados da minha vida.

Depois de um optimo almoço de perdizes e chocolate, e quando nos deliciavamos a fumar o aromatico tabaco de Chuculumbe, chegaram os carregadores que na vespera tinham partido para Lexuma, fazendo grande grita e dizendo que não tinham sido pagos alli.

Admirou-me o facto, sobretudo por o Verissimo me não ter escripto, e por ter ido com as cargas o marfim que seria garantia a todo o pagamento que alli se fizesse.

Nós não tinhamos fazendas, e não sabiamos que fazer diante das exigencias dos selvagens, que teimavam em que tinham sido roubados, porque tinham levado as cargas d'alli a Lexuma, e não tinham recebido o menor pagamento. Pouco depois, chegaram o chefe de Embarira Mocumba e Jasse, que começaram uma questão fortissima commigo e com os inglezes,

ameaçando-nos e dizendo-nos as maiores insolencias.

Eu estava envergonhado e afflicto por vêr os inglezes, que tanto me tinham obsequiado, mettidos em uma questão que me era particular, e serem insultados por minha causa; mas impossivel me tinha sido prever um tal acontecimento.

Depois de mil exigencias a que era impossivel satisfazer, elles com Jasse á frente declararam que iam a Lexuma reaver as bagagens e o marfim, e que tomariam conta de tudo até serem pagos, partindo em seguida, mas deixando alli o chefe Mucumba com um grande troço de gente a vigiar-nos

Por conselho do dr. Bradshaw, nós entramos em uma das barracas e pozemos as armas á mão, promptos a uma energica defeza em caso de um ataque provavel.

Ao cahir da tarde Mucumba começou a fazer uma grita enorme, e chamando a sua gente invadiu as duas barracas, levando de uma d'ellas a minha mala dos instrumentos, que fez logo transportar ao barco e passar á outra margem.

Voltaram a cercar a terceira barraca, em que nós estavamos, exigindo que eu fosse com elles para Embarira. Receioso de que os meus hospedeiros se expozessem por minha causa a um perigo eminente, queria-me entregar ao gentio, e libertal-os de um conflito inevitavel, quando o dr. Bradshaw me pediu que o não fizesse, e declarou-me que me não deixaria partir, e que deveriamos resistir-lhes a todo o transe.

Na barraca estavamos quatro homens, tres brancos e o meu Augusto, dispostos a vender caras as vidas, e era tal a nossa attitude que os gentios recuarem ante a ideia de um ataque que seria fatal a muitos. Depois de um conselho prolongado entre as cabeças, decidiram elles abandonar o campo e passar á outra margem.

Dava-me cuidado não vêr o meu muleque Catraio, que comecei a suppôr teria sido feito prisioneiro, quando elle me appareceu na barraca, com o seu riso intelligente e velhaco, trazendo na mão os meus chronometros, que tinha ido á outra margem buscar á minha mala em quanto os Macalacas nos cercavam e ameaçavam. Mais uma vez Catraio impedia que os chronometros parassem por falta de corda.

Estavamos sós, mas muito apprehensivos, porque o doutor, que conhecia bem os indigenas d'alli, dizia que elles não passariam sem voltar á carga.

Pelas 9 horas da noite, chega ao campo o missionario francez François Coillard, e sabendo tudo o que se tinha passado, afirmou-nos que os carregadores haviam sido pagos generosamente em Lexuma, e que elle se encarregava de fazer ouvir razão ao chefe Mucumba.

No dia immediato, logo de manhã, o chefe Mucumba, Jasse e innumeradas gentes, passaram o rio e vieram ao nosso campo.

Mr. Coillard, que falla a lingua do paiz como falla francez ou inglez, fez um discurso ao chefe de Embarira, mostrando-lhe a pouca vergonha dos carregadores; que tendo sido generosamente pagos em Lexuma, vieram dizer que nada haviam recebido, e que tinham sido roubados.

Mucumba entregou logo tudo o que tinha roubado na vespera, e deu muitas satisfações, fazendo recair a culpa sobre os seus homens que o tinham enganado. Quando parecia que tudo corria bem e se havia harmonisado, appareceu Jasse levantando uma nova questão.

Queria elle que eu pagasse aos seus muleques particulares que tinham vindo em seu serviço, e com quem eu nada tinha.

Eu argumentei-lhe com o caso da tripulação de um pequeno barco que do Quisseque viera em serviço dos outros remadores, e a quem eu nada tinha dado. Depois de um curto debate, habilmente dirigido por Mr. Coillard, elle recebeu duas jardas de fazendas para cada homem, e ficou terminada a questão.

Fomos almoçar satisfeitos, julgando que estariam terminados os incidentes desagradaveis d'aquelle dia, mas não estava escripto no livro do destino que assim fosse

Jasse voltou de novo á carga com nova exigencia. Queria elle que eu lhe pagasse e ao chefe Mutiquetera, a quem eu ja havia pago com largueza.

Começou nova questão, em que de novo me prestou grande auxilio Mr. Coillard, sendo preciso para a terminar, o prometter um cobertor a cada um d'elles.

Mandou logo Mr. Coillard a Lexuma um portador buscar os dois cobertores, e a fazenda que elle havia tirado da sua pacotilha, para pagar á gente de Jasse.

Assim terminou finalmente aquella serie não interrompida de questões, para o que concorreu poderosamente a intervenção que n'ellas tomou Mr. Coillard,

Disse-me elle que ia partir para o Quisseque, a receber a resposta do rei Lobossi a seu

respeito, mas que em 10 ou 12 dias estaria de volta; e por isso me pedia que fosse esperar o seu regresso para Lexuma, onde me esperava sua esposa madame Christine Coillard, e só então poderíamos discutir maduramente o que convinha fazer de futuro.

Resolvi seguir para Lexuma no dia immediato, porque queria determinar a posição d'aquelle ponto, e fazer um certo numero de observações. Durante a noite tive um violento accesso de febre, e de manhã sentia-me muito mal.

O dr. Bradshaw não me quiz deixar partir sem tomar algum alimento, e por isso só ás 10 horas pude deixar a margem do Cuando. O doutor e seu companheiro deviam abandonar aquelle ponto no mesmo dia, e irem para Lexuma, porque as scenas dos dias antecedentes aconselhavam-nos de evitar o contacto com aquelle gentio malevolo.

Eu parti por um calor de 40 graus centigrados, n'um terreno arenoso, onde o caminhar era difficil. A febre tirava-me as forças, e mais me arrastava do que caminhava. O terreno era coberto de arvoredo, e elevava-se logo a partir da margem do rio. Depois de cinco horas de marcha lenta e penosa, encontrei um pequeno corgo, onde pude saciar uma sede ardente. Só duas horas depois cheguei a Lexuma. Eram 6 da tarde.

N'um estreito valle de oitenta metros de largo, enquadado em montes pouco elevados e de vertentes suaves, cresce uma herba grosseira e rachitica. Uma bella vegetação arborea garante as montanhas que enquadram o pequeno valle, que se estende na direcção N. S. Na encosta de E. algumas barracas aglomeradas formam o estabelecimento de um sertanejo inglez, Mr. Phillips.

Em frente a oeste, duas aldeias abandonadas são a feitoria de George Westbeech.

Ao N. das aldeias de Mr. Westbeech, uma forte palissada cerca um terreno circular de 30 metros de diametro, onde havia uma casinha de colmo, dois *wagons*, ou carretas de viagem, e uma barraca de campanha. Era o acampamento da familia Coillard, era Lexuma emfim.

Entrei alli no recinto velado pela alta estacaria de madeira, com o corpo extenuado pelo cansasso e o espirito abalado pela commoção violenta que sentia.

Diante de mim, á porta da casinha de colmo, estavam sentadas duas damas, bordando a côres em grossa talagarça.

Ao vêr aquellas damas alli, no centro d'Africa, a minha commoção foi indescritivel.

A recepção que me fez madame Coillard foi aquella que faria a um filho, se esse filho fôra eu. Com uma delicadeza extrema, poz-me logo perfeitamente á vontade, e disse-me que ainda não tinham jantado, porque esperavam por mim para se pôrem á meza. Convidou-me a entrar na barraca de campanha, onde uma meza coberta de fina e alva toalha sustentava um serviço modesto, contendo um jantar succulento. Defronte de mim sentava-se madame Coillard; ao meu lado mademoiselle Elise Coillard, sobrinha d'ella, de olhos baixos e physionomia rubra de pudor, por vêr um estrangeiro desconhecido entrar tão de golpe na sua vida intima e velada, espalhava em torno de si esse perfume de candura que cerca e envolve a mulher formosa aos dezoito annos.

Madame Coillard multiplicava-se em cuidados extremos, e pelo fim do jantar eu comecei a provar uma sensação estranha. Aquellas damas, o jantar, o serviço, o chá, o assucar, o pão, tudo emfim se me baralhava na mente com traços mal definidos. Cheguei a não poder formular uma só ideia, e a recear, que a cabeça enfraquecida não pudesse supportar as impressões d'aquelle momento.

Não tenho a consciencia de ter terminado aquelle jantar, sei apenas que me achei só na barraca. Então um abalo violento sacudiu todo o meu corpo; um soluço tolheu-me o ar na garganta, e as lagrimas saltaram ardentes dos meus olhos desvairados, banhando-me as faces que queimavam de febre. Chorei e chorei muito, não me envergonho de o dizer, e creio que aquellas lagrimas foram a minha salvação. Se eu não tivesse chorado, teria talvez enlouquecido.

Que se riam aquelles que acharem ridiculas as lagrimas n'um homem; pouco me importa o seu motejar estolito. Infeliz de quem não encontra nos sentimentos do coração o pranto que vem marejar nos olhos, e o soluço que estrangula a falla, mais verdadeiras provas da gratidão sentida, do que as phrases mais eloquentes em protestos fervorosos.

Eu por mim, não me envergonho de ter chorado, e feliz serei se puder ainda chorar em iguaes trances.

Quanto tempo estive n'aquelle estado de excitação não o sei eu; mas, muito tempo depois, entravam as damas na barraca e preparavam-me uma cama com cuidados extremos.

A aparição das duas carinhosas senhoras veio trazer nova perturbação a meu espirito. Eu não sabia que dizer-lhes, e creio que só lhes dizia disparates.

Foi mesmo sem consciencia do que fazia que eu lhes narrei um boato ouvido de manhã em Embarira, que apregoava ter havido um grande incendio no Quisseque, nas casas do chefe Carimuke, terem sido alli prêsas das chammas as bagagens do missionario.

Deitei-me e creio que dormi.

Ao alvorecer da manhã seguinte, as scenas da vespera desenhavam-se confusamente na minha imaginação enfraquecida.

Parecia-me sonho tudo o que se passava n'aquelle sertão longiuo.

Levantei-me, e ao vêr que era realidade o que me cercava, o meu espirito voltou de novo a um deploravel estado de perturbação.

Machinalmente, sem a menor consciencia dos meus actos, por um poder filho do habito, dei corda e comparei os chronometros, fiz as observações meteorologicas, e registei tudo no meu diario.

Pouco depois, mademoiselle Elisa, com a sua touca e avental branco, entrava risonha na barraca, e vinha cuidar dos aprestes da meza para o almoço.

Madame Coillard continuou envolvendo-me nos maiores disvelos.

Não posso ainda hoje explicar porque produziam em mim, espirito forte, uma tal impressão aquellas damas; mas é certo que a sua aparição produzia-me logo uma especie de delirio.

Passaram dois dias que eu não sei como foram passados; no fim d'elles succumbi. A febre apossou-se de mim com violencia assustadora, e com ella veio o delirio. O meu estado era grave, mas dois anjos velavam á minha cabeceira.

A 30 de outubro, o delirio deixou-me um momento de lucidez. Conheci que a vida estava apenas presa por um fio a um corpo despedaçado pelas fadigas e fomes da jornada, e pensei que não me levantaria mais.

N'esse dia entreguei a madame Coillard os meus papeis, pedindo-lhe que os fizesse chegar com segurança ás mãos do governo de Portugal.

O dr. Bradshaw fizera-me repetidas visitas durante os dias antecedentes, e empregara toda a sua sciencia medica para me salvar.

Comtudo a febre não cedia, e o estomago não supportava medicamento algum. Decidi eu mesmo tentar um ultimo esforço, e comecei a dar

repetidas injeções hypodermicas com fortes doses de quinino.

A 31 fiquei espantado de ainda estar vivo, e redobrei a dose do quinino pela absorpção hypodermica. O dr. Bradshaw aconselhou-me e fez-me tomar uma forte dose de laudanum. A 1 de novembro, começaram a manifestar-se as primeiras melhoras.

Nunca estive cercado de tão extremos cuidados como alli.

As melhoras continuaram rapidas no dia seguinte, em que já me pude levantar um pouco. Pareceu-me perceber que não sobejavam muitos os viveres, e isso tirou-me um pouco o somno durante a noute. Na madrugada seguinte, quando ainda tudo dormia no campo, levantei-me cauto e fui chamar os meus pretos.

Sahi com elles cambaleando ainda nas pernas debilitadas, e internei-me na floresta, sem que alguém dêsse fê da minha escapula. Pela tarde voltei com os meus homens curvados ao peso da caça que tinha morto. Madame Coillard estava afflicta, pensando que eu havia abandonado o campo para sempre, e fui recebido com a maternal censura de quem ralha em familia.

Como em todas as minhas doenças graves, não tive convalescença, e a minha forte organização fez-me passar do estado valetudinario ao perfeito estado de saude, em transição rapida.

Com a robustez do corpo veio o socego do espirito, e só então pude encarar reflectidamente a posição em que o destino me collocara. Pela conversação repetida com madame Coillard, pude perceber que não sobejavam recursos ao missionario. O meu marfim, bem pago, mas pago em fazendas a que os agentes da casa West-beech and Phillips deram subido e exageradissimo valor, pouco produziu. Madame Coillard só via um meio de sahirnos do apuro em que estavamos, e esse era, o de nos não separarmos, por não ser possivel dividirem commigo os poucos recursos que tinham.

Comtudo, esperavamos a volta do missionario, do Quisseque, para tomar uma resolução definida.

A ideia de ficar com elles aterrava-me.

Havia alli uma formosa creança, que impressionava a cada momento a minha imaginação ardente de portuguez.

Ser-me-hia possivel, n'um viver tão intimo, n'um isolamento tão grande, impedir que uma falla escapada n'um momento de loucura, um olhar vibrado n'um lampejo de delirio, fossem

offender a casta menina, descuidosa na sua innocencia candida?

Tremia por mim e por ella.

Decidi, pois, fazer um estudo de mim mesmo até á volta do missionario, e calcular bem até que ponto eu seria capaz de ser honrado.

Passei tres dias attribulados no estudo que fazia do meu espirito. Poderia eu namorar-me d'aquella meiga creança? De certo não; e a lembrança sempre viva de uma esposa idolatrada, era segura garantia aos meus sentimentos.

Mas, se o coração estava defendido, não o estava a imaginação fervida, e podia, n'um momento de desvario, com uma phrase imprudente, commetter uma infamia — porque infamia seria fazer subir o pejo ao rosto d'aquella em cuja casa eu tinha sido recebido com a intimidade de um filho.

Além d'isso, o meu dever era ainda maior. Era preciso evitar a todo o custo, que a fama das proezas que os meus de mim apregoavam, que a posição, um pouco romantica, em que eu me achava entre aquella familia, não fossem impressionar a novel imaginação dos dezoito annos de uma mulher. Poderia eu sustentar durante mezes o papel de uma reserva absoluta, na grande intimidade da vida que ia levar?

Um dia pensei que era capaz de o fazer, e desde esse dia tracei a minha conducta futura, de que não arredei um só passo.

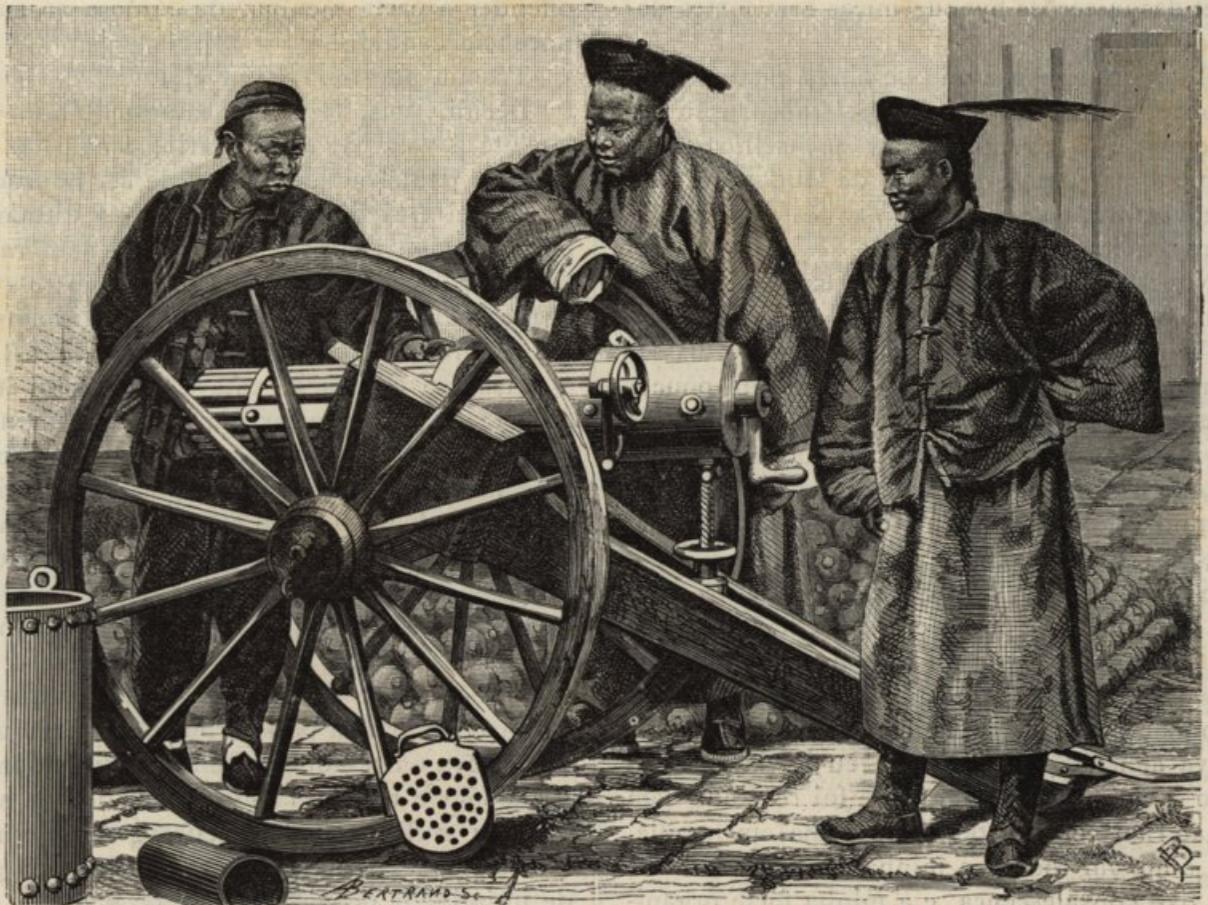
Muitos mezes depois eu tinha comprehendido por uma mulher, que soube ler no intimo com essa fina perspicacia que só ellas possuem para ler nos arcanos da alma os mais reconditos sentimentos; e não hesito em dizer, que fui comprehendido por madame Coillard, porque na vespera da nossa separação, ella escreveu no meu diario um versiculo do Psalmo 37, que me revelou o seu pensamento.

Estava resolvido a ficar com elles, quando más novas chegaram do Quisseque.

Mr. Coillard confirmava, em uma longa carta escripta a sua esposa, o boato do incendio a que já me referi.

Tudo quanto elle tinha em casa do chefe Carimuque fôra prêsas das chammias, e isso vinha ainda complicar a situação, diminuindo o seu haver. Além d'esta, outra noticia veio consternar mais a bondosa esposa do missionario. Dizia elle que Eliazar, o homem que estava em Quisseque e de quem já fallei, fôra atacado de um accesso de febre de mau character, e estava em perigo.

(Continua.)



CHEGADA D'UMA METRALHADORA, ARTILHEIROS CHINEZES — Desenho de F. Bassot, segundo uma photographia de M. Thomson

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 20 — 3.º anno)

**M**ON-KIA-KEOU, Ko-kou, Kaug-kia-tchoang, Tsiéne-chouei-kou, Nan-yang, Tsin-tchouang, Tchouang-kiang, Kouei-toei e emfim Pei-tang-kou taes são os nomes das povoações que deixamos pela pôpa na margem direita. Os seus habitantes, a maior parte nus até à cinta, fumam philosophicamente, sentados à porta das suas casas, tabaco da Tartaria em pequenos cachimbos; os cães ladram, as creanças injuriam-nos com toda a força dos seus pulmões e as aldeãs, vestidas garridamente, nem sequer olham para nós.

Segundo as circumstancias as aldeãs às vezes são mais amaveis; eu podia citar, como exemplo, as amabilidades d'uma aldeã de Pei-tang-kou quando em 1867 cem mil rebeldes sob o commando do principe infernal Jêne-onang commet-

tiam atrocidades nas cercanias de Tien-tsin. Tratava-se de combater a liga feita pelas povoações das provincias atravessadas pelo famoso e grande canal imperial, tornado inutil ha vinte annos, em virtude da mudança do leito do rio Amarello que o alimentava. Estas populações de territorios estereis, não podendo então viver dos transportes pelo grande canal, tinham-se revoltado, formando «grandes companhias.» Uma d'estas companhias ameaçava no dia 27 d'abril de 1868 atravessar o Pei-ho a algumas milhas de Tien-tsin. Duas canhoneiras francezas estavam n'este porto: a *Lebrethon* e a *Aspic*.

O director das alfandegas imperiaes dos portos do norte pediu ao consul francez, em nome da humanidade e dos interesses commerciaes, que mandasse uma canhoneira oppôr-se à pas-

sagem do rio. A *Lebrethon*, levando a bordo um official chinez de quarta classe, desceu o Pei-ho no dia primeiro de maio.

Centenas de cadaveres eram arrastados pela corrente; perto das quatro horas fundeou o navio francez a vinte milhas de Tien-tsin, em frente de Pei-tang-kou; ao approximar-se a canhoneira correram á margem esquerda muitos aldeões, pondo-se de joelhos e dando gritos afflictivos, emquanto que na margem direita gente armada e fardada com o uniforme de soldados imperiaes entravam na povoação. Mandaram-se buscar dois d'aquelles aldeões; supplicaram-nos que

não abandonassemos aquelle ponto; porque, diziam elles, bandidos que diziam ser imperiaes tinham feito tão horrivel carnagem na povoação que não se podia lá andar sem se atolar em sangue até aos tornozelos. Durante este interrogatorio feito na camara do commandante ouvimos gritos e tiros. Em seguida este barulho cessou e vimos sahir da povoação os homens armados que já tinham visto entrar. Os dois aldeões affirmaram-nos que eram ainda os bandidos que tinham feito das suas. Mandou-se a terra o official chinez que nos acompanhava; voltou breve, dizendo que aquelles chinezes eram soldados



ANTIGO CONSULADO DE FRANÇA — Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache

enviados pelo general Léou, da cidade de Tchengting-fou, para proteger os aldeões de Pei-tang-kou e que tinham feito tiros para o ar a fim d'intimidar os bandidos que porventura estivessem nas proximidades.

Toda esta narrativa era fabula. O commandante do *Lebrethon* e eu fomos a terra. Os habitantes cercaram-nos e offereceram-nos vinho e cachimbos. As suas amabilidades eram d'uma obsequiosidade, que nem eu pudera suppôr compativel com a civilização chineza. Repetiram-nos o que nos tinham já contado os seus delegados; mas quando quizemos vêr os cadaveres, responderam-nos que os tinham enterrado. Pedimos que nos mostrassem o lugar onde tantas victimas estavam e a resposta foi que estavam cobertas por altos arbustos e que os tiros que tinhamos ouvido tinham tido por fim fazer retirar

os soldados do governo de quem muito receavam e contra a protecção dos quaes os habitantes nos pediam que os protegessemos.

Como eram então amaveis sob a influencia do medo estes bons aldeões do Pei-tang-kou! Hoje já é outra cousa; são precisamente elles que mais odientamente gritam: «Yang-koneitze, yang-koneitze, Maotze, Maotze;» o que quer dizer: «Diabos d'além mar e homens cabelludos.» E ainda se elles só isso nos chamassem!

A rapidez da marcha apenas nos dá tempo para os ouvir; em breve chegamos a um angulo do rio, chamado *duplo oito*. São umas curvas rapidas e apertadas formadas pelo Pei-ho. Passamos estas curvas fazendo rodar o vapor por meio de cabos fixos á margem.

As casas estrangeiras da concessão de Tien-tsin começam a avistar-se ao longe, á nossa es-

querda. O muro de circumvallação de Tien-tsin apparece-nos e faz-nos lembrar que foi construído contra nós em 1858 pelo príncipe mongólico Seng-kolin-sin, que nunca pôde encontrar numero sufficiente de defensores para o garantir. Um forte em cada margem sustenta esta immensa muralha, a que os inglezes chamam Seng-kolin-sin's-foly.

Depois de termos passado além d'estes fortes, na margem direita avistámos uma elegante casa chinesa, com os telhados de forma caprichosa: é o Leang-kia-yuane, ou jardim da familia Leang. Esta casa está occupada por uma repartição das alfandegas marítimas. Do lado de cima são campos e uma pequena aldeia chinesa, constituindo a concessão americana, detraz da qual está a concessão ingleza coberta de edificações europêas.

Na margem esquerda ha apenas montanhas de saccos de sal cobrindo a margem. Emfim o *Sinnan-tzing* prolongou-se com o caes da concessão ingleza. Reputamos-nos muito felizes por só termos gasto oito horas vindo de Takou a Tien-tsin.

Tien-tsin—Os compradores—Estatística do commercio de Tien-tsin e da China

O porto de Tien-tsin é o verdadeiro celeiro da capital, distante d'esta apenas vinte e quatro leguas. A cidade propriamente dita não é muito populosa; mas junto das suas muralhas ha bairros, onde uma população de cincoenta mil habitantes se agita e a qual de 1860 a 1862 um regimento inglez e um regimento francez souberam conter em respeito.

N'este lugar não farei da cidade de Tien-tsin uma descripção mais minuciosa, todavia não passarei além sem dizer algumas palavras a respeito do seu commercio.

Em 1860 o commercio da China estava quasi completamente nas mãos de tres casas estrangeiras: a casa Dent & Companhia, a casa Jardine-Matheson, ambas inglezas, e a casa americana Russell & Companhia; esta negociava unicamente com capitaes chinezes. Estas grandes casas tinham os seus principaes estabelecimentos em Shanghai e Hongkong, e onde esperavam a abertura pelos novos tratados de numerosos portos no littoral chinez. Logo que puderam abriram n'estes pontos agencias. As importações da Europa e da America enviavam-se directamente a Shanghai e aqui se repartiam pelos differentes portos, entre outros por Tien-tsin, segundo a ne-

cessidade dos mercados. Este facto tem por causa o ser Tien-tsin inacessivel aos navios de grande tonelagem. Portanto os negociantes de Tien-tsin não foram durante muitos annos senão os commissarios dos chinezes para importação, e das casas de que eram representantes para a compra de mercadorias destinadas á exportação. Na sua grande parte ignorantes da lingua chinesa, os negociantes estrangeiros fizeram sempre uso dos *compradores* (do verbo portuguez *comprar*) uma especie de caixeiros-corretores fallando um inglez medonho o *Pigine Inghish*, *Pidgine* por *Business* (negocios.) O negociante estrangeiro, muito grande senhor, ou muito ignorante, para ser elle quem trate dos seus proprios negocios, manda o seu comprador a informar-se dos preços correntes e das necessidades do mercado, coisa facilima, pois que (a maior parte dos negociante ainda o ignoram) as grandes casas commerciaes chinezas publicam diariamente o preço dos generos e as cotações da praça. Os compradores muito impunemente alteram os preços, para que além dos tantos por cento que lhes cabe de cada operação augmentem os seus proventos com este latrocinio. D'este modo chegam a ter lucros tão grandes como os patrões. O mais reles criado indigena tem a sua parte, e um negociante, que, sabendo a lingua chinesa, queira tratar directamente com os negociantes chinezes, nada poderia conseguir; o porteiro e os criados da casa não lh'o permitiriam. Ha alguns annos que os tien-tsinezes raciocinaram que, sendo Shanghai o emporio da China para as mercadorias estrangeiras, era muito melhor ir alli comprar-as, evitando assim as commissões que sobre-carregam as mercadorias importadas pelas casas estrangeiras de Tien-tsin; começam a deslocar-se e ha dois annos crearam uma companhia de vapores chinezes embandeirados com a sua bandeira. Antes de muito tempo, como resultado da progressão natural do seu raciocinio, os chinezes irão comprar aos portos da Europa e America. Dentro em pouco veremos fluctuar em Marselha a bandeira commercial da China, a cruz de Santo André amarella sobre fundo verde. Trata-se já de crear missões diplomaticas que terão um character permanente nas principaes capitaes do Occidente e da criação de consulados chinezes nos nossos portos.

Entretanto parece-me conveniente o apresentar aqui uma estatística circumstanciada do commercio de Tien-tsin, que é o de Pekin e de todas as outras provincias do norte da China.

Em 1874, 300 navios estrangeiros, representando 149,050 toneladas, no valor de francos 141,600,000, entraram em Tien-tsin; isto é, 198 vapores com 120,092 toneladas e 102 navios de vela com 28,962 toneladas. Estes navios pertenciam ás seguintes nacionalidades:

Dos 198 vapores: 80 americanos, 77 inglezes, 39 chinezes, 1 sueco, 1 russo.

Dos 102 navios de vella: 44 allemães, 33 inglezes, 8 dinamarquezes, 5 americanos, 5 siamezes, 4 francezes, 2 hollandezes, 1 sueco.

Estes navios sahiram levando 124,910 toneladas de mercadorias representando apenas 15 % do valor da importação, isto é, 22 milhões de francos.

Em Tien-tsin a importação e exportação calcula-se em 373,964 toneladas, valendo 160,600,000 de francos, isto é, 14 % do commercio total da China com o estrangeiro, que em 1874 se elevou para os quatorze portos chinezes abertos ao commercio occidental a 1 milhar 169 milhões de francos.

Os 163,600,000 de francos respeitantes ao porto de Tien-tsin são assim repartidos: francos 83,400,000 de productos estrangeiros importados, 58,200,000 francos de productos chinezes importados, 9 milhões de productos chinezes exportados de Tien-tsin para o estrangeiro, 13 milhões de productos chinezes exportados de Tien-tsin para consumo dos portos chinezes.

Os algarismos precedentes mostram claramente a differença que se produz, não na quantidade, mas no valor relativo das importações e exportações.

Com effeito a exportação tem por artigos principaes o algodão em bruto, açoifeifas pretas e vermelhas, cornos de veado e d'outros animaes, de grande applicação na medicina chineza, flôres seccas d'olphão, muito apreciadas pelos gulosos meridionaes, tabaco d'Ytcheou e da Tartaria, lã de camello e de carneiro, em que se podia negociar em larga escala, se se conseguisse laval-a para lhe tirar a porcaria que a faz apodrecer na viagem; o chá que chega do sul passa em transito por Tien-tsin com destino á fronteira russa.

Estas diversas mercadorias, representando uma somma de treze milhões de francos são expeditas para os seguintes portos, que eu classifiquei segundo o valor dos productos importados:

1.º Shanghai; 2.º Cantão; 3.º Hongkong; 4.º Foochow; 5.º Swatow; 6.º Ning-po; 7.º Amoy; 8.º New-chwang; 9.º Hankow; 10.º Chefoo.

As importações, representando setenta e cinco por cento do commercio, dividem-se em duas categorias: os productos chinezes e os productos estrangeiros.

Os principaes productos chinezes são: papel, a maior parte do qual vem de Swatow; ervilhas e favas; arroz, sendo no norte muito caro, não tem consumo nas classes inferiores e é pelos menos abastados substituido pelo milho; as sedas de Soutcheou e Cantão; o assucar escuro, branco, candi, proveniente de Swatow; o tabaco preparado: os chinezes misturam-lhe azeite para que o tabaco não seque; os chás de Hankow e Foochow, cujo consumo está ao alcance de todos conforme a qualidade; uma folha de chá passa por bastantes infusões antes de desaparecer no estomago d'um mendigo; serviu primeiro ao senhor, aos seus criados, na casa de chá, no theatro, na hospedaria da cidade e na taberna aldeã; seccam estas folhas ao sol dentro de cestos de vime, que nem ao trabalho se dão de os esconder aos olhos dos que passam. O mesmo succede com o chá em tijolos destinado aos mongols que fazem ferver em leite fermentado de burra ou de camello femea: este chá assim preparado serve de moeda n'aquelle paiz. Uma companhia de cavallinhos franceza vinda de S. Petersburgo a Pekin em 1870, no grande numero d'espectaculos que deu durante a viagem, não recebeu outra moeda dos espectadores mongols. Teria sido necessario muitas casas para guardar aquella receita se não se podesse trocar por carneiros, leite, manteiga, etc., etc.

Segundo a importancia da sua respectiva exportação por Tien-tsin em seguida damos a lista dos portos chinezes:

1.º Shanghai; 2.º Cantão; 3.º Hongkong; 4.º Swatow; 5.º Foochow; 6.º Amoy; 7.º Takow; 8.º Chefoo; 9.º Hankow; 10.º Ning-po; 11.º New-chwang.

As importações de productos estrangeiros, consistem principalmente em tecidos d'algodão, de lã, metaes, phosphoros, agulhas, madeira de sandalo, pau de sapão, sargaço japonéz e russo, chá do Japão, vidraça e emfim o opio.

As fazendas d'algodão e de lã veem na sua grande parte de Manchester, onde são expressamente fabricadas para a China. Muitas tentativas infructiferas se teem feito para introdução das fazendas d'algodão francezas. Os inglezes e americanos devem o seu predominio aos grandes sacrificios que fizeram alterando as dimen-



VISTA TIHADADA DO ANTIGO CONSULADO DE FRANÇA EM TIEN-TSIN: O Pei-ho e os seus dois confluentes — Desenho de J. Moynet, segundo uma photographia do doutor Morache